

**EDIÇÃO DE
COLECIONADOR**

AVENTURAS NA
HISTÓRIA
apresenta

50 ANOS DE REVOLUÇÃO COMUNISTA

CUBA

FIDEL CASTRO ★ CHE GUEVARA ★ RAÚL CASTRO ★ CIENFUEGOS

Os heróis que
ninguém conhece

- ★ CELIA SÁNCHEZ
- ★ HUBER MATOS
- ★ FRANK PAÍS



*Hasta la
victoria
siempre*

€ MAIS: A ILHA NOS TEMPOS DE FULGÊNCIO BATISTA ❖
TÁTICAS DE GUERRILHA EM SIERRA MAESTRA ❖ A TRÁGICA INVASÃO DA
BAÍA DOS PORCOS ❖ PLANOS DA CIA PARA MATAR *EL COMANDANTE*

O ANJO E O CAPEA



Grafite num muro de Havana celebra 50 anos de "vitórias" da revolução

Quando penso em Revolução Cubana, sempre vem a minha cabeça aquela imagem do anjo cochichando em um ouvido e o diabo atijando no outro. Por um lado, morro de vontade de enxergar em Fidel Castro um bom sujeito, corajoso, determinado a livrar sua ilha da dominação estrangeira. Seria justo. Afinal, quem não lutaria por uma causa tão digna? Mas esse é o capeta falando. O anjo, na outra orelha, lembra que Fidel derrubou uma ditadura para instalar outra no lugar. Que o regime sempre foi – e continua sendo – opressor, apesar dos avanços em áreas como educação, saúde e esporte. E que o povo cubano é quem mais sofre, com uma falta crônica de liberdade e de esperança de um futuro melhor.

A revolução mais romântica de todos os tempos, com suas vitórias e seus fracassos, está completando 50 anos. Se todos concordam comigo sobre o grau de romantismo, não sei. Mas é fato: estamos falando de um dos acontecimentos mais importantes do século 20. Cinco décadas depois, ela continua vagando entre o céu e o inferno. Até hoje, desperta paixões e ódios exacerbados. E seus personagens geralmente são vistos como heróis ou vilões, não costuma haver meio termo. Talvez por isso mesmo a Revolução Cubana siga cativando tanta gente, como eu e você, que a certa altura da história já nem sabe mais para quem torcer. ★

Boa leitura.

Eduardo Lima, editor

AVENTURAS NA HISTÓRIA

Redatora-chefe: Patrícia Hargreaves
Editora de Arte: Débora Bianchi

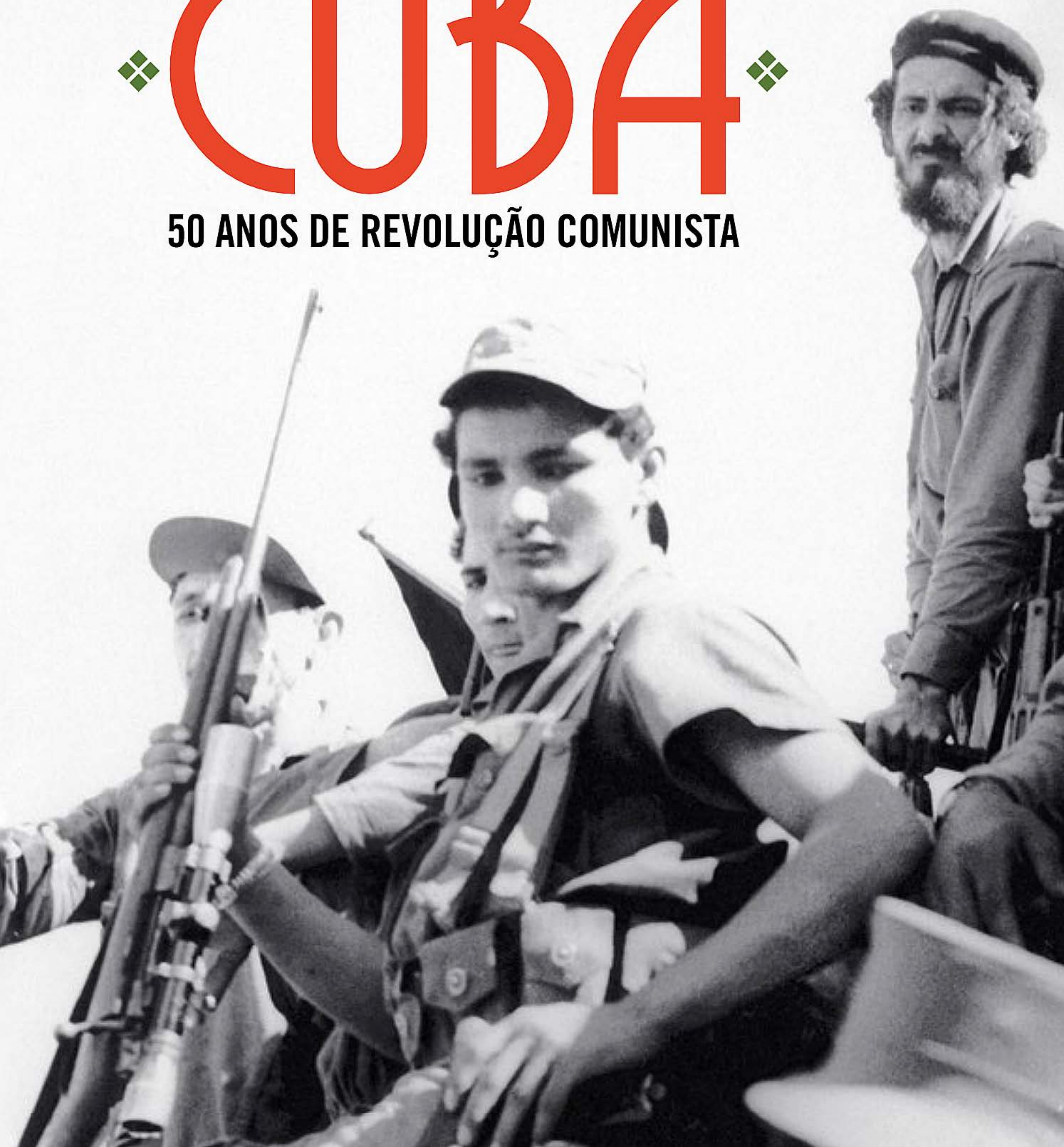
Colaboraram nesta edição: Eduardo Lima (editor), MMT (edição de arte), NRP (pesquisa de imagens), Gisele C. B. Rego (revisão) Coordenadora Administrativa: Vera Leite CTI: Alvaro Zeni (supervisor), Erika Nakamura, Edvânia Silva, Juarez Macedo, Leandro Marcinari, Zeca França, Leo Ferreira, Rodrigo Lemes, Regina Sano Apolo Editorial: Bia Mendes Depto. de Documentação e Abril Press: Grace de Souza Diretoria de Arte: Carlos Grassetti Editoria de Infografia: Luiz Iria Treinamento Editorial: Edward Pimenta

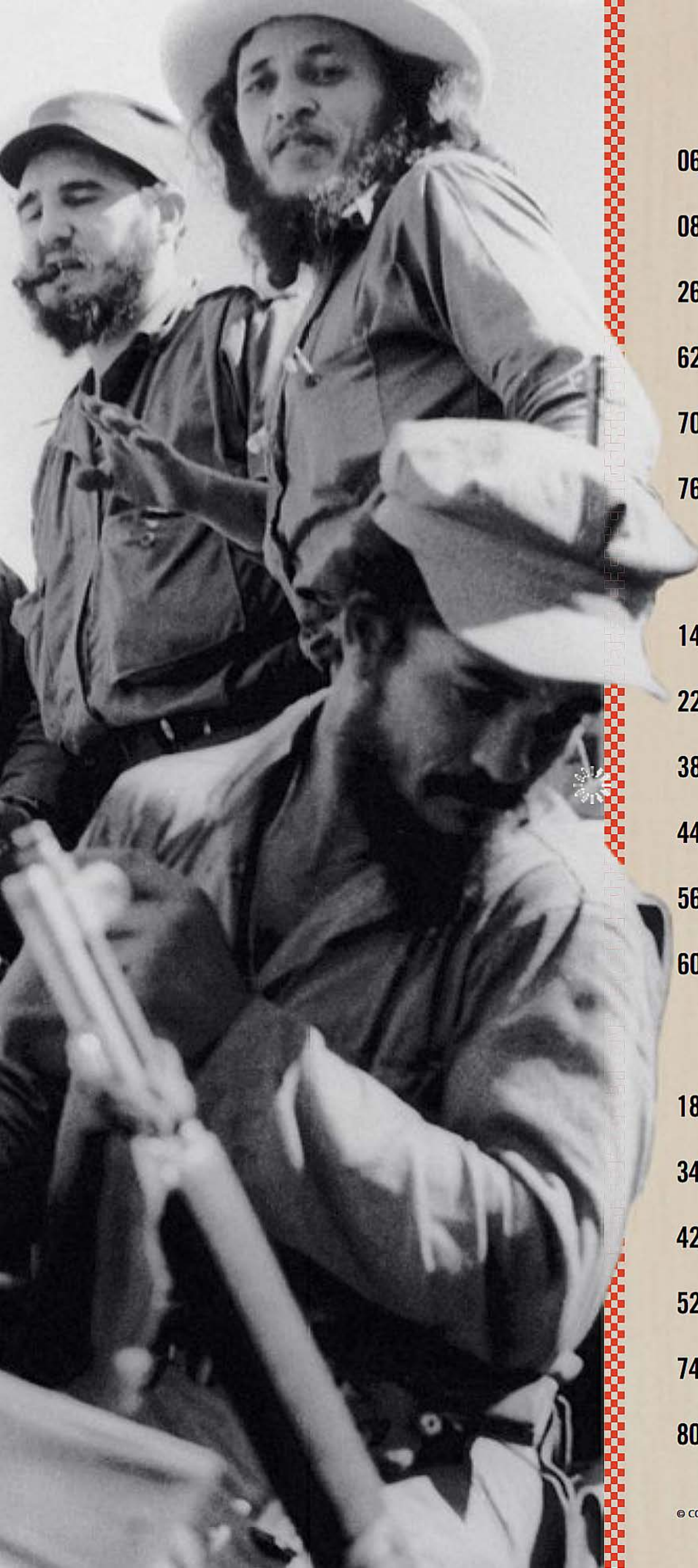
O ESPECIAL CUBA foi publicado em outubro de 2008 pela Editora Abril S/A e republicado pela Editora Caras S.A. em Agosto de 2020

SUMÁRIO

CUBA

50 ANOS DE REVOLUÇÃO COMUNISTA





50 ANOS

06 INTRODUÇÃO

Os dois lados da Revolução Cubana

08 ANTES DA REVOLUÇÃO

Fulgêncio Batista e sua ilha da fantasia

26 BASTIDORES

Nem todos eram comunistas no bando

62 ENSAIO

Havana pelas lentes de Claudio Edinger

70 CONSPIRAÇÃO

638 maneiras de assassinar Fidel Castro

76 CUBA HOJE

Um balanço de meio século de revolução

HISTÓRIA

14 MONCADA

O ataque suicida ao quartel do Exército

22 EXÍLIO

O treinamento de guerrilha no México

38 CLANDESTINOS

A vida secreta dos guerrilheiros urbanos

44 VITÓRIA

As batalhas decisivas travadas em 1958

56 GUERRA FRIA

A marcha da revolução rumo ao comunismo

60 BAÍA DOS PORCOS

O grande erro cometido pelos americanos

PERSONAGENS

18 FIDEL CASTRO

El Comandante do Exército Rebelde

34 CHE GUEVARA

A origem de um ícone *pop* do século 20

42 CELIA SÁNCHEZ

A mulher por trás das decisões de Fidel

52 CIENFUEGOS

O guerrilheiro mais irreverente da história

74 HUBER MATOS

Herói de guerra condenado por traição

80 RAÚL CASTRO

O que será de Cuba com ele no poder?

ACIMA DO BEM É DO MAL

PARA CORAÇÕES LIBERTÁRIOS AO
REDOR DO MUNDO, POUCO IMPORTA
SE A REVOLUÇÃO FEZ JUSTIÇA SOCIAL
OU NÃO PASSA DE UMA DITADURA.
CINQUENTA ANOS DEPOIS, ELA AINDA
É UMA FONTE DE INSPIRAÇÃO

Por Lira Neto



Apomba branca sobrevoou a multidão num rasante e, para espanto de todos, pousou caprichosamente no ombro do orador, que poucos minutos antes entrara em Havana, de pé sobre um tanque de guerra, abrindo a caravana triunfal que seguia atrás dele. Aos olhos dos milhares de cubanos que, naquele 8 de janeiro de 1959, tremulavam bandeiras e acotovelavam-se para assistir ao primeiro discurso de Fidel Castro como líder vitorioso da revolução, era um evidente sinal de bom presságio.

Para os crentes da *santería* – a principal religião em Cuba, de raiz africana, como nosso candomblé –, as pombas são símbolos sagrados de Obatalá, o filho de Deus, que governa a mente e os sonhos de todos os seres humanos. Portanto, a ave pousada sobre o ombro do comandante guerrilheiro seria a prova definitiva de que aquele era o líder escolhido pelos deuses para guiar e proteger seu povo. O messianismo religioso fundia-se, naquele instante, com uma generosa e inegável dose de messianismo político – a idéia de que cabe às revoluções a missão histórica de restaurar a paz, a justiça e a igualdade entre os homens.

Naquele dia de comemorações cívicas, Fidel segurou o pássaro por alguns minutos entre os dedos em concha e, logo em seguida, soltou-o no ar, numa espécie de ritual, também carregado de simbologia para a multidão. Com gestos largos, desenhando o ar com mãos espalmadas ou punhos cerrados, o comandante continuou a eletrizar o público com frases longas e cortantes. Após sete anos de luta, a revolução triunfara. Dias antes, às vésperas do ano-novo, o ditador Fulgêncio Batista fugira às pressas do país, ante a notícia da chegada dos guerrilheiros às principais cidades e guarnições militares. “*Cuba libre!*”, saudava a massa.





Cenas como essa ajudaram a construir uma mística em torno da revolução liderada por Fidel e Che Guevara. Havia algo de irresistivelmente romântico na ação daqueles rapazes barbudos que, embrenhados no meio da mata, arriscaram suas juventudes e lutaram de armas na mão para defender uma causa e uma única palavra de ordem: “pátria ou morte”.

Há 50 anos, a Revolução Cubana continua alimentando o imaginário de várias gerações ao redor do mundo. A trajetória daquela ilha, em meio ao mar do Caribe, permanece envolta numa aura de heroísmo que beira o mito. Conhecer sua história ajuda-nos a compreender o fenômeno. Durante quatro séculos, Cuba esteve submetida aos ditames da colonização espanhola. Por mais outro meio século, foi dominada pela ingerência americana em sua vida política e econômica. Com a vitória de Fidel e Che Guevara, sonhava-se enfim com uma era de liberdade para o alegre, mas sofrido povo cubano.

As contingências da Guerra Fria acabaram levando à adesão de Havana ao bloco comunista, liderado pela antiga União Soviética. A partir de então, a Revolução Cubana só fez despertar paixões irreconciliáveis. De um lado, os que cultuam o movimento que depôs uma ditadura corrupta, enfrentou o poderio de Washington e já exibiu índices invejáveis na área social em relação a outros países do Terceiro Mundo. De outro, os críticos contundentes de um regime que fuzila dissidentes e que insiste em cercear a liberdade de opinião e de imprensa na ilha.

Com o afastamento definitivo de Fidel Castro do comando do país, após quase meio século decorrido desde a vitória de sua revolução, o mundo inteiro indaga-se: qual será o futuro de Cuba, agora sob nova direção? Sejam quais forem os rumos da sociedade cubana daqui por diante, de uma coisa, não há dúvida: a odisséia dos guerrilheiros de Sierra Maestra compõe um dos momentos mais significativos do século 20. ★

Saiba mais

LIVRO

Cuba: Uma Nova História, Richard Gott, Jorge Zahar, 2006
Um panorama abrangente da ilha de Fidel Castro, desde o período pré-colombiano até os anos pós-União Soviética.

A CASA DO PAI FULGÊNCIO

CASSINOS, DROGAS, PROSTITUTAS, MAFIOSOS ÍTALO-AMERICANOS... BEM-VINDO À ILHA DO DITADOR FULGÊNCIO BATISTA, UM PAÍS CASTIGADO PELA CORRUPÇÃO E PELA DESIGUALDADE SOCIAL

Por Álvaro Oppermann



im de ano agradável em Cuba, com dias ensolarados e temperatura amena. Era dezembro, 1946. No aeroporto de Camagüey, uma multidão de turistas americanos desembarcava diariamente, vinda de Nova York e Miami pelos vôos da Pan Am. Chegavam alvoroçados e seguiam com pressa para os luxuosos hotéis, cassinos, cabarés e balneários da ilha.

Já no Hotel Nacional, o mais famoso e charmoso de Havana, a clientela destoava um bocadinho desse clima festivo. Sujeitos corpulentos e taciturnos, vestidos com ternos escuros, ocupavam o saguão de entrada. Um ou outro lia o jornal *Miami Herald*, entre baforadas de Davidoff. Esse charuto de tipo “robusto” – curto e bojudinho – era o preferido dos capangas da máfia. Os sujeitos do saguão, você já deve ter adivinhado, eram mafiosos ítalo-americanos. E estavam lá porque, entre os dias 22 e 26, o Nacional foi palco de uma reunião de mais de 20 famílias do crime organizado americano.



Hotel Nacional, o mais famoso e charmoso da ilha: freqüentado por gente rica e mafiosos



O mentor do encontro, Meyer Lansky, um judeu russo que se tornou lendário na crônica policial de Nova York, operava em Havana desde os anos 30. Conhecido como Little Man (Nanico), Lansky costurou a reunião para selar um pacto entre as famílias quanto à exploração de jogo, prostituição e tráfico de drogas em Cuba e nos Estados Unidos. Quase todos os chefões compareceram, entre eles Vito Genovese, Frank Costello, Tommy Lucchese, Alberto Anastacia, Lucky Luciano e Santo Trafficante. A única ausência sentida foi a de Al Capone, que, sofrendo de sífilis, não tinha mais forças para sair de sua mansão de cinema em Palm Beach, na Flórida.

Depois das negociações, feitas a portas fechadas na suíte 212, os mafiosos rumavam para o Salão de Banquetes, onde eram entretidos por belas prostitutas e coristas dos melhores cabarés *habaneros* – Tropicana, Montmartre e Sans Souci. No dia 25, não faltou um animado banquete de Natal. Para animar as cinco noites do encontro, foi contratado o segundo cantor mais popular da América, depois de Bing Crosby: Frank Sinatra.

PÉROLA DAS ANTILHAS

Entre as décadas de 1930 e 1950, Cuba tinha se tornado um paraíso de impunidade para organizações criminosas. “Cada túnel e rodovia construído em Havana nos anos 50 vinha do dinheiro da máfia”, escreve o jornalista americano T.J. English, autor do livro *Havana Nocturne* (“Noturno de Havana”, inédito em português). A ilha era



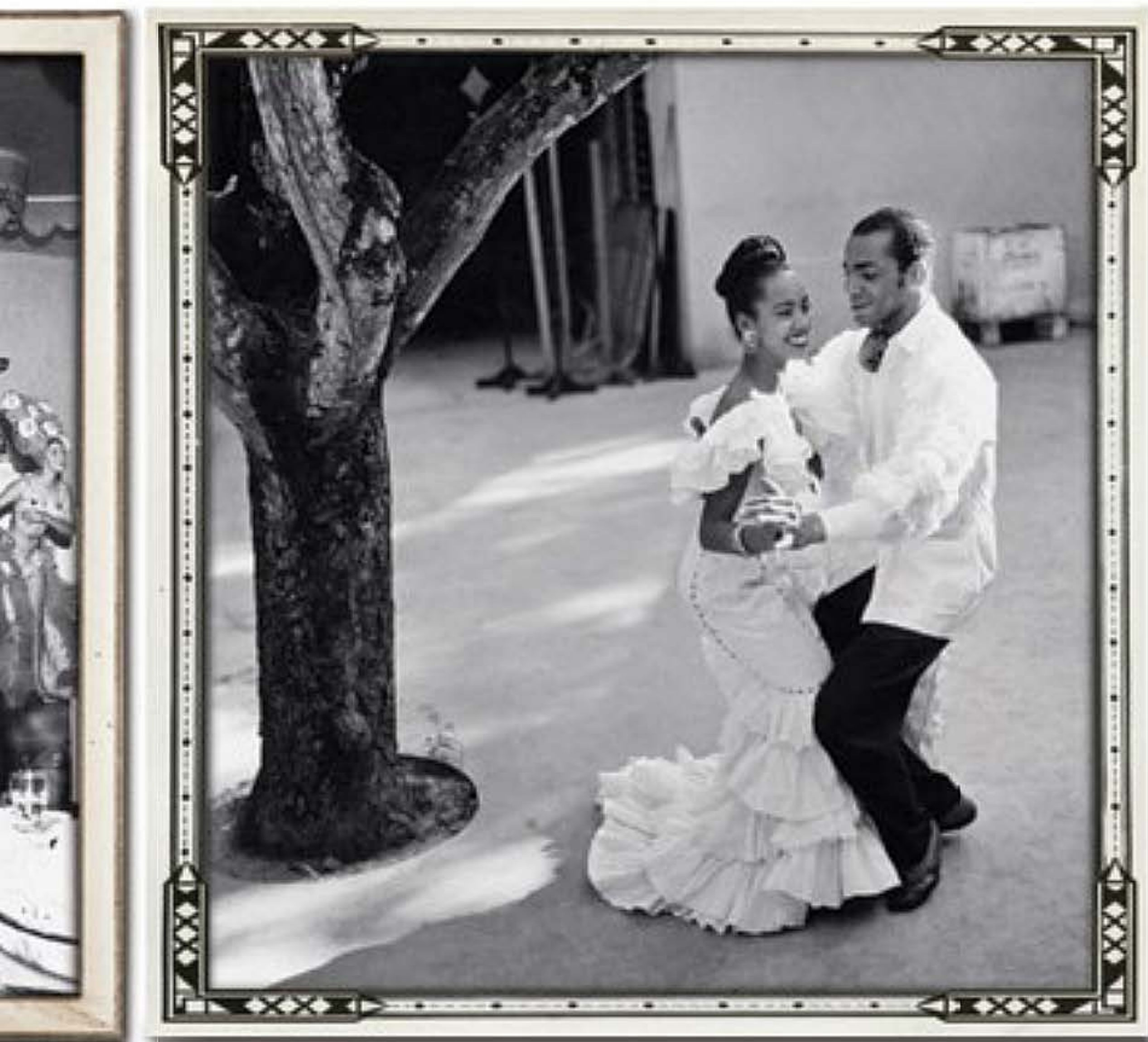
Hotel-cassino Sans Souci, de propriedade



O cantor Frank Sinatra e sua esposa, a atriz Ava Gardner: *shows* para a máfia em Cuba

sinônima de charutos, cassinos, rum, mulheres e música. Mas essa casca de faceirice escondia um país miserável, marcado por segregação racial e desigualdade social. Por trás dessa situação, dois fatores determinantes: a subserviência total aos interesses dos Estados Unidos e a influência perversa de um militar que virou o homem forte de Cuba: Fulgêncio Batista.

Os interesses americanos na “Pérola das Antilhas” – assim chamada pelos conquistadores espanhóis – datavam do século 19. Na Guerra dos Dez Anos (1868-1878), quando a aristocracia *criolla* (espanhóis nascidos na ilha) tentou a independência da Espanha, a interferência dos Estados Unidos foi discreta. Em 1895, de novo, os *criollos* insurgiram-se contra a Coroa, dessa vez, liderados pelo poeta, advogado e ativista político José Martí (*leia mais no quadro da pág. 27*). Era uma luta ganha para os cubanos. O imperialismo espanhol estava tão combalido àquela altura que poderia tranquilamente ser derrotado sem a ajuda de ninguém. Mas não foi assim. Em 1898, os Estados Unidos declararam guerra à Espanha e engrossaram a briga. Exigiram a independência de Cuba. E conseguiram. No dia 1º de janeiro de 1899, os americanos assumiram a administração da ilha, que ficou sob controle militar.



da máfia, e dançarinos do cabaré Tropicana: Havana era uma Broadway caribenha

A tutela acabou em 1902, mas seus efeitos revelaram-se duradouros. Nas décadas seguintes, a sociedade cubana acabaria dividida: de um lado, os funcionários de empresas americanas estabelecidas na ilha, como General Motors e United Fruit Company, burocratas dos Estados Unidos e a nata da sociedade branca local; de outro, o “populacho”: brancos menos favorecidos, negros e mulatos.

O balneário de Banes, na província de Holguín, sede da United Fruit, era um exemplo da segregação. Ali havia uma demarcação rígida entre a “cidade americana” e a “cidade cubana”. “A Banes ‘americana’ era uma comunidade fechada de chalés e bangalôs, com jardins e ruas meticulosamente limpas, como se um subúrbio dos Estados Unidos tivesse sido transplantado”, escreve o historiador americano Louis A. Pérez em *Cuba Between Reform and Revolution* (“Cuba entre a reforma e a revolução”, sem tradu-

ção para o português). A outra Banes era repleta de casebres sem pintura, ruas esburacadas de chão batido e falta de saneamento básico. Em 1948, Fidel Castro, então recém-casado com Mirta Díaz-Balart, filha de um advogado da United Fruit, conheceu a parte exclusiva de Banes. O acesso era controlado por um portão cercado de guardas, e só os funcionários e convidados tinham acesso a ela.

VIVA LA VIDA LOCA

Foi nesse clima que irrompeu, feito furacão na cena política, o jovem oficial Fulgêncio Batista, em 1933. “Batista, além de megalômano, era um modernizador compulsivo”, escreve o americano Robert Whitney em *The Architect of the Cuban State* (“O arquiteto do estado cubano”, inédito no Brasil), uma biografia do ditador. Batista logo percebeu que, para fazer as reformas desejadas, precisava de dinheiro novo. E foi bater à porta da máfia.

Apesar de estar enraizado em Cuba desde a década de 1920, o crime organizado só ganhou musculatura na ilha – e liberdade para agir – com Batista. Obviamente, uma mão lavou a outra. “A máfia americana tornou-se um dos braços do ditador no poder”, afirma o cubano Enrique Cirules, autor de *El Imperio de la Habana* (“O império de Havana”, também inédito por aqui), sobre a presença da máfia em Cuba. Havana, uma cidade colonial, foi reurbanizada, ganhou hotéis, clubes e cassinos. Por um decreto de 1937, as casas de jogos viraram concessão estatal. A licença de um novo estabelecimento custava 25 mil dólares, mais 20% dos lucros anuais.

O cartão de visitas da ilha era o Tropicana, um *nightclub* inaugurado em 1939, no bairro Marianao, Havana. Seus espetáculos, com garotas seminuas e coreografias monumentais de Roderico “Rodney” Neyra, ajudaram a fazer da cidade uma referência mundial do *show business*, como a Broadway, em Nova York. Carmen Miranda, Nat King Cole e Josephine Baker apresentavam-se lá regularmente. A orquestra do catalão Xavier Cugat revezava-se entre o hotel Waldorf Astoria, em Manhattan, e Cuba.

Na década de 1950, a Cubana Airlines oferecia um voo especial Miami-Havana, que saía no fim da tarde e retornava aos Estados Unidos às 4 da manhã. A bordo dos Lockheed-1049 Constellation da frota, os passageiros jantavam ao som de pianos de cauda, especialmente instalados nos aviões. O ator George Raft, que se popularizou no papel de gângster em filmes da Warner Brothers, só se hospedava numa suíte do hotel Capri, em Havana, onde promovia festas particulares com prostitutas, cocaína e jogatina.

A alquimia financeira de Batista deu certo: os dólares injetados na economia geraram bolsões de prosperidade nas principais cidades da ilha. Cuba era primeiro lugar na América Latina e no Caribe em número de aparelhos de televisão, com 150 mil televisores, e tinha quatro emissoras de TV. Também era recordista em número de salas de cinema, e filmes de sucesso de Hollywood estreavam quase simultaneamente em Nova York e Havana. A influência americana fazia-se notar até no esporte favorito dos cubanos: o *baseball*. A garotada idolatrava o jogador Mickey Mantle, do New York Yankees.

Era, sem dúvida, um mundo de absoluta despreocupação e muito *glamour*. Mas também de decadência. O lendário cantor cubano Ignacio Villa, mais conhecido como Bola de Nieve, sintetizou o espírito daqueles anos com uma frase cortante: “*Yo soy un hombre triste que me paso la vida muy alegre*” (Eu sou um homem triste que leva uma vida muito alegre).



O mafioso americano Meyer Lansky: “sócio” de Batista em vários negócios



Multidão acotovela-se em Havana para conseguir uma simples porção de carne fresca,

O homem que, discretamente, montou o império mafioso em Cuba foi Meyer Lansky. Em 1934, Fulgêncio Batista queria aumentar o rendimento medíocre dos cassinos de Cuba e chamou um gerente de corridas de cachorro da Nova Inglaterra, Lou Smith, para supervisionar a operação. Como não tinha a menor experiência no assunto, Smith, por sua vez, pediu ajuda ao baixinho Lansky, antigo parceiro de tráfico de bebidas durante a Lei Seca americana. Lansky e o estadista cubano entrosaram-se rapidamente.

Com o tempo, o gângster montou um esquema de lavagem de dinheiro e contrabando de diamantes e ouro entre os Estados Unidos, Cuba e bancos suíços. Havana servia de ponto intermediário do triângulo, um lugar discreto e seguro para a entrada e a saída de mercadorias, divisas ou o que fosse. O “Nanico” também serviu de “embaixador” quando outros mafiosos se estabeleceram na ilha. Os Trafficante, pai e filho, influentes criminosos no estado da Flórida, tornaram-se os proprietários de um

hotel-cassino – o Sans Souci, na rua 51, em Havana. De quebra, enviavam cocaína e heroína provenientes da Colômbia para os Estados Unidos.

Batista permitiu que a máfia ganhasse licença para abrir instituições financeiras em Cuba. Don Amadeo Barletta, um calabrês que, na década de 1930, servira de “laranja” para negócios do ditador italiano Benito Mussolini, fundou o Banco Atlantico S/A em Havana. E ganhou uma concessionária da General Motors em Santiago. Antes tratados como marginais, os mafiosos ganharam súbita respeitabilidade na ilha. “Eles passaram a usar colarinho branco e limpavam o vocabulário. Viraram homens de negócio”, escreve T. J. English.

A Era Batista chegou ao ápice em 1952, quando Fulgêncio deu um golpe de Estado e proclamou-se ditador. Cuba, àquela altura, tinha o terceiro maior PIB entre os países latino-americanos. Mas as distorções sociais e a inversão de valores eram visíveis. A indústria da prostituição gerava mais dinheiro que a exportação de frutas. Estima-se que 20 mil prosti-



em 1945: profunda clivagem social

tutas trabalhavam nas ruas e cabarês de Havana, cidade campeã de abortos na América. Em 1954, também na capital, um médico ganhava 90 pesos por mês. No mesmo período, um crupiê recebia 1,5 mil, fora as gorjetas.

No interior do país, o cenário era de miséria absoluta. O sopé de Sierra Maestra era pontilhado de cruces, pertencentes às covas de trabalhadores dos canaviais (os chamados *macheteros*), que morriam na beira da estrada, à espera de transporte até os hospitais de Santiago de Cuba. No campo, 70% das crianças não freqüentavam a escola. Batista ainda não percebia. A máfia, tampouco. Mas aquele cenário era o estopim de uma revolução. Quando ela explodisse, os dois seriam varridos da ilha. ★

Saiba mais

LIVRO
Havana Nocturne, T. J. English, William Morrow, 2008 (em inglês)
Uma crônica das relações entre o crime organizado americano e o regime de Fulgêncio Batista, dos primeiros passos da máfia em Cuba até a fuga do ditador.

"NOSSO HOMEM EM HAVANA"

Batista teve apoio irrestrito dos Estados Unidos no golpe de 1952. Afinal, ele caçava e fuzilava comunistas em plena Guerra Fria

Ruben Fulgêncio Batista Zaldívar nasceu na província de Oriente, em Cuba, no dia 16 de janeiro de 1901. Veio de uma família pobre: seus pais eram *macheteros*, cortadores de cana. Tinha sangue negro, índio, branco e, segundo a crença popular, até chinês. Em abril de 1952, a revista *Time* estampou-o na capa, com uma estridente manchete: "Ditador!". Um mês antes, Batista liderara um golpe de Estado. Foi a formalização de algo que todo mundo já sabia: entre 1933 e 1958, ele mandou e

desmandou na ilha, seja como presidente ou eminência parda.

Batista: dono da ilha de 1933 a 1958

Quando liderou uma revolta militar em 1933, tomando o poder pela primeira vez, Cuba vinha de uma sucessão de presidentes inoperantes ou sanguinários. Talvez por isso, o golpe de Estado parece não ter incomodado a elite cubana. O presidente americano, Franklin Roosevelt, preferiu manter um pé atrás. "Melhor ficar de olho nele", telegrafou para o embaixador em Havana.

Nos anos seguintes à rebelião, Batista atuaria nos bastidores, elegendo presidentes-fantoches e fuzilando adversários. Até 1940, quando ele próprio foi eleito presidente para quatro anos de mandato. Em 1952, novo golpe de Estado. A Constituição foi rasgada e o Congresso, dissolvido. Tortura e perseguição política tornaram-se práticas ainda mais comuns na ilha. Nesse período, o ditador teve apoio irrestrito de Eisenhower, o presidente americano da vez. Fazia sentido, afinal, os dois odiavam comunistas. Mas veio a revolução comandada por Fidel Castro. No dia 31 de dezembro de 1958, Batista fugiu de Cuba e foi viver entre Portugal e Espanha, abrigado pelos ditadores Salazar e Franco. Morreu em agosto de 1973.



©3

1953

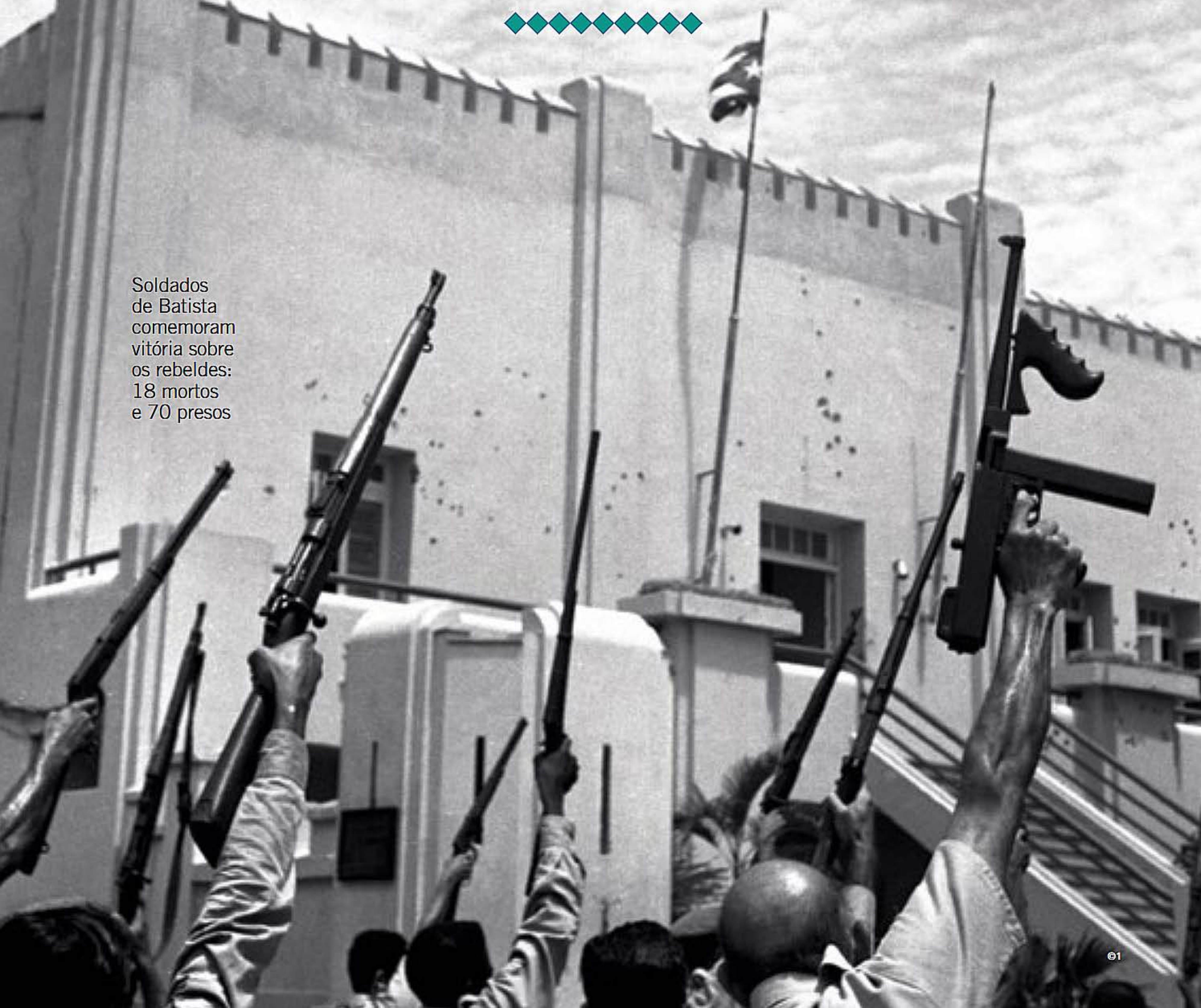
MISSÃO SUICIDA

O ATAQUE AO QUARTEL MONCADA FOI O PRIMEIRO CAPÍTULO DA REVOLUÇÃO CUBANA – UM LEVANTE ESMAGADO PELO EXÉRCITO DE FULGÊNCIO BATISTA, QUE ACABOU COM FIDEL E RAÚL CASTRO INDO PARAR NA CADEIA

Por Lilian Hirata



Soldados de Batista comemoram vitória sobre os rebeldes: 18 mortos e 70 presos



Enquanto pierrôs e colombinas brincavam nas ruas de Santiago, no dia 24 de julho de 1953, um grupo formado por 162 jovens de classe média chegava à cidade. Eles vinham da capital, Havana. Mas aquelas pessoas não tinham viajado quase 800 quilômetros para pular o carnaval (que, em Cuba, acontece no meio do ano). O objetivo era ambicioso: dar início a uma revolução que derrubaria o ditador Fulgêncio Batista. Liderados por Fidel Castro, um advogado recém-saído da faculdade, então com apenas 26 anos, eles pretendiam invadir o quartel Moncada – uma das maiores fortalezas do Exército de Batista, perto de Santiago. Os rebeldes instalaram-se num sítio alugado a 20 minutos de distância. E só saíam de lá na alvorada do dia 26, prontos para o ataque.

A data não foi escolhida ao acaso. Fidel esperava surpreender os militares de Moncada, que provavelmente estariam em clima de festa, talvez até cansados por conta da folia de carnaval. Os rebeldes seriam divididos em quatro times, comandados por ele próprio e por seu irmão, Raúl Castro, além de Abel Santamaría e Raúl Martínez Ararás. Em investidas sincronizadas, eles tomariam de assalto não apenas o quartel e sua estação de rádio, mas também o Palácio da Justiça e o Hospital Civil, ao lado da fortaleza militar. Enquanto isso, outro grupo rebelde iria se encarregar de impedir que o Exército enviasse reforços, neutralizando o quartel localizado em Bayamo, um município vizinho.

No dia do ataque, tudo teria de funcionar com absoluta precisão. Às 5 horas da manhã, todos deixariam o sítio numa comitiva de carros, com uniformes iguais aos dos soldados de

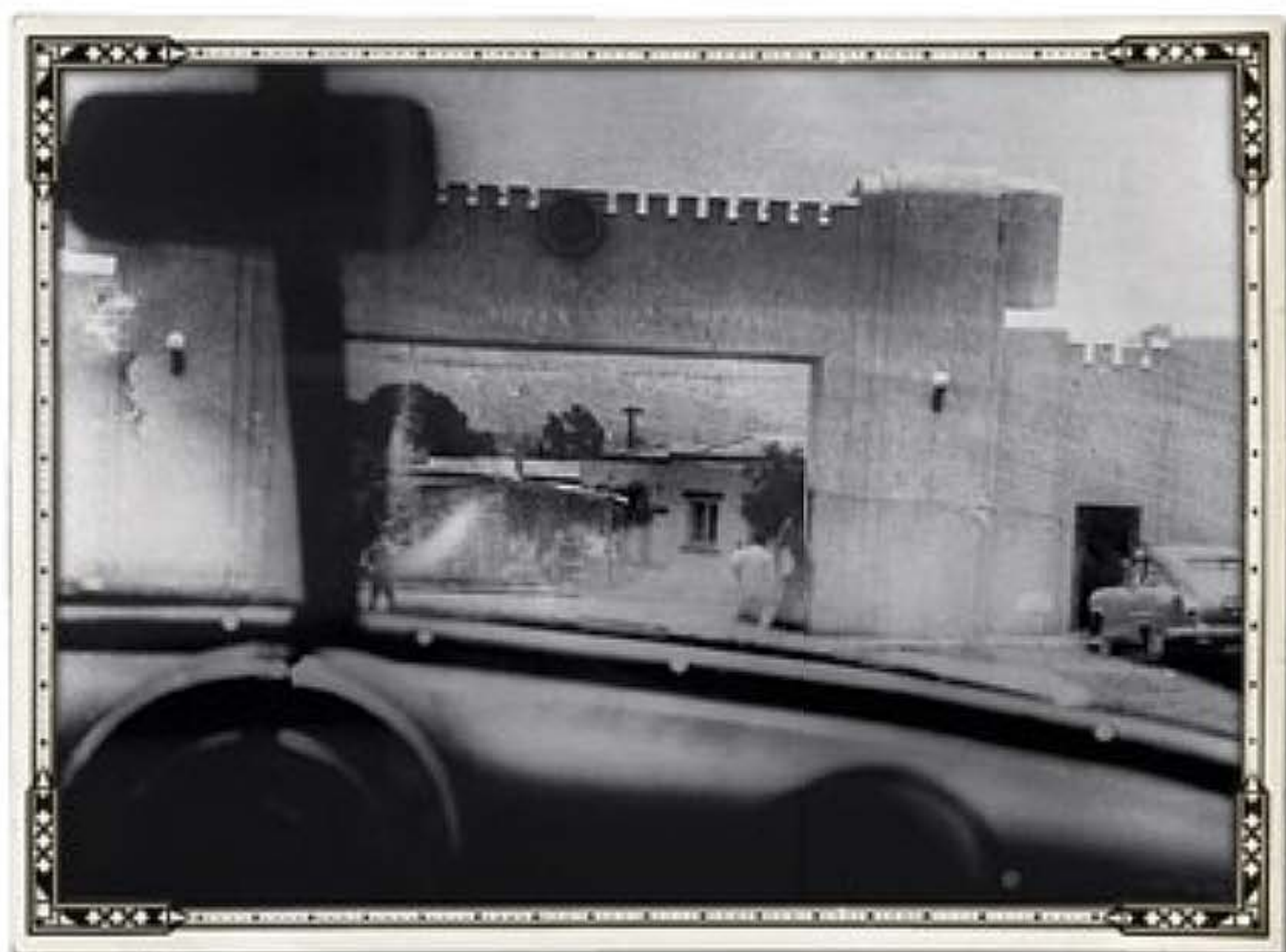
Batista. Fidel, a bordo de um Buick verde alugado, placa 169-361, tentaria se passar por general do Exército em visita. Seria um dos primeiros a entrar em Moncada. E o faria em grande estilo, pelo portão principal – onde as sentinelas já teriam sido rendidas. Assim que a rádio fosse ocupada, o poeta Raúl Gómez García leria um manifesto pedindo a volta da democracia e incitando a população à luta armada. O passo seguinte seria distribuir as armas do quartel entre civis dispostos a encampar a revolução.

BAIXAS ALÉM DA CONTA

Depois de revelados os detalhes do plano, poucas horas antes do início da operação, pelo menos dez integrantes do grupo decidiram pular fora, percebendo o tamanho da encrência em que estavam prestes a meter-se. Outros tantos, talvez 30 ou mais, declararam-se incapacitados para a tarefa – ou porque estavam doentes, ou porque as armas não eram sufi-

cientes para todos. Fidel Castro compreendeu. Ele mesmo já tinha declarado a seus comandados que aquela seria uma missão suicida, e que não haveria represálias para quem preferisse desistir. Só não contava com tantas baixas. Dos 162 rebeldes originais, agora restavam menos de 120. E a batalha nem tinha começado.

Quando o dia 26 de julho finalmente começou a raiar, o que restou do bando de Fidel já não se agüentava de ansiedade. Tratava-se, porém, de uma agonia com hora marcada para acabar. Às 5 horas em ponto, teve início a operação. E, logo de cara, dois acontecimentos colocaram tudo a perder. Os carros que levavam Fidel Castro e seus camaradas não convenceram no papel de “comitiva de general”. Resultado: foram interceptados antes de chegar ao quartel. O Buick de Fidel acelerou e partiu para cima de um grupo de soldados. Acabou espatifando-se contra um muro, mas o comandante conseguiu escapar.



Um dos carros usados no ataque: Fidel Castro queria se passar por general



©1

Corre-corre dos homens de Batista em Moncada, no momento do ataque, e insurgentes mortos na operação: 15 anos de cadeia para Fidel e Raúl

Enquanto isso, no portão principal do quartel, uma patrulha do Exército apareceu justo na hora em que os rebeldes se preparavam para render as sentinelas. Teve início um tiroteio infernal. Armados com carabinas calibre 22, escopetas de caça, revólveres e pistolas, os companheiros de Fidel não eram páreo para os 400 soldados em serviço naquele momento, munidos até de canhões. Rebeldes foram presos, é claro, entre eles Raúl Castro e Abel Santamaría. Mas a maioria conseguiu escapar.

Na investida contra o quartel Carlos Manuel de Céspedes, em Bayamo, a situação também fugiu ao controle. Embora a operação tivesse sido minuciosamente planejada desde o início daquele mês de julho, tudo deu errado na hora H. O morador local que conduziria rebeldes disfarçados para dentro do quartel sumiu no dia anterior e nunca mais deu as caras. O jeito, agora, seria depositar todas as



©2

fichas no elemento-surpresa e atacar com a maior violência possível. Mas o avanço do grupo foi percebido de longe. A troca de tiros que veio em seguida durou cerca de 20 minutos. De um lado, havia soldados do Exército aquartelados; do outro, rebeldes mal treinados e mal-armados, inteiramente expostos ao fogo inimigo.

Em meio à confusão, e desesperado para sair dali, o rebelde Níco López simplesmente esqueceu que não sabia dirigir. Só foi lembrar-se desse

detalhe quando já estava ao volante de um dos carros usados no ataque, agora lotado de revolucionários em fuga. O automóvel deu alguns solavancos, acabou perdendo uma das rodas e não saiu mais do lugar. Para seus ocupantes, a solução foi fugir a pé. Alguns não conseguiriam. E acabariam capturados pelo Exército.

Somados os ataques a Moncada e Bayamo, 18 rebeldes morreram e qua-

se 70 foram parar atrás das grades. Segundo a história oficial, muitos deles não sobreviveriam aos porões da ditadura de Fulgêncio Batista. O caso de Haydée Santamaría – irmã de Abel, um dos líderes dos ataques – virou símbolo da tortura praticada naquele período. Haydée participou da operação de Moncada e foi presa pelas tropas de Batista. Na cadeia, enquanto esperava para ser interrogada, teria recebido uma encomenda macabra: os olhos do irmão e um dos testículos do namorado, Boris Luis La Coloma, também detido pelas forças do ditador cubano.

SALVO POR UM TENENTE

Uma semana depois dos ataques frustrados, Fidel Castro foi encontrado. Estava escondido numa pequena choupana em Sierra Maestra, uma região montanhosa, de mata fechada e acesso difícil. Tudo leva a crer que ele só não foi assassinado graças à intervenção de um integrante da Guarda Rural. “Ele era tenente, um homem negro, que levou Fidel Castro à delegacia de polícia de Santiago de Cuba em vez de conduzi-lo ao

"A HISTÓRIA ME ABSOLVERÁ"

Fidel jura que acabou com essa frase sua última defesa, antes de ser condenado a 15 anos de prisão. Mas há quem diga que é mentira

Preso por liderar os levantes contra os quartéis Moncada e Carlos Manuel de Céspedes, em julho de 1953, Fidel Castro foi a julgamento em setembro do mesmo ano. Como o regime do ditador Fulgêncio Batista negou-lhe o direito a audiências privadas com seu advogado, ele não teve dúvida: assumiu a própria defesa. E foi no último pronunciamento diante dos juízes, ao final de um discurso que já durava duas horas, que ele disparou uma de suas frases mais célebres: "Condenem-me, não importa, a história me absolverá". Palavras corajosas e persuasivas já tinham livrado o rapaz de outras enrascadas, garantindo-lhe fama de grande orador. Dessa vez, no entanto, elas foram inúteis. Fidel acabou condenado a 15 anos de prisão.

Há, porém, quem conteste essa versão dos fatos. Para o historiador cubano Antonio de La Cova, autor do livro *The Moncada Attack: Birth of the Cuban Revolution* ("Ataque a Moncada: o nascimento da Revolução Cubana", inédito no Brasil), as frases de impacto jamais foram ditas por Fidel. Na verdade, ele teria dito: "O tempo, definitivamente, o dirá". Segundo La Cova, tudo provavelmente não passa de um mito criado pelos revolucionários – e transformado em verdade por 50 anos de ditadura comunista. Seja como for, o desfecho não foi o único momento de coragem na defesa de Fidel. Confira mais alguns:

★ "Ausente do mais elementar conteúdo revolucionário, o regime de Batista tem significado, em todas as ordens, um retrocesso de 20 anos para Cuba."



Fidel sem barba, 26 anos, aguardando sua sentença

★ "O país é uma fábrica de matéria-prima. Exporta açúcar para importar caramelo, exporta couro para importar sapatos."

★ "Onde estão todos os nossos companheiros detidos pelo Exército? Apenas cinco deles apareceram. O resto certamente foi assassinado."

★ "Quanto a mim, sei que a prisão será dura como nunca foi a ninguém, cheia de ameaças, de mal e covarde ensinamento. Mas não a temo, como não temo a fúria do tirano miserável que arrancou a vida de meus 70 irmãos."

quartel Moncada, onde certamente teria sido morto com os demais rebeldes capturados", escreve o jornalista e historiador britânico Richard Gott no livro *Cuba: Uma Nova História* (Jorge Zahar, 2006). O arcebispo Pérez Serantes, amigo da família de Mirta Díaz-Balart, primeira esposa de Fidel, pediu pela vida do foragido. E acabou operando um verdadeiro milagre. Ao invés de fuzilamento, o líder rebelde teria de enfrentar um tribunal. Seu julgamento foi marcado para 21 de setembro. Até lá, Fidel ficaria na cadeia.

No dia 16 de outubro de 1953, depois de quase um mês de julgamento, finalmente saiu a sentença: Fidel Alejandro Castro Ruz, líder dos ataques rebeldes aos quartéis de Moncada e Bayamo, estava condenado a 15 anos de prisão. Seu irmão, Raúl, teria o mesmo destino. Mas as penas seriam transformadas em apenas 22 meses de detenção, a serem cumpridos no presídio da ilha de Pinos. Depois de libertados, os irmãos Castro seguiriam para o exílio no México, onde conheceriam um certo Ernesto Guevara e elaborariam outro plano para

derrubar Fulgêncio Batista. Os companheiros mortos em combate ou nos porões da ditadura jamais seriam esquecidos. Virariam mártires do Movimento 26 de Julho (M-26-7) – a célula revolucionária que, batizada em homenagem aos ataques, iria se multiplicar nos anos seguintes para desencadear a Revolução Cubana. ★

Saiba mais

LIVRO
The Moncada Attack: Birth of the Cuban Revolution, Antonio Rafael de La Cova, University of South Carolina Press, 2007 (em inglês)
Este livro é resultado de mais de 100 entrevistas com testemunhas e participantes dos ataques aos quartéis de Moncada e Bayamo, incluindo rebeldes sobreviventes, militares e políticos cubanos.

EL COMANDANTE

FIDEL SEMPRE FOI UM ENCRENQUEIRO NOTÓRIO. AINDA MENINO, JÁ GOSTAVA DE DESAFIAR COLEGAS BEM MAIS FORTES DO QUE ELE. O GAROTO CRESCEU E FICOU BARBUDO, MAS NÃO PERDEU ESSA MANIA

Por Lira Neto

A pesar das canelas longas e meio finas, o rapagão de 17 anos tinha um chute possante, de fazer tremer o goleiro adversário. Titular absoluto da equipe sub-18 do colégio Belén, o jovem Fidel – cujo apelido familiar era “Titín” – ajudou sua equipe a sagrar-se campeã da Liga Intercolegial de Futebol de Cuba. O moço tinha talento não só com a bola nos pés. Com 1,83 metro de altura, foi também o “cestinha do Belén”, celebrado por ter acertado três arremessos consecutivos de longa distância na final de um campeonato estudantil de basquete. Além disso, jogava beisebol muito bem. Dizem até esteve prestes a ser contratado por duas grandes equipes americanas na década de 1940: New York Yankees e Washington Senators.

O que tinha de craque, tinha de encrueiro. Ainda menino, já gostava de desafiar colegas bem mais fortes. Se levasse a pior, não se abatia. No dia seguinte, chamava o desafeto para nova sessão de catiripapos e ganchos de direita. Sim, porque Fidel também estava se tornando aprendiz de boxeador. Nas horas vagas, dedicava-se à pesca submarina e ao tiro ao alvo – orgulhava-se de acertar urubus em pleno vôo, a 300 metros de altura. Outra diversão era escalar, habilidade que lhe seria muito útil mais tarde, durante a campanha de guerrilha em Sierra Maestra.

Se no gramado, na quadra e no ringue ele se destacava, nas salas de aula o jovem Fidel chamava atenção pela prodigiosa memória. De acordo com um de seus biógrafos, o jornalista Tad Szulc, sua capacidade de decorar textos era tão espantosa que, muitas vezes, os colegas de classe divertiam-se fazendo-lhe perguntas do tipo: “Fidel, o que está escrito na página 43 do livro de sociologia?”. Ele não era capaz apenas de decorar capítulos inteiros, linha por linha. Tinha a mania de arrancar e jogar no lixo as páginas lidas. Não precisava mais delas, alegava. Poderia recitar, de cor e salteado, qualquer trecho que lhe pedissem.

O NOME DO PAI

Não se sabe o que há de exagero, ou mesmo de mitologia pessoal, nas reminiscências de velhos colegas que dão conta dessa admirável memória. Aliás, boa parte da vida particular de Fidel permanece assim, cercada de fábulas, mistérios e lacunas – obstáculos que continuam a desafiar os biógrafos. Até sua data de nascimento é alvo de controvérsias. Oficialmente, ele nasceu no dia 13 de agosto de 1926, embora conste “1927” numa primeira certidão.

O pai de Fidel, Angel Castro, foi o responsável pela alteração no documento original. *Don Angel*, como era conhecido pelos colonos de sua fazenda de cana-de-açúcar, na província de Holguín,



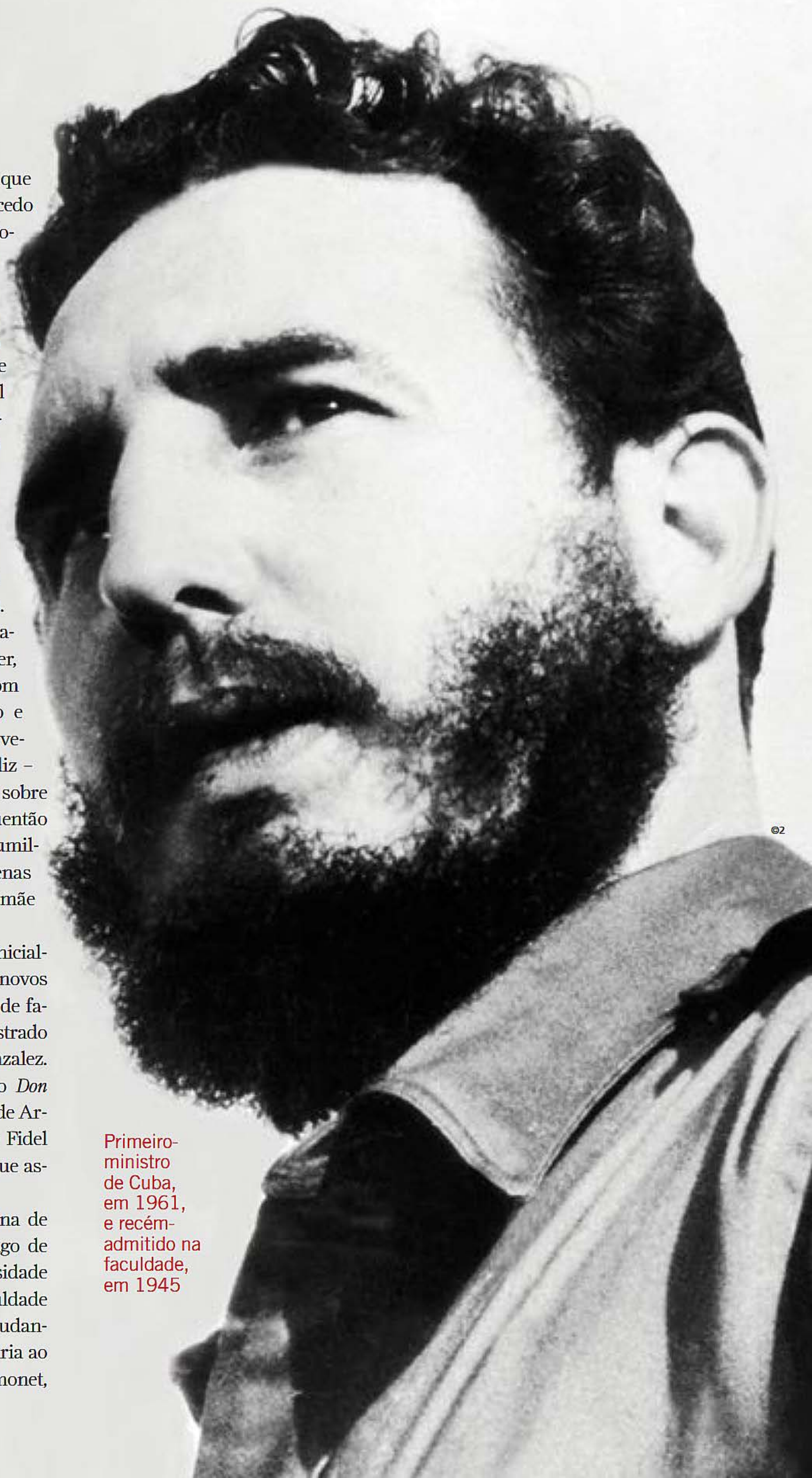
aumentou a idade do filho para que pudesse ser matriculado mais cedo na escola secundária. Fidel adotou o ano de 1926 como data oficial e terminou por enxergar no número 26 uma aura de predestinação: aos 26 anos, no dia 26 de julho de 1953, ele comandaria o ataque ao quartel Moncada, seu batismo como revolucionário (*leia mais na reportagem da pág. 14*).

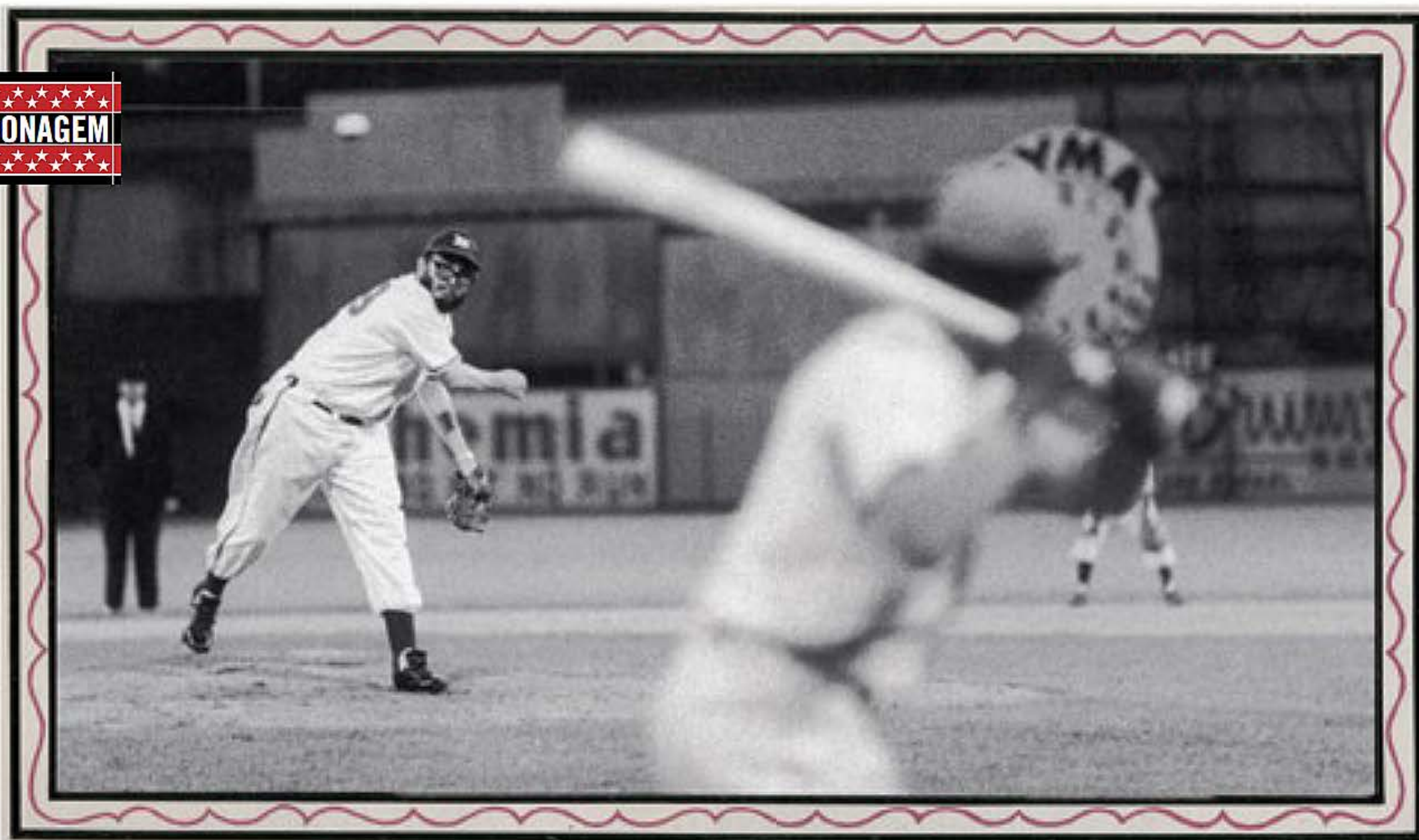
As reais circunstâncias do relacionamento entre *Don Angel* e a mãe de Fidel são outro detalhe que a história oficial tratou de cercar de reticências. Sabe-se que Angel Castro foi casado com uma primeira mulher, a professora Maria Argota, com quem teve dois filhos, Pedro e Lidia (os meios-irmãos mais velhos de Fidel). Mas pouco se diz – e menos ainda se escreve – sobre essa esposa que o quase cinquentão *Don Angel* trocava por uma humilde criada da fazenda, de apenas 16 anos: Lina Ruz Gonzalez, mãe de Fidel e mais seis irmãos.

Como já era casado, o pai inicialmente não pôde batizar os novos filhos, nem lhes legar o nome de família. O menino Fidel foi registrado como Fidel Casiano Ruz Gonzalez. Somente aos 15 anos, quando *Don Angel* finalmente se divorciou de Argota, ele passaria a chamar-se Fidel Alejandro Castro Ruz, nome que assinará para o resto da vida.

Educado na rígida disciplina de um colégio jesuíta, em Santiago de Cuba, Fidel entrou na universidade de Havana em 1945, na Faculdade de Direito. “Eu era péssimo estudante, nunca ia às aulas”, confessaria ao jornalista espanhol Ignacio Ramonet,

Primeiro-ministro de Cuba, em 1961, e recém-admitido na faculdade, em 1945





Fidel arremessa num campeonato de beisebol em 1959, para celebrar a revolução: esportista de múltiplos talentos

©1

durante a série de entrevistas que daria origem ao livro *Fidel Castro: Biografia a Duas Vozes*. Àquela altura, a política estudantil mobilizava as atenções do rapaz, que decidiu se ligar à ala jovem do Partido Ortodoxo.

Numa época de acirradíssima tensão política, na qual líderes estudantis cubanos andavam com armas escondidas debaixo das roupas, nasceu uma das idiossincrasias mais conhecidas de Fidel Castro: a de fazer longos discursos, para tentar angariar adeptos pela força da palavra. Sempre vestido com um paletó preto, ele era o orador mais contundente – e o mais prolixo – entre todos os colegas de universidade. Nada, contudo, que já se comparasse à falação de ininterruptas quatro horas e meia que, em 1960, o colocaria pela primeira vez no *Guinness Book* – o livro dos recordes – por proferir o discurso mais longo da história das Nações Unidas (ONU). Vinte e seis anos mais tarde, em 1986, ele bateria sua própria marca, falando por intermináveis sete horas e dez minutos durante o Terceiro Congresso do Partido Comunista de Cuba.

No segundo ano de faculdade, Fidel viajou até Bogotá, a capital da Colômbia, para os preparativos de um congresso latino-americano de estudantes. Sua presença ali coincidiu com o assassinato do líder da oposição colombiana, Jorge Eliécer Gaitán. O episódio deu origem ao famoso “Bogotazo”, protestos que acabaram evoluindo para um ciclo de violência incontrolável. Fidel aderiu às manifestações e, empunhando um fuzil, sentiu pela primeira vez o gostinho de uma rebelião armada. “Foi a primeira vez que vi uma revolução popular”, diria anos depois.

MULHERES E CRIANÇAS

De volta a Cuba, Fidel Castro casou-se, em 1948, com a estudante de filosofia Mirta Díaz-Balart, uma loura de olhos claros e também militante estudantil. Com ela, teria um filho, Fidel Félix Castro Díaz-Balart, o “Fidelito”. Quando se integrou definitivamente à revolução, a ausência constante de casa e a dificuldade financeira da vida na clandestinidade fizeram o casamento entrar numa séria crise.

Amigos ajudavam a pagar as contas de luz do casal, o açougue e o armazém. Nessa fase de aperto e intensa movimentação política, ele conheceu outra jovem e bela militante, Natalia Revuelta, a “Natty”, com quem logo manteria um caso de amor paralelo. Natalia deu a Fidel uma filha, Alina, hoje exilada em Miami e autora de um livro de memórias no qual se refere ao pai como “tirano”.

A relação de Fidel Castro com a esposa legítima se tornou insustentável quando o irmão de Mirta foi nomeado vice-ministro do Interior de Fulgêncio Batista, pasta responsável pelas ações da polícia secreta cubana. Na prisão, logo após o ataque a Moncada, Fidel soube que a esposa recebia uma subvenção do Ministério para pagar as despesas domésticas. Após o rompimento definitivo com Mirta, ele jamais voltaria a casar-se. “Como revolucionário, recuso-me a misturar família com política. Essa história de primeira-dama me parece ridícula”, justificou, em 2002, ao cineasta Oliver Stone, que filmava o documentário *Olhando para Fidel*.

Muitas outras mulheres cruzariam seu caminho, embora a vida privada do comandante passasse a ser cada vez mais resguardada da curiosidade pública. Durante a guerrilha, Fidel conheceu Celia Sánchez, com quem viveria um de seus mais duradouros romances (*leia mais na reportagem da pág. 42*). Já na condição de chefe da revolução vitoriosa, em 1961, foi apresentado a Dalia Soto, a “Lala”, uma cubana de felinos olhos verdes. Teve com ela mais cinco filhos: Alejandro, Alex, Antonio, Alexis e Angel. Todos, assim como “Fidelito”, vivem hoje discretamente em Cuba. Há notícias de pelo menos outros dois herdeiros de Fidel, Jorge e Francisca, frutos de relacionamentos fugazes.

Na vida de Fidel Castro, tudo é assim, superlativo e nebuloso. Seu nome passará para a história como um dos líderes políticos que mais tempo permaneceu à frente do governo de um país. Ao todo, ditou por quase meio século os destinos do povo cubano, resistindo à pressão exercida por nada menos do que dez presidentes americanos. Sob o pretexto de manter a revolução intacta, reprimiu opositores, manteve a imprensa sob censura e mandou centenas de dissidentes para a cadeia ou o *paredón*. Será que a história o absolverá? ★

Saiba mais

LIVRO

Fidel Castro: Uma Biografia Consentida, Claudia Furiati, Revan, 2001

Esta biografia, escrita por uma jornalista brasileira, foi a primeira feita com acesso total aos arquivos de Fidel Castro em Cuba.

Fidel: Um Retrato Crítico, Tad Szulc, Best-Seller, 1987

Primeira grande biografia do líder cubano, escrita por um jornalista que trabalhou durante anos no jornal *The New York Times*.

Fidel Castro: Biografia a Duas Vozes, Ignacio Ramonet, Boitempo, 2006

Reúne longas sessões de entrevistas concedidas por Fidel ao jornalista espanhol. O resultado é a história do personagem, contada por ele mesmo.

Alina: Memórias da Filha de Fidel Castro, Alina Fernández, Ática, 1988

Um retrato de Fidel feito pela filha que fugiu de Cuba, exilou-se em Miami e diz que o pai é um “tirano”.

EL PECADOR

Ao lado de Calvino, Lutero, Henrique 8º e Sinead O’Connor, Fidel Castro integra o seletíssimo clube dos excomungados

Em 1961, depois da invasão americana à baía dos Porcos, Cuba nacionalizou todas as propriedades pertencentes a organizações religiosas, inclusive as da Igreja católica. Centenas de padres foram expulsos da ilha. E Fidel Castro declarou que o Estado, dali em diante, seria ateu. Embora tenha sido salvo do fuzilamento por um arcebispo, depois do fracassado levante contra o quartel Moncada, em 1953, o comandante teve uma relação difícil com a Igreja desde seus primeiros meses no poder. A reforma agrária, decretada menos de cinco meses depois da revolução, desagradara a maior parte do clero, que cultivava ligações históricas com donos de engenho e latifundiários.

A resposta do Vaticano não demorou. Em 1962, o papa Leão 23 excomungou Fidel – colocando-o ao lado da *pop star* Sinead O’Connor, além de Lutero, Calvino e Henrique 8º, entre outros, no grupo dos que já foram ou ainda irão para o inferno. Em 1998, com a visita de João Paulo 2º a Cuba, o governo mostrou-se mais tolerante ao catolicismo. Atualmente, cresce igualmente o número de igrejas protestantes no país. Mas a maioria da população religiosa é adepta da *santería*, sincretismo religioso que funde a devoção aos santos católicos com entidades dos tradicionais cultos africanos. Nos últimos tempos, os tambores dos *santeros* de Havana têm rufado pela saúde de Fidel.



Conversando com freiras em 1959: relação difícil com a Igreja

BONS TEMPOS DO EXÍLIO

FOI NO MÉXICO QUE FIDEL E RAÚL CASTRO
CONHECERAM ERNESTO GUEVARA.
JUNTOS, ELES PLANEJARAM A REVOLUÇÃO,
APRENDERAM TÁTICAS DE GUERRILHA,
E ORGANIZARAM UM EXÉRCITO REBELDE

Por Eduardo Szklarz



México serviu de trampolim para a Revolução Cubana. Foi lá que os irmãos Castro, líderes originais do movimento, conheceram um jovem chamado Ernesto Che Guevara e convenceram-no a participar da empreitada. Também foi lá que Fidel reuniu outros exilados cubanos e reorganizou o Movimento 26 de Julho, para derrubar o ditador Fulgêncio Batista. E foi lá que o Exército Rebelde recebeu treinamento de guerrilha para os combates que viriam pela frente em Sierra Maestra. Por que a revolução acabou sendo gestada em território mexicano? A resposta começa em maio de 1955, quando Fidel e Raúl Castro deixaram a cadeia em Cuba.

Libertados depois de 22 meses de prisão, por terem comandado os ataques aos quartéis de Moncada e Bayamo, os irmãos acreditavam que, se permanecessem na ilha, acabariam sendo assassinados pela ditadura. Preferiram o exílio e encontraram, no México, o ambiente perfeito para planejar uma nova investida contra o regime de Batista. O país, na década de 1950, era um verdadeiro santuário de exilados latino-americanos. Essa tradição começara 15 anos antes, quando os mexicanos haviam recebido de braços abertos os refugiados da Guerra Civil espanhola. “Se você precisasse ir para algum lugar no continente, esse lugar era a Cidade do México, a grande metrópole para onde fluíam as idéias, as pessoas e a cultura”, diz o jornalista americano Jon Lee Anderson, um dos mais respeitados biógrafos de Guevara.



Fidel Castro, no México, em 1956, ao lado de outros exilados cubanos: futuros guerrilheiros do Exército Rebelde

O médico argentino Ernesto Guevara tinha 26 anos quando pisou pela primeira vez em solo mexicano, em 1955. Trazia na bagagem uma experiência marcante vivida na Guatemala: o golpe orquestrado pela CIA contra o presidente Jacobo Arbenz, que iniciava uma reforma agrária.

RECÉM-CHEGADOS

Nos primeiros meses de sua estada no México, Guevara fez de tudo: fotografou os Jogos Pan-Americanos para uma agência de notícias argentina, descolou um emprego mal-remunerado num hospital, viajou pelo país e reencontrou exilados que conhecera em suas andanças – entre eles o amigo cubano Níco López, integrante do ataque fracassado ao quartel de Bayamo, e a peruana Hilda Gadea, com quem se casaria pouco depois.

Foi López quem o apresentou a Raúl Castro, outro recém-chegado ao México. “Quando Che soube do plano de Fidel de invadir Cuba, soltou uma gargalhada: ‘Esses caras não têm solução!’”, relata o jornalista argentino Hugo Gambini na biografia *El Che Guevara* (sem tradução no Brasil). Mas nasceu ali uma profunda simpatia pela causa dos irmãos Castro. Fidel já estava em liberdade, embora ainda não tivesse deixado a ilha. E Guevara não via a hora de conhecê-lo. Afinal, o irmão de seu novo amigo era uma sensação, ídolo dos revolucionários latino-americanos – o réu que, em pleno julgamento, ousou acusar o governo que o havia detido.

Em julho de 1955, Fidel Castro finalmente chegou à Cidade do México. Desceu do ônibus vestindo um terno usado, sem um tostão no bolso

e com sede de ação. Depois de passar 22 meses no presídio da ilha de Pinos, em Cuba, ele tinha pressa para reunir os exilados e retomar a luta contra o regime de Fulgêncio Batista. Os biógrafos de Guevara e Fidel discordam sobre a data exata do primeiro encontro dos dois, mas sabem que ele ocorreu entre julho e setembro de 1955. Seja como for, uma coisa é certa: a lealdade e o respeito mútuos foram selados numa conversa que durou a noite inteira, no apartamento de Maria Antonia González, uma cubana casada com o lutador profissional mexicano “Dick” Medrano. O endereço – rua Emparán, 49 – servia como quartel-general, onde exilados comiam e dormiam de graça.

Ao final do longo papo com Fidel, Guevara já estava decidido a participar da empreitada revolucionária.

Numa entrevista publicada em 1967 pelo jornal cubano *Granma*, ele recordaria assim o encontro: “Conheci-o durante uma daquelas noites mexicanas frias, e lembro que nossa primeira discussão foi sobre política mundial. Poucas horas depois, de madrugada, eu já era um dos futuros expedicionários. (...) Era hora de fazer, de combater, de planejar. De deixar de chorar para começar a lutar”. Por sua vez, Fidel Castro recordaria num discurso, também em 1967, a primeira impressão que teve do argentino. “Era uma dessas pessoas por quem tomamos afeto no primeiro momento pela simplicidade, o caráter, a naturalidade, o companheirismo, a personalidade e a originalidade, mesmo quando ainda não conhecemos as virtudes singulares que o caracterizam.”

Fidel precisou de poucos meses para juntar exilados cubanos e reorganizar o Movimento 26 de Julho (ou M-26-7, data do assalto ao quartel



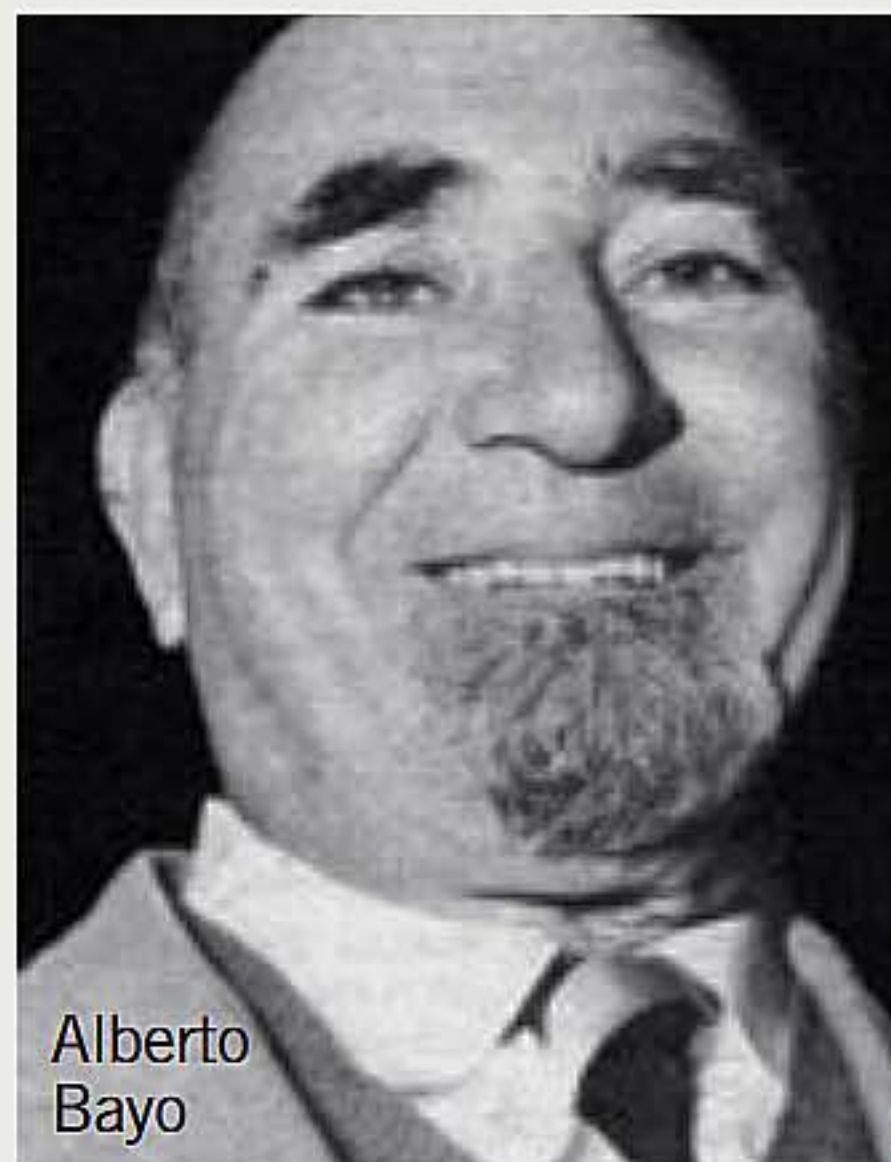
Fidel dando os primeiros tiros de fuzil, durante treinamento de guerrilha no México, e

Moncada), movimento que ele havia fundado pouco antes em Cuba, na clandestinidade. O primeiro objetivo do grupo era desembarcar na ilha com um contingente bem-armado e fazer um chamado aos camponeses, para que se unissem à revolução.

Uma vez garantido o respaldo popular, Fidel esperava levar adiante seu programa de governo. Logo de cara, pretendia eliminar funcionários corruptos, iniciar a industrialização do país, assentar 100 mil pequenos agricultores, limitar o tamanho das fazen-

DOM QUIXOTE À CUBANA

O poeta-aventureiro que ensinou a Fidel Castro como se faz uma revolução



Alberto Bayo

Alberto Bayo era um camarada de extremos. Nasceu em Cuba, mas foi educado nos Estados Unidos. Seguiu carreira militar, mas também gostava de publicar poesias. E parecia um Lenin gorducho, embora não fosse com a cara do líder comunista. Bayo era aviador, chegou a lutar pelo Exército espanhol contra rebeldes marroquinos. A missão mais importante de sua vida, contudo, foi uma invasão de barco à ilha de Mallorca, durante a Guerra Civil

espanhola. Alguns historiadores dizem que era péssimo militar. Mas todos concordam num ponto: ele foi um aventureiro de primeira.

Quando conheceu Fidel Castro no México, em 1955, Bayo levava uma vida pacata: administrava uma pequena fábrica de móveis. Ao ser convidado para treinar os soldados de Fidel, aceitou sem pensar duas vezes. E pôs mãos à obra, antes mesmo de a fazenda Santa Rosa ser comprada para servir de campo de treinamento. Ele inaugurou as aulas no estande de tiros Los Gamitos, usando perus vivos para praticar disparos contra alvos em movimento.



deixando uma cadeia mexicana, junto com Che Guevara (sem camisa), antes de embarcarem para a Revolução Cubana

das e repartir o excesso de produção entre famílias camponesas (*leia mais na reportagem da pág. 56*). Em busca de recursos, Fidel viajou a Tampa, Miami, Nova York e outras cidades americanas, divulgando a revolução entre exilados cubanos. Conseguiu anga-

riar cerca de 50 mil dólares, dinheiro prontamente convertido em algumas armas e munições para embrião do Exército Rebelde – que, àquela altura, já contava com mais de 80 voluntários. “Esse valor, é claro, foi doado pelos cubanos ricos, que acreditavam muito mais na queda de Fulgêncio Batista do que no programa social de Castro”, diz Gambini.

De volta ao México, Fidel achou o homem ideal para treinar seus recrutas: o cubano Alberto Bayo, antigo oficial do Exército Republicano espanhol (*leia mais no quadro ao lado*). O local escolhido para o treinamento foi a imensa fazenda Santa Rosa, localizada perto do município de Chalco. Com 9 quilômetros de largura por 15 quilômetros de comprimento, vegetação densa e relevo montanhoso, a propriedade reproduzia algumas das condições que os guerrilheiros enfrentariam mais tarde, nas serras de Cuba. “Durante três meses, Bayo ensinou os segredos da guerrilha”, diz Gambini. “Eles aprenderam a dar tiros de pistola, rifle e metralhadora;

fabricar bombas para explodir barricadas e destruir tanques; localizar e derrubar aviões; camuflar-se e esconder-se; transportar e atender feridos; e andar pela selva sem ser descobertos.” Embora sofresse de asma, Guevara foi o primeiro da turma, com nota dez em todos os cursos.

Em fins de 1956, Fidel e Raúl decidiram que já era hora de tomar o poder em Cuba. Compraram um barco, o iate Granma (do inglês *grandmother*, avó) e, no dia 25 de novembro, deixaram silenciosamente o cais do rio Tuxpan, em Veracruz, levando na popa uma bandeira vermelha e preta – as cores do Movimento 26 de Julho. A proa embicava rumo à costa leste de Cuba. Era lá que Fidel, Che Guevara, Raúl Castro e o resto da tropa colocariam em prática tudo o que haviam planejado no México. ★

Saiba mais

LIVRO
El Che Guevara – La Biografía, Hugo Gambino, Editora Argentina, 2005 (em espanhol)
Esta biografia recente de Ernesto Che Guevara recupera, em detalhes, todos os passos do líder revolucionário, entre eles o início da amizade com os irmãos cubanos Fidel e Raúl Castro.

Dizem que Bayo usou seus dotes de ator, ao lado de Che Guevara, para convencer o dono da fazenda Santa Rosa a vendê-la, por 250 mil dólares. Com Fidel no poder, depois da revolução, Bayo foi alçado ao posto de general do Exército de Cuba. Pouco antes de morrer, em 1967, ainda esbanjava disposição. “Se não fosse pela artrite, a diabetes, as duas trombozes, o olho de vidro e as 14 balas que tenho espalhadas pelo corpo, estaria feito um leão”, teria dito aos amigos, com o humor que lhe era tão característico.



©1

Raúl (à esq.) e Che Guevara em Sierra Maestra: o primeiro era um comunista discreto; o segundo, festivo e panfletário

UM BANDO DE COMUNAS?

ENTRE OS LÍDERES REBELDES QUE SE PREPARAVAM PARA INVADIR CUBA, APENAS DOIS ERAM COMUNISTAS: RAÚL CASTRO E CHE GUEVARA

Por Eduardo Szklarz



Parece óbvio que Fidel, Raúl e outros líderes cubanos sempre foram comunistas. Afinal, eles levaram a cabo uma série de reformas ultra-radicais, assim que tomaram o poder e alinharam-se à União Soviética, enquanto o novo regime ainda engatinhava. Mas a verdade é que vários “barbudos” – a começar por Fidel Castro – só se declararam socialistas após o triunfo da revolução. Até então, o que realmente os unia era o desejo de derrubar a ditadura de Fulgêncio Batista. Faz sentido: salvo raras exceções, os integrantes do ataque ao quartel Moncada, em 1953, não eram

comunistas, mas membros da ala jovem do Partido Ortodoxo – uma agremiação opositora, mais liberal do que qualquer outra coisa. Fidel assumiu a liderança dos ortodoxos, aproveitando o vácuo deixado pelo suicídio do fundador do partido, Eduardo Chibás. Quando muitos deles decidiram partir para o exílio no México, Fidel cultivou entre o grupo a única ideologia comum a todos: o nacionalismo, insuflado pela retórica romântica de José Martí (*leia mais no quadro ao lado*).

Os dois únicos líderes rebeldes que se definiam como comunistas àquela altura eram Raúl Castro e Ernesto Che Guevara. Eles seguiam a linha pró-soviética (da qual Che se afastaria nos anos 60), mas com atitudes distintas. Raúl preferia manter em segredo seu apreço pela foice e o martelo, enquanto Guevara não só o alardeava como tentava converter ao marxismo-leninismo qualquer um que cruzasse seu caminho.

FALSETA HISTÓRICA

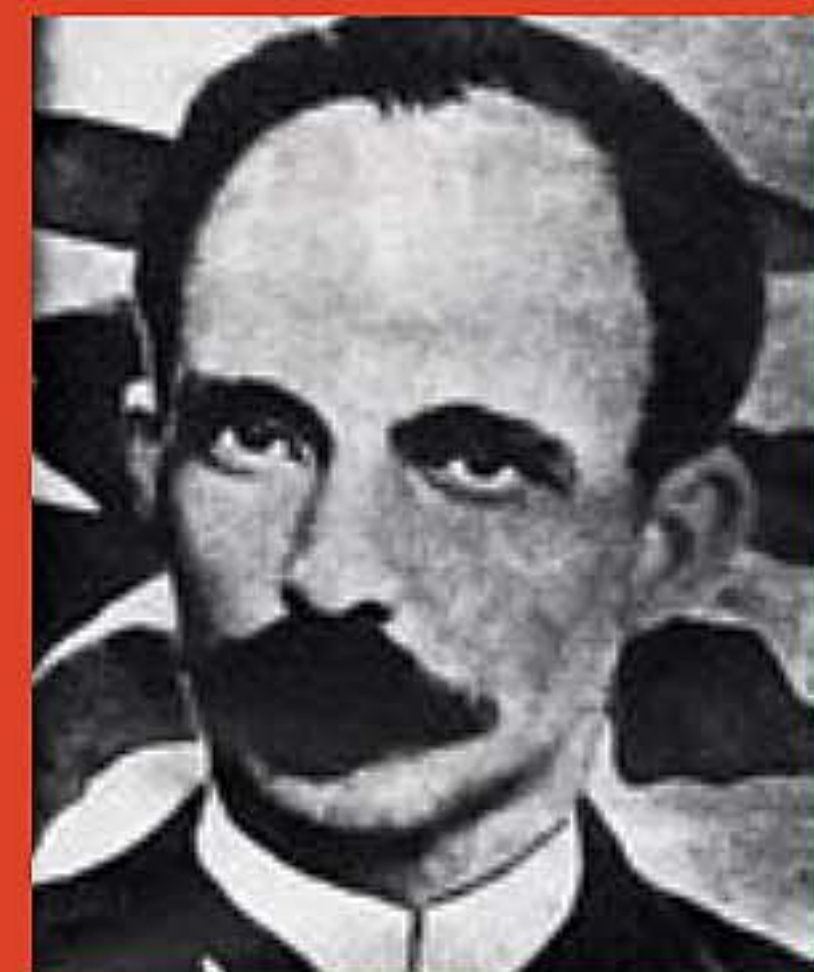
Che era um leitor eclético desde os tempos de garoto. Sua mãe apresentou-o a escritores que transitavam por várias “esquerdas”, Ernest Hemingway a Jean-Paul Sartre. No início dos anos 50, durante as andanças pela América Latina, textos da filósofa polonesa Rosa Luxemburgo e do teórico peruano José Mariátegui ajudaram a consolidar sua fé no marxismo. Àquela altura, ele já lia esporadicamente Lenin e tinha fascínio por Marx – “São Karl”, como dizia.

Fidel Castro, por sua vez, declarava-se anticomunista. “Nossa revolução não é vermelha, mas verde-oliva [*a cor do uniforme de seus soldados em Sierra Maestra*]”, bravateava o coman-

dante, que se autodenominava “um humanista acima de tudo”. Seja como for, Fidel soube juntar várias nuances políticas dentro do Movimento 26 de Julho – o grupo revolucionário fundado depois de Moncada – para levar adiante seu projeto de poder. Além do mais, ele sabia que a revolução, em seus primeiros passos, ainda estaria vulnerável, e só poderia escapar de retaliações americanas se qualquer identificação com o comunismo fosse negada.

Era tamanha a aparente moderação de Fidel que não há uma única proposta comunista nos documentos firmados por ele entre 1953 e 1959. Oficialmente, os “barbudos” revolucionários defendiam apenas a volta da Constituição de 1940 (abandonada por Batista), reforma agrária, restauração da democracia, combate à corrupção e ao analfabetismo, modernização da indústria e confisco de terras ocupadas ilegalmente – uma espécie de “nacionalismo democrático”, como define o historiador cubano Rafael Rojas.

Foi esse o programa adotado logo após a vitória da revolução, em janeiro de 1959. Mas tudo mudou em 1961, quando Fidel resolveu anunciar que sempre fora um legítimo marxista-leninista (*leia mais na reportagem da pág. 56*). Opositores passaram a ser eliminados e funcionários públicos que não se declararam comunistas foram substituídos. O comandante nacionalizou empresas estrangeiras e confiscou jornais. Suprimiu as liberdades de associação e expressão. E fez de Cuba o satélite caribenho da União Soviética. O que começou como revolução social-democrata, para varrer do mapa um tirano, acabou virando uma ditadura socialista. ★



ÍDOLO DOS “BARBUDOS”

José Martí foi a verdadeira inspiração para os rebeldes

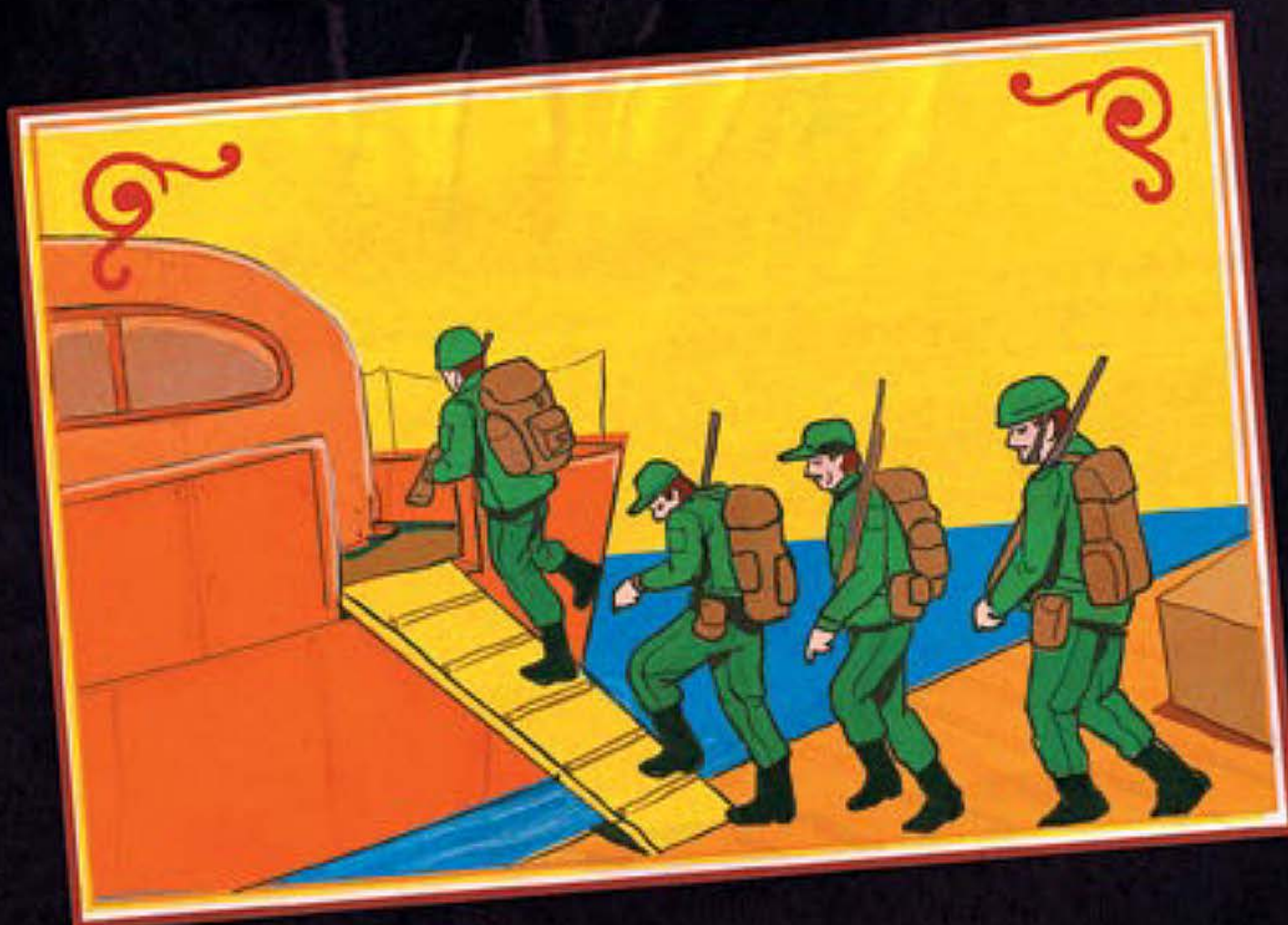
Herói da independência cubana, José Julián Martí foi a verdadeira fonte de inspiração para Fidel Castro e seu exército rebelde. Nascido em Havana, no ano de 1853, desde cedo, ele se rebelou contra o domínio colonial, a escravidão e a falta de liberdade na ilha. Tinha só 16 anos quando foi preso pela primeira vez, acusado de trair Coroa espanhola. Advogado, jornalista, poeta e diplomata, Martí usou todas as habilidades que tinha para defender a “Nossa América” contra o império. “Foi fundamental para Che Guevara e Fidel”, diz o historiador argentino Felipe Pigna. “Ele tinha concepções revolucionárias muito avançadas para um homem que morreu no final do século 19.”

1956

A GRANDE AVENTURA

UM BARCO PARA 20 OCUPANTES
TRANSPORTANDO 82 GUERRILHEIROS,
CONTRATEMPOS NO DESEMBARQUE
E UMA EMBOSCADA DEVASTADORA.
FOI ASSIM QUE A REVOLUÇÃO COMEÇOU

Por Mauricio Manuel Reportagem Lilian Hirata Ilustrações Gil Tokio/Pingado





Quando Ernesto Che Guevara viu, pela primeira vez, o barco que o levaria até Cuba, para dar início à revolução, achou que aquilo fosse uma piada. O Granma – corruptela do inglês *grandmother*, ou “vovó” – parecia uma lata velha flutuante. Ou melhor, semiflutuante. Sim,

porque o iate de 19 metros estava submerso até a metade quando Fidel Castro o descobriu em Tuxpan, no México, abandonado no rio Pantepec. Pertencia a um americano, Robert Bruce Erickson, que achou estar fazendo um negócio da China, quando o vendeu por 15 mil dólares ao bando de revolucionários cubanos.

Depois de uma reforma básica, o Granma até ficou apresentável. Mas podia levar, no máximo, vinte ocupantes. Os exilados que embarcariam de volta à ilha,

carregando armas, munição, combustível e mantimentos, eram 82. A conta não fechava de jeito nenhum, mas Fidel e seus companheiros, depois de meses de treinamento e planejamento no exílio, não viam alternativa. Já estava passando da hora e era com aquele barco mesmo que a Revolução Cubana teria de começar.

Quem bancou a compra do Granma foi um exilado chique: Carlos Socarrás, o presidente deposto por Fulgêncio Batista, em março de 1952. Socarrás queria voltar à presidência de Cuba, é óbvio, e achou que poderia usar os rebeldes para isso. Fidel agradeceu, nem quis saber se o dinheiro era sujo ou limpo. Mas reconduzir o presidente deposto ao poder não fazia parte de seus planos. Seu governo fora tão corrupto quanto o de Batista e, àquela altura do campeonato, todo mundo sabia disso. No fim das contas, seria Fidel quem acabaria usando Socarrás para tomar o poder.

TEORIA E PRÁTICA

O plano para a invasão da ilha era perfeito. Os rebeldes só não contavam com atraso e a traição de um guia

A VIAGEM DO GRANMA

Foram sete dias em alto-mar e mais de 2,2 mil quilômetros navegados entre México e Cuba

- 1 25/11/56, 2h
- 2 26/11/56, 19h
- 3 27/11/56, 12h
- 4 28/11/56, 18h
- 5 29/11/56, 17h
- 6 30/11/56, 19h
- 7 2/12/56, 3h

Fonte: Bohemia Digital



1 PRAIA DE LAS COLORADAS

Local onde ocorreu o desembarque dos revolucionários, no dia 2 de dezembro.

2 ALEGRÍA DE PÍO

Emboscada armada pela Guarda Rural de Fulgêncio Batista, dia 5 de dezembro.

3 SIERRA MAESTRA

Os sobreviventes do massacre de Alegría de Pío reagrupam-se nas montanhas.

4 COMANDANCIA DE LA PLATA

Os rebeldes tomam a guarnição militar de Fulgêncio Batista, no dia 17 de janeiro.

5 QUARTEL DE EL UVERO

A guerrilha assume o controle de mais um posto militar, no dia 28 de maio.

O PLANEJADO

★ No dia 30 de novembro de 1956, o Granma desembarcaria 82 rebeldes numa praia de Niguero. De lá, eles seguiriam para Sierra Maestra.

★ Celia Sánchez, do Movimento 26 de Julho (M-26-7), aguardaria a chegada dos rebeldes em Niguero com 50 homens, jipes, armas e comida.

★ Simultaneamente ao desembarque, ataques contra instalações do Exército ocorreriam em Santiago de Cuba, Holguín, Matanzas e Guantánamo.

★ Fidel Castro e seus guerrilheiros chegariam às montanhas de Sierra Maestra sem serem molestados pelas forças do ditador Fulgêncio Batista.

O QUE ACONTECEU

★ O desembarque só aconteceu no dia 2 de dezembro e em outro lugar, Las Coloradas. Uma parte do armamento foi perdida durante a operação.

★ Com o atraso no desembarque, os rebeldes não receberam os reforços providenciados por Celia. Agora, estavam extremamente vulneráveis.

★ Os ataques aconteceram no dia marcado, 30 de novembro, mas os rebeldes ainda estavam em alto-mar, e muito longe da costa, perto das ilhas Cayman.

★ No dia 5 de dezembro, os rebeldes foram emboscados por pelotões da Guarda Rural perto de Alegría de Pío. Dos 82, apenas 12 sobreviveram.



A partida foi marcada para 25 de novembro de 1956. Era fundamental zarpar à noite, para não chamar a atenção da polícia mexicana em terra firme, nem da Guarda Costeira em alto-mar. No dia e no horário combinados, estavam todos lá, prontos para cruzar o golfo do México e o mar do Caribe. A jornada seria difícil, cerca de 2,2 mil quilômetros de navegação (mais ou menos a distância entre as cidades de São Paulo e Salvador). O Granma estava incrivelmente pesado. Além do tanque cheio, com aproximadamente 4,5 mil litros de óleo diesel, levava mais 7,5 mil litros extras, distribuídos em dezenas de galões. O iate também carregava comida para cinco dias de viagem. E uma boa quantidade de armas: 2 fuzis antitanque, cerca de 90 rifles, 3 submetralhadoras Thompson e 40 pistolas, além de muita munição.

Não sobrou muito espaço e, mesmo assim, 82 guerrilheiros deram um jeito de se acomodar no Granma. A superlotação e os motores cansados impediam que o iate desenvolvesse velocidade. “Levamos meia hora apenas para deixar a foz do rio, em Tuxpan, e outra meia hora para atravessar o porto rumo ao golfo do México”, diz Faustino Pérez, um dos rebeldes a bordo, no livro *Diary of the Cuban Revolution* (“Diário da Revolução Cubana”, inédito no Brasil).

SEM COMUNICAÇÃO

O equipamento de rádio da embarcação não funcionava direito. Recebia as mensagens enviadas pelos agentes da revolução infiltrados em Cuba, encarregados de organizar atentados em várias cidades na hora do desembarque. Mas não permitia que os passageiros do Granma respondes-

sem. Pouca velocidade e falta de comunicação eram problemas sérios. Se a travessia levasse mais tempo do que o previsto, os ataques diversionários teriam de ser retardados e, simplesmente, não havia como falar com o pessoal em terra.

Por baixo dos panos, simpatizantes de Fidel Castro movimentavam-se em várias cidades para “recepcionar” o Exército Rebelde. Na data marcada para o desembarque, 30 de novembro, Celia Sánchez – fundadora do Movimento 26 de Julho – levou para o local 50 homens, caminhões, jipes, comida e armamentos. Enquanto isso, Frank País – outro militante histórico do M-26-7 – preparava-se para atacar bases da polícia em Santiago de Cuba. O quartel Moncada, aquele mesmo da rebelião de 1953, também seria atacado, com o objetivo de distrair suas tropas e facilitar o deslocamento dos homens de Fidel até Sierra Maestra. Atentados contra instalações militares e prédios públicos ocorreriam simultaneamente num punhado de cidades, de La Villas a Guantánamo.

Tudo parecia muito bem arranjado, mas o plano inteiro desandou por causa de um rádio com defeito. Quando os ataques começaram, no dia 30, o Granma ainda estava a milhas e milhas da costa, perto das ilhas Cayman. O desembarque só aconteceu no dia 2 de dezembro, e em outro lugar, não na praia inicialmente escolhida, em Niguero. Como foram avistados por um helicóptero antes de alcançar a orla, os guerrilheiros certamente seriam recebidos à bala, se mantivessem o curso original. Acabaram seguindo para Las Coloradas, cerca de 25 quilômetros mais ao sul (*veja o mapa da página ao lado*).



Ali, a beira-mar era completamente dominada por manguezais. E o Granma ainda encalhou num recife de coral, obrigando seus ocupantes a descarregar o arsenal com um bote salva-vidas. Foram tantas as dificuldades imprevistas que muitas armas acabaram sendo perdidas durante a operação. “Pense no lugar onde eles desembarcaram”, diz Celia Sánchez no livro *The Twelve* (“Os Doze”, sem tradução para o português), sobre os primeiros dias da Revolução Cubana. “Se tivessem desembarcado na praia, e não naquele mangue, teriam encontrado caminhões, jipes, gasolina. O resto seria um passeio”.

A marcha dos 82 guerrilheiros para Sierra Maestra, onde estariam protegidos pela mata e pelo acesso difícil, pode ter sido tudo, menos um passeio. Para começar, um morador da região de Las Coloradas viu o desembarque e avisou a polícia. Não demorou quase nada e dois helicópteros das forças de Fulgêncio Batista já estavam na captura dos invasores. Por horas, os rebeldes esquivaram-se chafurdando no mangue, às vezes, com lama na altura do peito.

No dia seguinte, o primeiro “anjo da guarda” apareceu: Tato Vega, um lavrador que serviria de guia até as montanhas de Sierra Mestra. A idéia

era montar acampamento na mata, conquistar o apoio do povo e recrutar mais guerrilheiros entre os camponeses. Com ataques freqüentes a instalações do Exército, os rebeldes iriam se abastecer de armas e munição. Passariam a controlar uma área do território cubano ao redor das montanhas. E ampliariam esse domínio progressivamente, até abrir caminho para o avanço final até Havana e a deposição do ditador. Liderados por Fidel e Raúl Castro, Che Guevara e Camilo Cienfuegos, eles repetiriam o caminho percorrido por José Martí e seus homens na guerra da independência de Cuba, em 1895.

TRAÍRA DE PRIMEIRA

O que ninguém imaginava era que o “anjo da guarda” se revelaria um traíra de primeira linha. Depois de guiar os guerrilheiros por dois dias inteiros, em meio aos canaviais da região de Alegría de Pío, Vega despediu-se. Era dia 5 de dezembro de 1956. Mal o guia deu no pé, por volta das quatro e meia da tarde, os pelotões 12 e 13 da Guarda Rural de Batista caíram literalmente matando sobre os rebeldes. Fidel Castro e seus companheiros tinham sido traídos e foram apanhados numa emboscada mortal. Dos 82 combatentes originais, apenas 12 sobreviveram. Cada um se safou como pôde. Eles só se reagrupariam duas semanas depois, já no coração de Sierra Maestra.

Finalmente abrigados nas montanhas, Fidel, Guevara, Raúl e Cienfuegos, mais oito sobreviventes do massacre de Alegría de Pío, montaram o primeiro acampamento da revolução. “Nós vamos vencer esta guerra”, teria dito Fidel Castro. “A luta está apenas começando”. Dali para fren-

te, eles adotariam a receita maoísta de fazer guerrilha: começá-la pelo campo e, aos poucos, levá-la para as cidades. Os 12 remanescentes logo seriam 20, depois 50, 100... Ao longo do ano de 1957, dezenas de camponeses iriam se juntar ao bando.

Ataques a pequenas guarnições militares no entorno de Sierra Mestra tornaram-se freqüentes. A estratégia era simples: sair do mato, investir contra a guarnição e voltar correndo para o mato, com todas as armas que pudessem roubar do inimigo. A primeira dessas investidas aconteceu logo em janeiro de 1957, contra a modesta Comandancia de La Plata.

Em maio de 1957, o grupo já se sentia bastante forte e confiante para uma empreitada mais ambiciosa: o quartel do Exército em El Uvero. No dia 20 daquele mês, 80 rebeldes partiram para cima dos 53 oficiais. Seis guerrilheiros morreram, contra 14 mortos do outro lado. Apesar do derramamento de sangue, o resultado da operação foi festejado pela guerrilha. O Exército Rebelde precisava desesperadamente de novas armas, e pôde se servir à vontade no quartel. Para Fidel Castro, o ataque serviu como uma espécie de ritual de passagem. Nas palavras do comandante, El Uvero representou a “maturidade militar” para seus homens.

No fim do ano, os rebeldes eram senhores absolutos de Sierra Maestra e já tinham um quartel-general fixo, funcionando a todo vapor na localidade de La Plata. O ditador Fulgêncio Batista já pensava em enviar uma força de milhares de soldados para lá, enquanto o irmão de Fidel, Raúl, se preparava para abrir uma segunda frente de batalha. O ano de 1958 prometia muita ação. ★

DEU NO *NEW YORK TIMES*

Um repórter americano provou que Fidel Castro estava vivo

Depois que o grupo original de 82 rebeldes foi dizimado, em dezembro de 1956, o regime de Fulgêncio Batista apressou-se em divulgar que Fidel Castro estava entre os 70 mortos. Acontece que o comandante – assim como o irmão Raúl, Che Guevara, Camilo Cienfuegos e Huber Matos – escaparam do massacre. O ditador só foi desmentido quando o jornalista Herbert Matthews, do jornal *The New York Times*, entrevistou Fidel no acampamento rebelde em Sierra Maestra, provando que o líder revolucionário estava vivo da silva.

O encontro entre os dois foi organizado pelo próprio Movimento 26 de Julho (M-26-7). Para chegar às montanhas sem levantar suspeitas, o jornalista passou-se por fazendeiro americano à procura de bons negócios

em Cuba. Durante a visita ao acampamento, no dia 16 de fevereiro de 1957, calculou que a força de Fidel era composta por cerca de 40 homens. Era uma ilusão de ótica. Na verdade, os rebeldes não passavam de 20. Anos mais tarde, o comandante explicaria o truque: ordenou aos guerrilheiros que trocassem de roupa constantemente e ficassem zanzando para cima e para baixo. Deu certo. Na primeira página de um dos jornais mais importantes do mundo, Fidel parecia duas vezes mais poderoso do que realmente era. “A personalidade do homem é cativante. Foi fácil perceber que seus homens o adoram”, escreveu Matthews. “Tem-se a sensação de que ele é invencível. Talvez não seja, mas essa é a fé que ele inspira em seus seguidores.”

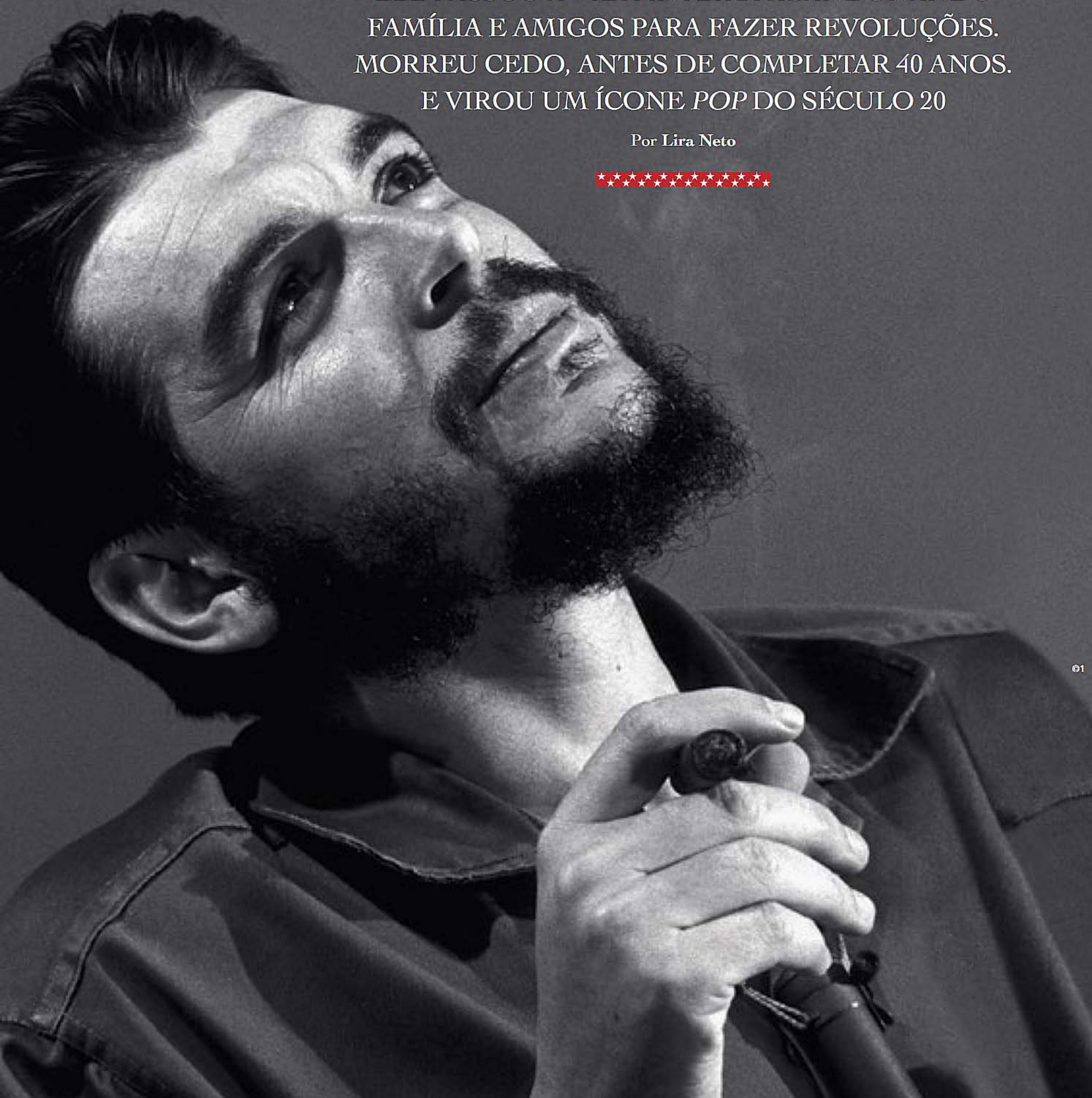


O jornalista Herbert Matthews e Fidel no acampamento rebelde

CHE GUEVARA

ELE PASSOU A VIDA INTEIRA ABANDONANDO
FAMÍLIA E AMIGOS PARA FAZER REVOLUÇÕES.
MORREU CEDO, ANTES DE COMPLETAR 40 ANOS.
E VIROU UM ÍCONE *POP* DO SÉCULO 20

Por Lira Neto



Em 1956, ele ainda não se tornara um mito. Era apenas um rapaz com a cabeça cheia de ideais e um enorme espírito de aventura pulsando nas veias. Antes de embarcar para Cuba, onde faria a revolução, escreveu uma carta amorosa endereçada à mãe, na Argentina: “Agora vem a parte mais difícil, velha, aquela da qual nunca fugi e sempre gostei”. E emendou com as seguintes palavras, na tentativa de tranquilizá-la: “Os céus não ficaram negros, as constelações não saíram de suas órbitas, nem houve enchentes ou furacões insolentes. Os signos são bons. Eles indicam a vitória”.

Ao receber a correspondência, Celia de La Serna reconheceu o colorido de sempre na escrita do filho. Era próprio dele aquele tipo de frase bem elaborada e o estilo fluente, sonoro, aprendido na leitura dos muitos poetas que ela mesma havia lhe apresentado alguns anos antes. Mas Celia tinha motivos de sobra para temer pela sorte do rapaz.

Guevara sempre tivera a saúde frágil. Nascido com apenas oito meses de gestação, aos dois anos de idade já sofria com acessos incontrolláveis de asma. Por isso, crescera em meio aos livros, recolhido à, nada modesta, biblioteca familiar, de mais de 3 mil volumes. Em vez de acompanhar os colegas de bairro e colégio nas costumeiras brincadeiras infantis – correr, pular, saltar –, tornara-se um ávido leitor de poesia e romances. Durante muitos anos, sequer pôde ir à escola. Nesse período, foi a mãe quem se encarregou pessoalmente da instrução do garoto.

SEMPRE REBELDE

Nascido no dia 14 de junho de 1928, em Rosário, na Argentina, Ernesto Guevara Lynch de La Serna vinha de uma família que não era pobre, embora precisasse fazer algum esforço para equilibrar o orçamento. Seu pai, Ernesto Guevara Lynch, viu naufragar sucessivas tentativas de montar o próprio negócio. E a mãe, quando não estava educando os cinco filhos, era feminista, socialista e anticlerical.

Depois de crescido, Guevara tornou-se um rapaz de aparência eternamente descuidada. Andava com o cabelo sempre despenteado, os sapatos desamarrados, a camisa meio suja. “O homem que cativaria milhões com o encan-



Guevara em família, com sua última esposa e quatro filhos, em 1966; acima, ele ainda jovem, aos 22 anos, na Argentina

to do olhar, do sorriso e dos gestos, nunca se esmerou em cuidar de sua vestimenta”, reconheceria o escritor Jorge Castañeda, autor de *Guevara: A Vida em Vermelho*. Como não trocava muito de roupa e passava dias seguidos sem tomar um único banho, na juventude, chegou a receber o apelido pouco lisonjeiro de *chanchó* – porco, em espanhol.

Por outro lado, Ernesto buscava superar o problema de saúde com ousadas demonstrações de arroubo pessoal. Para vencer as próprias limitações, tendo sempre à mão a bombinha contra ataques de falta de ar, começou a jogar rúgbi e dedicar-se intensamente à equitação e ao alpinismo. O esporte foi a forma que encontrou, incentivado principalmente pelo pai, de fugir do isolamento e fazer amigos. “Ele ansiava por camaradagem, não por liderança”, escreve o jornalista americano Jon Lee Anderson, seu principal biógrafo, em *Che Guevara: Uma Biografia*.

No final de 1951, aos 23 anos, Guevara e um colega de faculdade de Medicina, Alberto Granado, iniciaram uma viagem de moto pela América do Sul. Com uma Norton de 500 cilindradas, percorreram mais de 13 mil quilômetros, da Argentina até a Venezuela (*leia mais no quadro abaixo*). Foi durante essa odisséia que se deu a definitiva conversão política de Ernesto.

Em junho de 1953, já convertido ao marxismo, Guevara empreenderia uma nova viagem. Depois de visitar Bolívia, Peru, Equador, Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Honduras e El Salvador, decidiu permanecer algum tempo na Guatemala. Àquela altura, o presidente guatemalteco – Jacobo Arbenz Guzmán – levava a cabo profundas transformações sociais no país, incluindo um amplo projeto de reforma agrária. Ernesto quis ser testemunha daquela experiência histórica, depois de peregrinar por um continente pontilhado de cima a baixo por ditaduras e tiranias.



Che na selva boliviana em 1965, à frente de

nessa época que ele ganhou o apelido que incorporaria ao nome: “Che” – a expressão coloquial argentina para “companheiro”, que ele não cansava de repetir, em suas conversas com os amigos centro-americanos.

Quando o presidente Guzmán foi derrubado por um golpe financiado pelos Estados Unidos, Ernesto Che Guevara buscou refúgio no México. Lá conheceria os irmãos cubanos Fidel e Raúl Castro, que conspiravam no exílio para depor a ditadura de Fulgêncio Batista. “É um acontecimento político ter conhecido Fidel Castro, o revolucionário cubano”, anotou no diário. “Ele é jovem, inteli-



Passaporte falso usado para entrar na Colômbia em 1967: Guevara era o uruguaio Adolfo Mena

Na Guatemala, passou por apertos financeiros e conheceu Hilda Gadea, uma militante socialista de traços indígenas, que pouco tempo depois lhe daria uma filha. “Hilda tem um coração de platina. Sinto seu apoio em todos os atos de minha vida diária (a começar pelo aluguel)”, confidenciou em carta aos pais. Foi mais ou menos

DIÁRIOS DE MOTOCICLETA?

A moto de Che e Granado só resistiu aos três primeiros meses de viagem

Ao contrário do que muita gente imagina, a viagem de Ernesto Guevara e Alberto Granado, de dezembro de 1951 a julho de 1952, não foi feita inteiramente de moto. A Norton, apelidada de La Poderosa, resistiu apenas aos três primeiros meses de aventura.

Mais tarde, Guevara e Granado agradeceriam tal incidente. “A viagem não seria tão útil e proveitosa como foi, como experiência pessoal, se a motocicleta tivesse resistido”, diria o amigo de Che. A moto foi abandonada em Santiago do Chile, e a dupla continuou seguindo



Cena de Diários de Motocicleta: La Poderosa



mais uma guerrilha, e dois anos mais tarde, morto na mesma Bolívia: um mártir

gente, seguro de si e tem uma audácia extraordinária. Penso que simpatizamos um com o outro”. Che ofereceu seus serviços de médico aos guerrilheiros. Mais tarde, no calor dos combates de Sierra Maestra, revelaria-se um líder entre eles. O mito começava, pouco a pouco, a tomar forma.

TIPO EXPORTAÇÃO

“É preciso endurecer, mas sem perder a ternura, jamais” – diz a mais célebre de todas as frases atribuídas a Che Guevara. Bonito, mas pouco aplicável numa guerra de verdade, como foi a Revolução Cubana. Durante a guerrilha, traições e deserções

eram punidas com a morte. Che era um dos mais rigorosos na aplicação de penas capitais aos companheiros que colaboravam com o inimigo. Um deles, Eutímio Guerra, informava ao Exército de Fulgêncio Batista a localização de destacamentos rebeldes nas montanhas. Foi executado pelo próprio Guevara, durante um violento temporal no meio da mata.

Assim que a ditadura de Batista foi deposta, em 1959, Ernesto assumiu a direção do Banco Nacional de Cuba. Depois, em 1961, virou ministro da Indústria. Divorciado de Hilda Gadea, casaria com uma integrante do movimento revolucionário, Aleida

March, com quem teria mais quatro filhos. Mas, àquela altura dos acontecimentos, tornara-se impossível para Che Guevara permanecer como simples burocrata do novo regime. Ele queria exportar a revolução, testar na prática as teorias sobre guerra de guerrilha que havia elaborado nos anos de combate em solo cubano.

No final de 1965, Che simplesmente desapareceu do mapa. O mundo só voltaria a ouvir falar dele dois anos mais tarde: estava na Bolívia, fomentando uma revolta armada contra o governo local. Antes, estivera clandestinamente no Congo, tentando organizar uma guerrilha no coração do continente africano. Nos dois casos, o herói da Revolução Cubana fracassou. Em outubro de 1967, Guevara seria capturado por soldados bolivianos. Por orientação da CIA, foi barbaramente executado no dia seguinte, com uma rajada de metralhadora e um tiro de misericórdia.

Logo houve quem enxergasse uma semelhança assombrosa entre a fotografia do cadáver de Che, deitado sem camisa, de olhos dramaticamente abertos, e o quadro *Lamentação sobre o Cristo Morto*, do pintor renascentista Andrea Mantegna. O Exército boliviano, sem querer, havia dado ao mundo a imagem de um mártir, um “Cristo guerrilheiro” assassinado muito jovem, com apenas 39 anos, e imolado por defender suas crenças até o último suspiro. ★

Saiba mais

LIVRO

Che Guevara: Uma Biografia,

Jon Lee Anderson, *Objetiva*, 2005

É a mais extensa biografia de Che. O autor dedicou seis anos à pesquisa do livro, que mapeia toda a trajetória do guerrilheiro.

Che Guevara: A Vida em Vermelho,

Jorge G. Castañeda, *Companhia das Letras*, 1997

Mostra o processo de construção da imagem mítica de Guevara, analisando os motivos que fizeram dele um personagem do mundo pop.

de ônibus, a pé, de carona ou a cavalo. Trabalhando como carregadores, marinheiros, seguranças e médicos, alcançaram o Peru. Depois, a Colômbia. E, por fim, chegaram à Venezuela, onde se separariam.

Granado arranhou emprego num leprosário e ficou morando em Caracas por um tempo. Guevara conseguiu embarcar num avião

de carga e retornou à Argentina, com uma longa escala em Miami. Depois de alguns dias nos Estados Unidos, voltou para casa sentindo-se outro homem, modificado pela experiência junto às comunidades pobres que visitara no continente sul-americano. “A pessoa que escreveu estas notas morreu ao pisar de novo em solo argentino”, resumiu em seu diário de viagem.

1956-1957

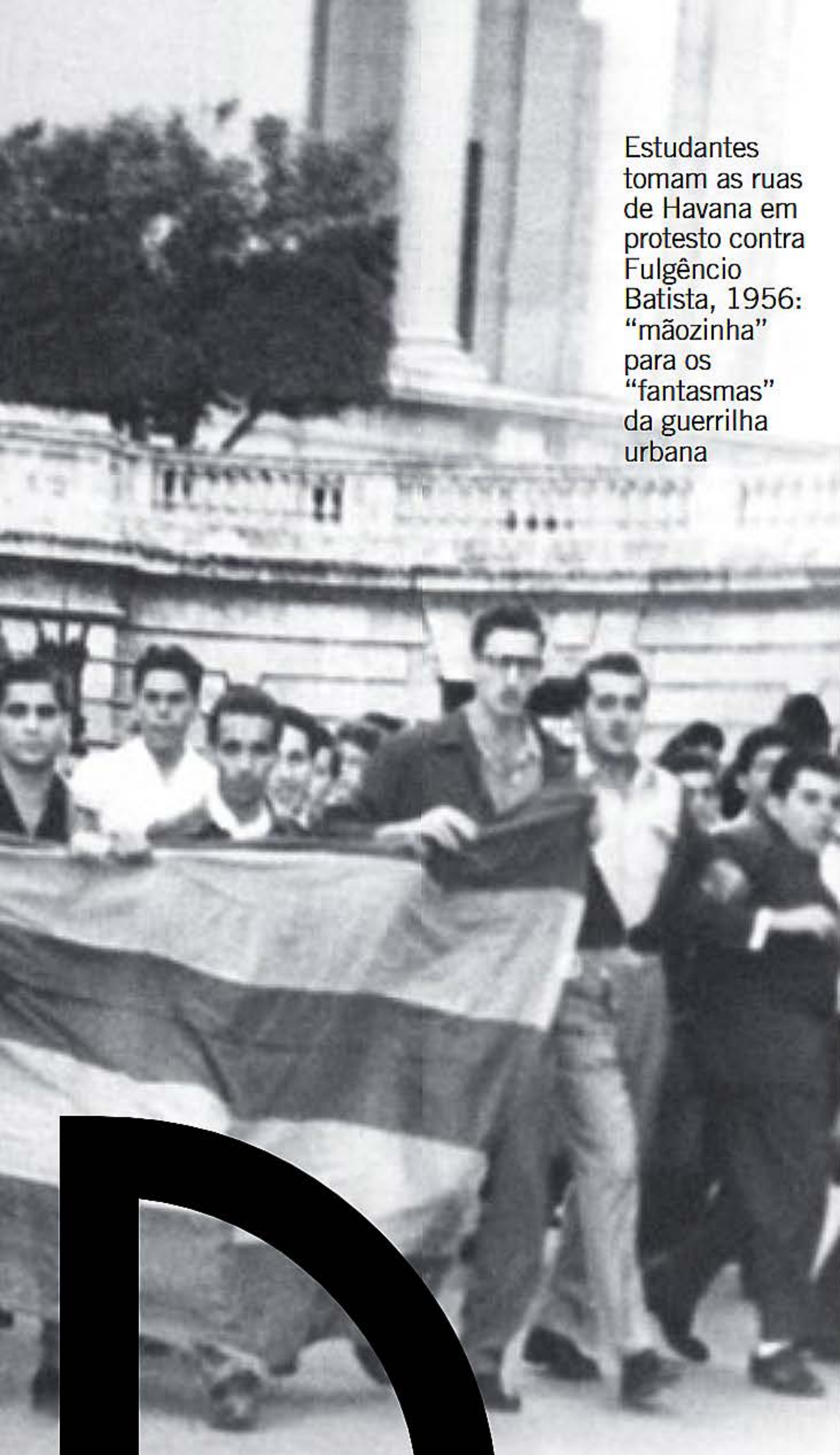


VIDA CLANDESTINA

ENQUANTO OS “BARBUDOS” LUTAVAM EM SIERRA MAESTRA,
CIDADÃOS COMUNS FAZIAM A REVOLUÇÃO NAS CIDADES.
ENTRE ELES ESTAVAM HERÓIS QUE QUASE NINGUÉM CONHECE,
COMO FRANK PAÍS, ARMANDO HART E ENRIQUE OLTUSKI

Por Álvaro Oppermann





Estudantes tomam as ruas de Havana em protesto contra Fulgêncio Batista, 1956: “mãozinha” para os “fantasmas” da guerrilha urbana

De um dia para o outro, no início de 1956, muros de Santiago de Cuba amanheceram cobertos de pichações do tipo *Abajo Batista Asesino* (“Abaixo Batista Assassino”), todas em vermelho. “Quem são os responsáveis?”, berrou ao telefone, rubro de cólera, o coronel José Salas Cañizares. Do outro lado da linha, um *esbirro* –

agente da polícia – balbuciava desculpas.

Cañizares, vulgo “Massacre”, era o chefe da repressão em Santiago. E a palavra *esbirro*, apesar de sinônima de “policial”, acabara por ganhar em Cuba uma conotação bastante pejorativa. Assim eram chamados os agentes leais a Fulgêncio Batista, cuja ditadura, instaurada com a deposição

do presidente Carlos Socarrás, em março de 1952, se tornara cruenta. O coronel “Massacre” orgulhava-se da cidade que ele ajudava a manter sob a ordem ditatorial. Situada na parte oriental da ilha, Santiago distinguia-se das demais pelo clima pacífico, apesar de ser uma das mais populosas e importantes da ilha. Esse clima, a bem da verdade, era imposto pelas baionetas e metralhadoras das patrulhas de Batista. As pichações avisavam que os dias de paz tinham chegado ao fim. “Quero os nomes dos responsáveis por isso”, vociferou novamente Cañizares, e bateu o telefone.

Uma pista viria pouco tempo depois. Nos dias seguintes, novos ataques ao ditador nos muros de Santiago passaram a ser identificados por uma sigla: M-26-7. Esse era o código do Movimento 26 de Julho, organização política e militar de Fidel Castro. Os *esbirros* ficaram atordoados. O número e a extensão das pichações, feitas em quase todos os bairros, indicavam uma frente ampla, disciplinada e invisível – como se fantasmas, saídos do nada, pichassem a cidade sem que ninguém os visse. Fidel estava exilado no México. Logo, ele devia ter um aliado no comando da operação. Quem?

GENTE DA PLANÍCIE

O homem que chefiava as ações clandestinas em Santiago de Cuba era um professor recém-formado, filho de pastor protestante, chamado Frank País. Tinha apenas 21 anos, e, desde 1955, era o chefe de Ação e Sabotagem do M-26-7 na província de Oriente. Ao lado de futuros próceres do regime comunista, como Armando Hart e Haydée Santamaría, País protagonizou um dos episódios menos conhecidos da Revolução Cubana: a guerrilha nas cidades, que foi decisiva para a derrocada do ditador Fulgêncio Batista.

“Quase tudo que se escreve sobre a revolução diz respeito à guerrilha nas montanhas, liderada por Fidel e Che Guevara. Mas pouco se fala da outra luta, que estava sendo travada nas cidades”, diz a americana Julia Sweig, professora da Universidade Harvard e autora de *Inside the Cuban Revolution: Fidel Castro and the Urban Underground* (“Por dentro da Revolução Cubana: Fidel Castro e o movimento clandestino urbano”, sem tradução no Brasil). Em Cuba, os guerrilheiros urbanos ganharam o apelido de “*gente del llano*”, ou “gente da planície”. Era uma forma de distingui-los dos revolucionários estabelecidos em Sierra Maestra.

A carreira de lutas do jovem Frank País começou em 1952, logo após o golpe de Batista, quando montou uma força chamada Ação Revolucionária Oriental (ARO) para combater o ditador. Outras organizações com o mesmo propósito surgiram nos anos 50, como o Diretório Revolucionário Estudantil (DRE), encabeçado pelo líder estudantil José

FÚRIA ESTUDANTIL

Em 1957, Batista escapou vivo de uma invasão a seu palácio porque tinha ido trocar de roupa



José Echeverría: plano maluco ©1

Em 1957, não era só a esquerda que desejava a cabeça de Fulgêncio Batista. A direita também planejou matar o ditador, num episódio sangrento e bastante desastroso. O golpe foi armado por José Antonio Echeverría, líder do Diretório Revolucionário Estudantil (DRE) – um grupo golpista de tendência conservadora.

Se tudo desse certo, uma unidade do DRE, munida de rifles, metralhadoras e granadas, invadiria o palácio presidencial e mataria Batista. Enquanto isso, Echeverría rumaria à principal rádio de Havana, a CMQ, para comunicar o assassinato.

Às 15h24 de 13 de março, os estudantes invadiram o palácio, mas Batista não estava no gabinete. O ditador tinha ido à ala residencial, para trocar de roupa e recepcionar o embaixador uruguaio. Os rebeldes entraram em pânico. No fogo cruzado com a guarda presidencial, a maior parte deles morreu. Sem saber disso, Echeverría entrou na rádio e leu o comunicado do DRE. Na saída, seu carro bateu contra uma viatura da polícia. O líder estudantil desceu atirando, levou bala e morreu. Era o fim da linha para a direita cubana. Quando Fidel Castro soube, só comentou: “Que derramamento mais inútil de sangue”.



©2

Explosão num terminal portuário de Cuba,

de apenas 17 anos. Operárias adolescentes da indústria têxtil de Havana e Santiago confeccionavam, escondidas, os uniformes dos guerrilheiros de Sierra Maestra. As responsáveis pelos moldes não conheciam as costureiras, que, por sua vez, não sabiam o destino final das roupas. Apenas o diretório conhecia os detalhes.

Essa garotada era chefiada por membros não muito mais velhos. Chamados de “adjuntos”, as chefias estavam, na rígida hierarquia do Movimento 26 de Julho, apenas abaixo de Fidel e Frank País. Um dos adjuntos era Armando Hart, futuro ministro da Educação de Cuba. Hart – que herdara o sobrenome do avô, um expatriado americano – tinha, então, apenas 26 anos. Sua esposa, Haydée Santamaría, também era uma figura de destaque. Apelidada “Yeyé”, tomara parte da rebelião de Moncada, onde perdeu o irmão, o revolucionário Abel Santamaría – preso, torturado e morto pelas forças de Batista.

A discrição era norma do *underground* urbano. Mas ninguém manteve sua identidade secreta com tanto desvelo quanto Enrique Oltuski. Especialista em explosivos e fabricação de bombas, além de grande estrategista, foi uma das peças-chave da

Antonio Echeverría, e a Organização Autêntica (OA), uma força paramilitar de mercenários, chefiada pelo presidente deposto, Carlos Socarrás.

Esses grupos tinham os mais diversos matizes ideológicos: Echeverría era um visceral anticomunista; País, um nacionalista moderado; e Socarrás... Bem, Socarrás queria voltar à presidência. Em 1955, o líder da ARO, que admirava Fidel desde o julgamento de Moncada, em 1953, resolveu fundir sua organização com o Movimento 26 de Julho. Fidel e País

iriam se conhecer pessoalmente só em agosto de 1956, durante o exílio dos líderes revolucionários no México (*leia mais na reportagem da pág. 22*).

“Frank não era apenas carismático”, diz o historiador americano Terrence Cannon, autor de *Revolutionary Cuba* (“Cuba revolucionária”, inédito em português). “Ele demonstrava honestidade e absoluta sinceridade no que fazia.” A juventude cubana acabou hipnotizada por País. Não estranha que a média de idade dos novos membros da guerrilha urbana fosse



©2

durante a campanha de sabotagem da guerrilha urbana, e o funeral de Frank País, em Santiago de Cuba: um tiro na cabeça

guerrilha clandestina. Era conhecido pelo codinome, “Sierra”. Apenas Fidel Castro, Che Guevara, Frank País e alguns outros conheciam sua verdadeira identidade. Explica-se: Oltuski, filho de uma família de judeus poloneses abastados, era diretor de vendas da empresa petrolífera Shell em Cuba e membro do Rotary Club.

“Eu fingia ser totalmente indiferente à política. Todos me achavam um conservador”, escreveu em suas memórias, *Vida Clandestina: My Life in the Cuban Revolution* (“Vida clandestina: minha vida na Revolução Cubana”, também inédito no Brasil). Seu cargo na multinacional permitia que viajasse por Cuba sem ser revistado nos postos de controle militar de Batista. Contrabandeava armas e munições pela ilha, como as utilizadas pelos rebeldes para detonar pontes e estradas em Guantánamo, no início de 1957. Em 1959, feito ministro das Comunicações, Oltuski estatizou a companhia telefônica, uma ex-concessão da americana ITT.

Em seu livro, Oltuski é evasivo apenas sobre um assunto: as missões em que tomou parte para matar agentes da repressão. Os guerrilheiros seguiam de carro os agentes de Batista, e executavam-nos a tiros em plena

rua. Era uma retaliação. “A cada manhã, apareciam nas ruas de Havana numerosos jovens assassinados, com marcas de terem sofrido a calcinação da pele, a extração das unhas ou a amputação da língua”, diz o escritor cubano Lisandro Otero em *Llover sobre Mojado: Una Reflexión Personal sobre la Historia* (“Chover no molhado: uma reflexão pessoal sobre a história”, sem tradução para o português).

CORTEJO FÚNEBRE

Apesar do sucesso da guerrilha urbana, as relações de Frank País com Fidel Castro e Ernesto Che Guevara tornaram-se tensas. Não lhe agradava o caminho progressivamente comunista que o Movimento 26 de Julho trilhava. Enquanto isso, em Santiago de Cuba, o coronel José Cañizares deixava claro para todos os seus colaboradores que não descansaria enquanto não descobrisse o paradeiro do líder do *underground* urbano.

No dia 30 de julho de 1957, o cerco fechou de uma vez por todas. A polícia foi informada de que País estava escondido na casa de outro militante do M-26-7, Raul Pujol. Até hoje, sua prisão é motivo de polêmica. Alguns historiadores acreditam que ele poderia ter sido delatado por integrantes do

próprio movimento, descontentes com suas insistentes críticas ao rumo comunista que a revolução vinha tomando. País e Pujol tentaram escapar, mas foram apanhados por uma viatura policial. Os *esbirros* levaram os dois para uma rua escura e deserta da cidade, a Callejón del Muro.

Diz a lenda que o próprio coronel “Massacre” executou Frank País, sob as ordens de Fulgêncio Batista, com um tiro na cabeça. A morte provocou comoção em Santiago. Um cortejo de mais de 5 mil pessoas, entoando o hino nacional cubano, marchou até o cemitério de Santa Ifigênia, onde País estava sendo velado. O líder da guerrilha urbana estava morto, mas seus companheiros, agora sob o comando de Armando Hart, continuaram assombrando os homens de Batista. A exigência de Cañizares ao telefone – o nome dos responsáveis – permaneceu sem resposta. ★

Saiba mais

LIVROS

Inside the Cuban Revolution: Fidel Castro and the Urban Underground, Julia Sweig, Harvard University Press, 2002 (em inglês)

Este é o estudo mais aprofundado já produzido sobre a guerrilha urbana em Cuba, escrito por uma especialista em assuntos latino-americanos.

Vida Clandestina: My Life in the Cuban Revolution, Enrique Oltuski, John Wiley Trade, 2002 (em inglês)

Autobiografia de um cubano que colaborou intensamente com a revolução, dividindo-se entre o cargo de executivo na Shell e a guerrilha urbana.

PRIMEIRA-DAMA DOS REBELDES

TUDO LEVA A CRER QUE CELIA SÁNCHEZ E FIDEL CASTRO FORAM AMANTES POR MAIS DE 20 ANOS. E QUE ELA EXERCIA FORTE INFLUÊNCIA SOBRE SUAS DECISÕES

Por Lira Neto

Em pleno combate, uma guerrilheira de 36 anos, cabelos negros, conquistou o coração do comandante. Embora os dois nunca tenham assumido o romance publicamente, tudo leva a crer que Fidel Castro e Celia Sánchez mantiveram um relacionamento de mais de duas décadas, iniciado na manhã de 16 de fevereiro de 1957, quando o líder da revolução a conheceu no acampamento, em Sierra Maestra. Sob o codinome “Norma”, Celia foi a primeira mulher a pegar em armas. E alguns historiadores afirmam: sem ela, o processo revolucionário poderia ter tomado outro rumo.

Antes de conhecer Fidel, Celia já era uma figura importante nos bastidores do movimento. Filha de um médico ligado ao Partido Ortodoxo, participou ativamente dos preparativos para o desembarque dos 82 guerrilheiros que chegaram a Cuba no Granma, em dezembro de 1956. Coube a ela a tarefa de obter cartas náuticas e tábuas de maré que garantissem

uma viagem tranqüila do México até a ilha, sem levantar suspeitas. Mas a confusão que marcou a chegada do iate (*leia mais na reportagem da pág. 28*) impediu que Celia e Fidel se conhecessem naquele momento.

Quando os combatentes conseguiram se embrenhar nas montanhas, Celia tornou-se uma peça fundamental da guerrilha. Principal elo entre o acampamento rebelde e os partidários do movimento na cidade de Manzanillo, onde morava, ela passou a cuidar do envio de suprimentos, armas e munições para Sierra Maestra, além de recrutar camponeses. Sua importância era tamanha que, à época, Ernesto Guevara chegou a declarar: um dia, quando escreverem um livro sobre a história da revolução, o nome de Celia deverá obrigatoriamente estar na capa.

Para Rich Haney, autor de *Celia Sánchez: The Legend of Cuba's Revolutionary Heart* (“Celia Sánchez: a lenda do coração revolucionário de Cuba”, sem tradução para o português), sua atua-

Celia, a mulher por trás de Fidel

©1

ção nos primeiros passos da revolução, em solo cubano, foi mais decisiva até que a de Fidel Castro. Não fossem as articulações de Celia, a guerrilha teria permanecido isolada nas montanhas, sem chances de vitória. “É justo que existam inúmeros monumentos erguidos a ela em Cuba, em número muito maior do que aqueles em homenagem a Fidel”, diz Haney. O historiador Tad Szulc, biógrafo do comandante, concorda: “Sem Celia Sánchez, a história poderia ter sido bem diferente”.

SOMBRA PROTETORA

Quando Celia começou a ser perseguida pela polícia em Manzanillo, ficou impossível permanecer na cidade. Ela decidiu, então, subir as montanhas e unir-se à linha de frente. Natural daquela região, conhecia os segredos da mata como ninguém naquele grupo. E acabou revelando-se uma guia de primeira, especialista em encontrar água potável, abrir novas trilhas e identificar frutos silvestres que pudessem ser comidos, sem risco de envenenamento.

Além de guerrilheira, Celia transformou-se numa espécie de secretária particular de Fidel. E rapidamente ficou claro para todos os revolucionários que havia algo mais entre o comandante e a nova integrante da guerrilha. “Ela era confidente, secretária, mulher e sombra protetora”, escreve Claudia Furiati em *Fidel Castro: Uma Biografia Consentida* (Revan, 2001). No livro *Fidel: A Critical Portrait* (“Fidel: um retrato crítico”, inédito no Brasil), Tad Szulc registra um pequeno detalhe que revela o alto grau de intimidade entre os dois: no quartel-general de La Plata, havia até um dormitório com cama de casal.

MARIANAS DA REVOLUÇÃO

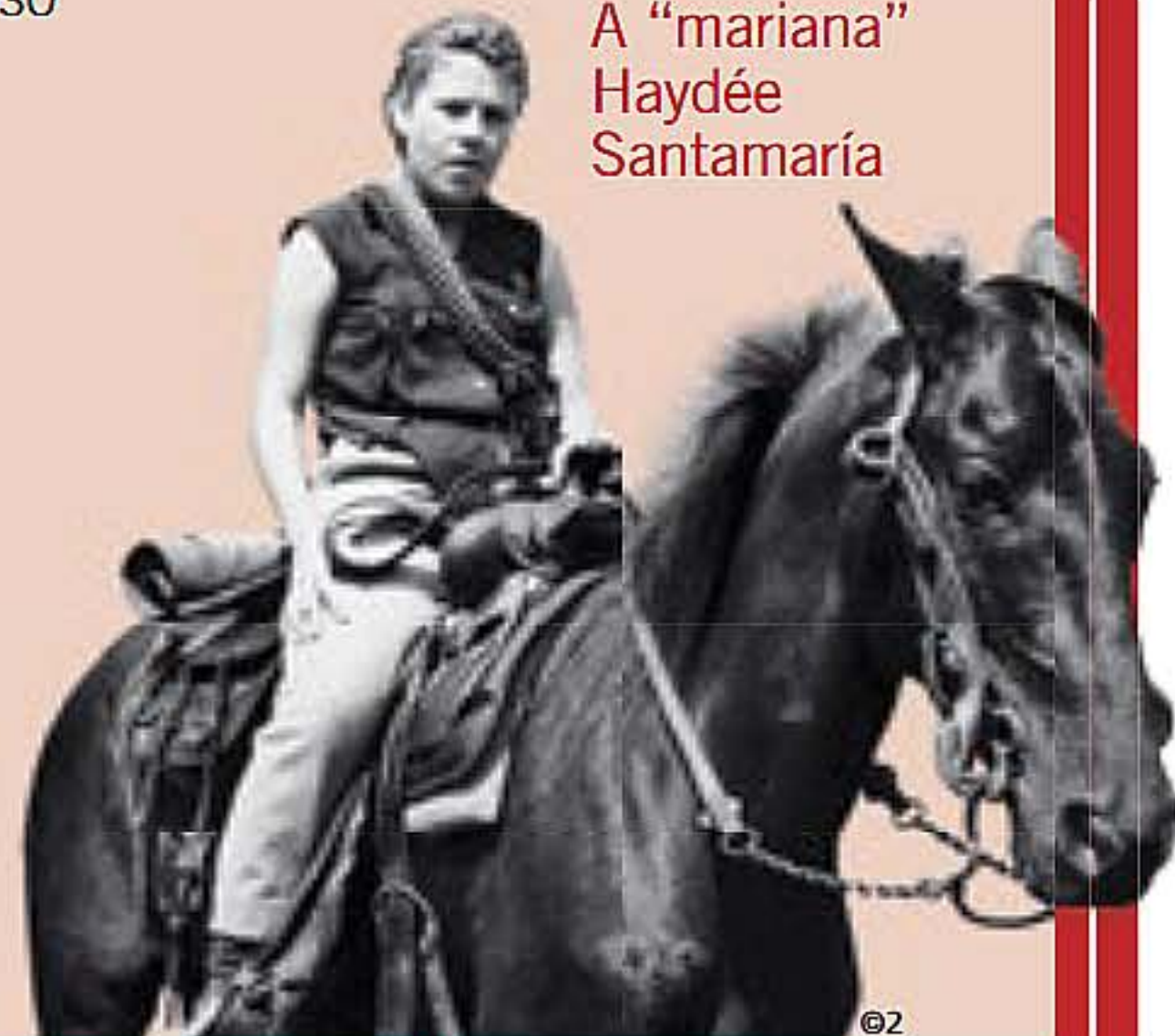
Pelotão de mulheres era usado por Fidel como arma psicológica

Para a maioria dos guerrilheiros nas montanhas de Sierra Maestra, parecia absurda a idéia de entregar armas às mulheres do acampamento e convocá-las para lutar contra as forças de Fulgêncio Batista. Tarefa de mulher era cozinhar, cuidar dos feridos, costurar uniformes ou servir de mensageira. Mas a criação de um pelotão feminino era defendida por alguém que exercia grande influência sobre os líderes da revolução: Celia Sánchez, que desde a batalha de El Uvero, em maio de 1957, já circulava com um poderoso fuzil M-1 sempre à mão.

Em setembro de 1958, formou-se o pelotão Mariana Grajales, nome que homenageava a mãe de dois generais dos tempos da independência de Cuba. Para decidir qual das 13 integrantes iniciais seria a chefe do grupo, Fidel organizou uma prova de tiro: ganharia quem acertasse

uma moeda à distância de 50 metros. Isabel Rielo ficou com o primeiro lugar e a patente de capitã. Mas foi Teté Puebla, segunda colocada na prova, que se tornou a mais célebre das “marianas”. Por seu desempenho em combate, Teté seria promovida a general-de-brigada – a primeira mulher a receber tal honraria. Para Fidel, o pelotão feminino funcionava como arma de efeito psicológico: os soldados de Batista ficavam arrasados ao perceber que estavam sendo derrotados por um inusitado pelotão de moças.

A “mariana”
Haydée
Santamaría



Quando a revolução triunfou, Celia Sánchez assumiu a chefia do gabinete de Fidel Castro e, em seguida, a secretaria da presidência do Conselho de Ministros de Cuba. Permaneceu na função até sua morte, em 1980, aos 60 anos, vítima de câncer. Três anos antes, a jornalista Barbara Walters, da rede de TV americana ABC, perguntou a Fidel o que havia, na ver-

dade, na relação entre ele e Celia. “É surpreendente como uma jornalista como a senhora dê ouvidos a futricas”, desconversou o comandante. ★

Saiba mais

LIVRO
Celia Sánchez: The Legend of Cuba's Revolutionary Heart, Rich Haney, John Van Dippel e Richard Haney, Algora Publishing, 2005 (em inglês)

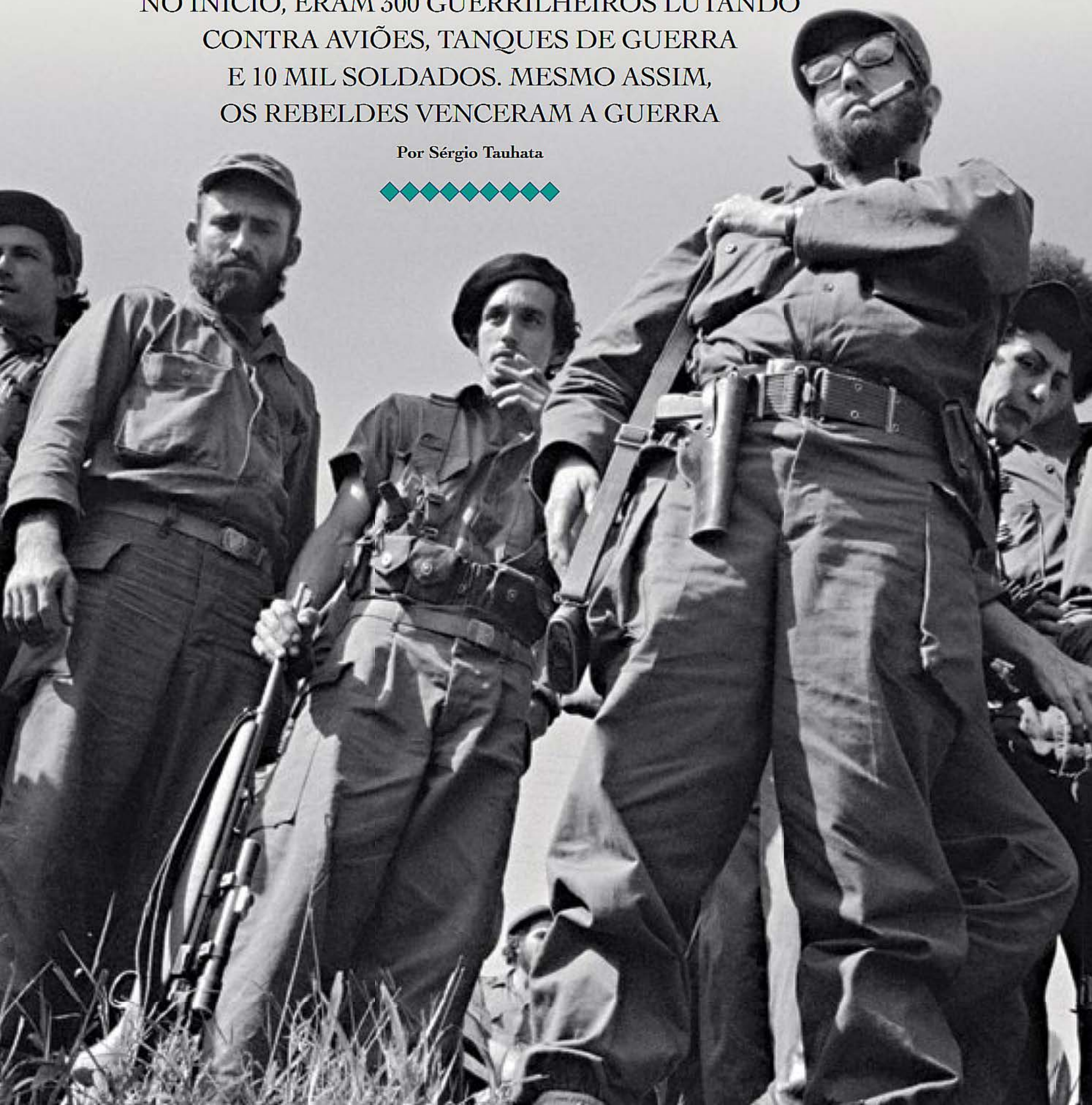
Esta biografia escrita a seis mãos revela como a mulher da vida de Fidel Castro influenciou as decisões do comandante, determinou o destino de Cuba e do povo cubano até sua morte, em 1980.


1958

O ANO DA VITÓRIA

NO INÍCIO, ERAM 300 GUERRILHEIROS LUTANDO
CONTRA AVIÕES, TANQUES DE GUERRA
E 10 MIL SOLDADOS. MESMO ASSIM,
OS REBELDES VENCERAM A GUERRA

Por Sérgio Tauhata





Fidel (à frente)
e outros rebeldes
durante a marcha
em direção a
Havana, no início
de 1959: fim de
uma ditadura,
começo de outra

Doite de gala no luxuoso hotel Habana Riviera, 11 de dezembro de 1957. Era a festa de inauguração do cassino, com direito a *show* da estrela de cinema Ginger Rogers. Boa parte dos 14 milhões de dólares gastos na suntuosa construção tinha saído dos cofres do

governo, no primeiro de uma série de investimentos que transformariam Havana numa nova Las Vegas. Esse, pelo menos, era o plano do mafioso americano Meyer Lansky, sócio no empreendimento. A despeito dos hóspedes famosos, o Riviera escancarava tudo que o regime do ditador Fulgêncio Batista tinha de pior: corrupção e desigualdade social.

No ano seguinte, 1958, Batista viu naufragar cada um de seus planos. O prenúncio do fim veio logo em fevereiro, quando, sob a supervisão de Ernesto Che Guevara, começaram as transmissões da Rádio Rebelde, diretamente da selva, em Sierra Maestra. Em poucos meses, a emissora clandestina já alcançava todo o país e tornou-se a grande brecha contra a censura dos meios de comunicação imposta pelo regime cubano. Além disso, mantinha todas as colunas de combatentes conectadas entre si (*leia mais na pág. 51*).

Em março, a revolução começou a espalhar-se. Fidel enviou seu irmão, Raúl Castro, com uma coluna de aproximadamente 50 homens para a região de Sierra Cristal, na porção nordeste da antiga província do Oriente. A formação da nova frente de batalha permitiu aos rebeldes ampliar a influência política e recrutar novos combatentes. Quando se juntou novamente às tropas de Sierra Maestra, em outubro, as forças de Raúl somavam de 500 a 600 integrantes.

OFENSIVA REBELDE

Enquanto Raúl consolidava a posição no Oriente, as colunas de Che Guevara e Camilo Cienfuegos partiram em missões para sabotar a infra-estrutura usada pelo Exército cubano no abastecimento de guarnições nas províncias centrais. Foi então que Batista resolveu dar um basta na revolução. Para não correr riscos,

1958

A CAMINHO DE HAVANA

Os combates decisivos, as armadilhas preparadas pelos dois lados e os líderes rebeldes que puseram Fulgêncio Batista para correr



ILHA DE PINOS

Hoje chamada ilha da Juventude, foi nela que Fidel Castro cumpriu 22 meses de prisão após o fracassado ataque ao quartel Moncada, em 1953.

28 DE DEZEMBRO

Guevara captura um trem cheio de armas e consegue render a guarnição militar de Santa Clara. Enquanto isso, Cienfuegos trava uma luta difícil pelo controle de Yaguajay, vencida no dia 31.

SIERRA MAESTRA

Décadas antes da revolução, as montanhas já tinham servido de esconderijo para guerrilheiros (na guerra de independência) e escravos foragidos.

Os irmãos Castro em Sierra Mestra, 1958

BATALHAS Ataques e contra-ataques entre as montanhas e a planície



OPERAÇÃO VERANO

25/5 a 8/8

O fracasso da grande ofensiva de Fulgêncio Batista, apelidada pelo ditador de FF ("Fase Final" ou "Fim de Fidel"), foi o ponto da virada da guerra. Cerca de 10 mil soldados, com tanques e aviões, foram derrotados por 300 guerrilheiros. Emboscadas e ataques rápidos minaram a resistência do Exército.



LA PLATA

11 a 21/7

O chefe da operação Verano, general Eulogio Cantillo, decidiu fazer um ataque direto à base de Fidel Castro em Sierra Maestra. Surpreendidas por emboscadas e campos minados, as tropas oficiais rederam-se após dez dias de luta. No balanço final, mais de 500 soldados morreram ou foram capturados pelos rebeldes.

COLUNAS As tropas rebeldes que humilharam o Exército de Cuba



RAÚL CASTRO

Em fevereiro de 1958, ele conduziu sua coluna

à região nordeste da ilha e estabeleceu-se em Sierra Cristal, na província de Oriente. Era o primeiro movimento para expandir a revolução. Raúl não participou da resistência à operação Verano, lançada pelo Exército cubano em maio. Juntou suas forças às de Fidel em outubro, para a tomada da cidade de Santiago de Cuba.



CHE GUEVARA

Formada em julho de 1957, a coluna

de Che Guevara atuou nos arredores de Sierra Maestra e, depois, na região central da ilha. Quando teve início a ofensiva de Batista, em maio, Fidel convocou-o para reforçar a resistência. No fim de agosto, partiu para Santa Clara com 300 combatentes. Após uma batalha duríssima, conquistou a cidade no dia 28 de dezembro de 1958.



CAMILO CIENFUEGOS

Promovido a comandante em abril de

1958, Cienfuegos chefiou ações na região central de Cuba. Em maio, reforçou a resistência de Fidel Castro em Sierra Maestra contra a ofensiva de Batista. No fim de agosto, partiu para Yaguajay e conquistou a cidade após 11 dias de combates. Em seguida, juntou-se à coluna de Che Guevara em Santa Clara.



CHE E CIENFUEGOS

No dia 31 de dezembro de 1958, a coluna

de Cienfuegos encontrou as tropas de Guevara em Santa Clara. Quando soube da derrota, Batista decidiu fugir, embarcando com a família para a República Dominicana. Informado da fuga pela Rádio Rebelde, em Santiago de Cuba, Fidel ordenou que os homens reunidos em Santa Clara marchassem para Havana.



MAIO

Fulgêncio Batista envia 10 mil soldados para Sierra Maestra. Os guerrilheiros eram apenas 300. Mas vencem, desmoralizam o Exército cubano e ainda conseguem um belo reforço de armas.

FEVEREIRO

Raúl Castro abre um novo *front* na região da Sierra del Cristal. Em Sierra Maestra, sob supervisão de Guevara, começa a funcionar a Rádio Rebelde, principal meio de comunicação entre as colunas.

GUANTÁNAMO

A baía foi concedida aos Estados Unidos em 1903, por cerca de US\$ 4 mil, para a instalação de uma base naval. Está com os americanos até hoje.



LAS MERCEDES

29/7 a 8/8

Depois da derrota em La Plata, Cantillo destacou parte de suas tropas para encurralar um grupo de rebeldes e esperou que Fidel Castro viesse em auxílio. O general conseguiu cercar os guerrilheiros, mas hesitou em aniquilá-los. Fidel, então, negociou uma trégua, dando tempo para que seus homens escapassem de volta às montanhas.



YAGUAJAY

19 a 30/12

Camilo Cienfuegos e sua coluna de 450 homens alcançaram a guarnição militar de Yaguajay com uma superioridade numérica inédita até então: a força rebelde era quase duas vezes maior que a tropa no quartel. Mesmo assim, a resistência foi feroz. Depois de 11 dias, os soldados de Batista finalmente se renderam.



SANTA CLARA

fim de dezembro

Guevara chegou a Santa Clara quatro dias antes do fim do ano. A cidade era a última a ser conquistada antes de Havana. Um trem blindado com armas e munições, enviado por Batista para abastecer as tropas da guarnição local, foi interceptado pelos rebeldes. Reforçado por esse arsenal, Ernesto Che Guevara esmagou a resistência.

o ditador mirou seu canhão para o que, imaginou, seria a caçada a um coelho: destacou uma força de cerca de 10 mil homens, apoiados por tanques e pela Força Aérea, para um ataque maciço contra a base rebelde em Sierra Maestra. Com pouco mais de 300 guerrilheiros, Fidel Castro parecia condenado. Acontece que o coelho acabou se revelando um leão.

Sob o comando do general Eulogio Castillo, o Exército de Cuba rumou para as montanhas em maio. Após dois meses e meio de numerosos combates, a operação – batizada Verano – fracassou. Hábil estrategista, Fidel conseguiu controlar as condições nas quais as batalhas eram travadas. Assim, nenhum embate de grandes proporções ocorreu. E os guerrilheiros, palmo a palmo, foram minando o moral das forças inimigas.

Essa derrota de Batista marcou a virada a favor dos revolucionários. Em agosto, Fidel partiu para a ofensiva: enviou as colunas de Guevara, Cienfuegos e Jaime Vega para ocupar a província de Las Villas e sua capital. No caminho, uma emboscada esfaqueou o grupo de Vega. Mas os remanescentes deram sequência à jornada. Em dezembro, eles bateriam às portas de Santa Clara, Santiago de Cuba e, finalmente, Havana.

LIÇÕES DO MÉXICO

Com apenas 300 homens, o Exército Rebelde derrotou 10 mil soldados de Fulgêncio Batista e deu início a uma marcha pelo território cubano que terminaria com a deposição do ditador. Como isso foi possível? Os revolucionários de Fidel Castro certamente tiraram proveito do despreparo das tropas oficiais, que jamais tinham encarado uma guerra de guerrilha. Mas também devem parte do sucesso à ajuda dos cam-



Grupo de guerrilheiros exhibe bandeiras do Movimento 26 de Julho (M-26-7), 1958:

poneses. Pouco a pouco, eles foram engrossando as fileiras rebeldes. Quando não se apresentavam como voluntários para pegar em armas, contribuíam com informações sobre os movimentos das tropas inimigas ou ofereciam comida e abrigo.

O que realmente decidiu o conflito em favor dos rebeldes, no entanto, foi o treinamento ocorrido entre 1955 e 1956, no México (*leia mais na reportagem da pág. 22*). Naquele período, Alberto Bayo – veterano da Guerra Civil espanhola e especialista em técnicas de guerrilha – ensinou a Fidel e seus companheiros como fabricar bombas caseiras e coquetéis molotov, manusear minas, atirar com fuzis, encontrar refúgio na mata e preparar emboscadas. As lições foram determinantes em 1958, especialmente durante a resistência à operação Verano e nas batalhas de Las Villas.

“Levamos em consideração que, nas montanhas [*de Sierra Maestra*], uma coluna de 400 homens deve avançar em fila indiana”, diz o comandante, em *Fidel Castro: Biografia a Duas Vozes*, do jornalista espanhol Ignacio Ramonet. Segundo Fidel, os guerrilheiros sabiam que, em posição defensiva, o adversário seria praticamente imbatível. Tudo o que precisavam, portanto, era provocar o inimigo e fazê-lo sair da toca.

Armadilhas eram preparadas em terrenos especialmente acidentados, dificultando ainda mais a organização das forças oficiais. Os homens de Fidel sempre atacavam primeiro a linha de frente, forçando a coluna inimiga a bater em retirada. Quando os batalhões de Batista chegavam perto de suas próprias bases, cren-tes de que já estavam em segurança àquela altura, entrava em ação outro



camponeses engrossaram as fileiras

grupo de rebeldes, para um segundo ataque. “É o melhor momento”, afirma Fidel Castro. “Quando uma tropa desmoralizada está chegando a seu quartel, ela reduz a vigilância.”

CRUZADO DE DIREITA

Os homens de Batista também se viam frequentemente presos entre campos minados, que anulavam a vantagem dos tanques de guerra. No dia 11 de julho de 1958, entretanto, apesar de todos os reveses sofridos por Batista, teve início uma nova ofensiva do ditador contra Fidel Castro em Sierra Maestra. Dois batalhões do Exército de Cuba, o 17 e o 18, atacaram a partir de direções opostas. As forças rebeldes concentraram o contra-ataque sobre o Batalhão 18 e cercaram o grupo perto de La Plata. Durante dez dias, a tropa oficial resistiu naquela posição, esperando

ajuda. Mas os guerrilheiros conseguiram deter todas as tentativas de resgate, com estradas bloqueadas, minas e franco-atiradores. No dia 21, o batalhão finalmente se rendeu.

No fim de agosto, Fidel decidiu começar sua ofensiva, em lugar de continuar escondido nas montanhas. Enviou as colunas de Che Guevara e Camilo Cienfuegos em direção à cidade de Santa Clara, para ocupar as principais guarnições da região e abrir caminho até a capital, Havana. Cienfuegos deixou a Sierra Maestra com apenas 60 homens. Mas, conforme avançava em direção à localidade de Yaguajay, ia recebendo apoio de muitos camponeses. Quando chegou à capital da província de Las Villas, já tinha cerca de 500 combatentes. Aquela era uma situação, no mínimo, inusitada: pela primeira vez, um destacamento do Exército Rebelde estava em vantagem numérica frente ao inimigo. Os soldados de Batista resistiram ao cerco por 11 dias, até que a munição acabou e não lhes restou alternativa a não ser a rendição.

Guevara, por sua vez, tratou de conquistar localidades próximas, como Caibarién e Camajuani, antes de atacar Santa Clara. Com um efetivo de 300 homens, o líder rebelde tomou a cidade no dia 28 de dezembro, enquanto Cienfuegos conseguiu a rendição da guarnição de Yaguajay dois dias depois. A notícia das vitórias rebeldes foi sentida como um cruzado de direita pelo regime cubano. Fulgêncio Batista fugiria, deixando suas tropas sem comando e entregues ao avanço das forças inimigas. Fidel Castro, com o apoio de seu irmão, Raúl, logo ocuparia a cidade de Santiago de Cuba e iniciaria sua marcha triunfante em direção a Havana. Era o fim da guerra. E o começo de um governo revolucionário. ★

ENQUANTO O PAU QUEBRAVA EM CUBA...

O mundo descobria, em 1958, a Bossa Nova e futebol brasileiro

31 DE JANEIRO

Entra em órbita o Explorer 1, primeiro satélite americano.

2 DE FEVEREIRO

Oito jogadores do Manchester United morrem num desastre de avião em Munique.

24 DE MARÇO

O cantor Elvis Presley entra para o Exército dos Estados Unidos.



29 DE JUNHO

O Brasil bate a Suécia e ganha uma Copa do Mundo pela primeira vez.

10 DE JULHO

João Gilberto grava *Chega de Saudade* e inaugura a Bossa Nova.



18 DE AGOSTO

Sai a primeira edição de *Lolita*, do polêmico Vladimir Nabokov.

12 DE SETEMBRO

O americano Jack St. Clair Kilby (futuro Prêmio Nobel de Física) inventa o circuito integrado.

10 DE DEZEMBRO

Começam a funcionar os primeiros parquímetros do mundo, na cidade de Londres.

Fontes: Wikipedia, Britannica e Folha de S. Paulo

1958

POR QUEM OS SINOS DOBARAM

O romance de Ernest Hemingway, sobre a Guerra Civil espanhola, teria inspirado Fidel Castro nas táticas de guerrilha adotadas em Sierra Maestra

SANSÃO CONTRA GOLIAS

No início de 1958, eram apenas 300 rebeldes contra 10 mil soldados do ditador Fulgêncio Batista – uma proporção superior a 33 para 1



EXÉRCITO DE CUBA

Batista reaparelhou suas Forças Armadas para enfrentar o Exército Rebelde, comprando tanques de guerra, aviões e fuzis. Não adiantou. “Desenvolvemos a arte de confundir o adversário com os ardis do segredo e da surpresa”, diz Fidel Castro.

EXÉRCITO REBELDE

Com menor poder de fogo que o Exército do ditador Fulgêncio Batista, os rebeldes de Fidel Castro apostaram no conceito de “guerrilha irregular” – nas palavras do comandante, “uma guerra de movimento, de atacar e retirar-se”.

ARMAMENTO PESADO

Entre 1952 e 1958, o ditador cubano fez acordos de cooperação militar com os Estados Unidos e gastou uma fortuna comprando armamento pesado, incluindo aviões de combate e tanques americanos e britânicos. Caças e bombardeiros foram largamente usados por Batista em ataques contra posições rebeldes em Sierra Maestra.

Batista tinha aviões e tanques de guerra para lutar contra os rebeldes



HAWKER SEA FURY F.50

Foi desenvolvido pela RAF durante a Segunda Guerra Mundial. Tinha 4 metralhadoras e podia levar 12 foguetes de 76 mm ou 900 quilos de bombas.

DOUGLAS B-26C

Americano, este bombardeiro para três tripulantes era capaz de carregar 2,7 mil quilos de bombas. Contava com 18 metralhadoras (seis delas no nariz), desenvolvia até 507 km/h e seu alcance – carregado – era de aproximadamente 2,3 mil quilômetros.



INFOGRÁFICO CÁSSIO BITTENCOURT, EDUARDO LIMA, MMT E LUIS IRIA (CONSULTOR)



CLÁSSICOS DA SEGUNDA GUERRA

As armas mais usadas eram as mesmas dos dois lados do conflito



FUZIL M-1

Fabricado nos Estados Unidos, foi o primeiro rifle semi-automático adotado por infantarias do mundo todo. Também esteve em ação na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na Guerra da Coreia (1950-1953) e na Guerra do Vietnã (1959-1975).



CARABINA M-1

Mais leve que o fuzil M-1, mas tão precisa e poderosa quanto ele, esta arma é usada até hoje. Ela ainda equipa forças de segurança importantes, como a polícia israelense e o Batalhão de Operações Especiais (o Bope, do filme *Tropa de Elite*).



CARABINA MAUSER

Fabricada na Alemanha, a Karabiner 98k foi a arma padrão das infantarias de Adolf Hitler durante a Segunda Guerra Mundial. Como pesava 3,7 quilos (contra 2,4 quilos da M-1), não era o rifle mais adequado para o relevo acidentado de Sierra Mestra.

M4A3 SHERMAN

Fabricado nos Estados Unidos, era uma variação do M4 Sherman, tanque médio que fez história na Segunda Guerra Mundial. Foi produzido em versões com canhão de 75 mm, 76 mm e 105 mm – todas elas equipadas com três metralhadoras.



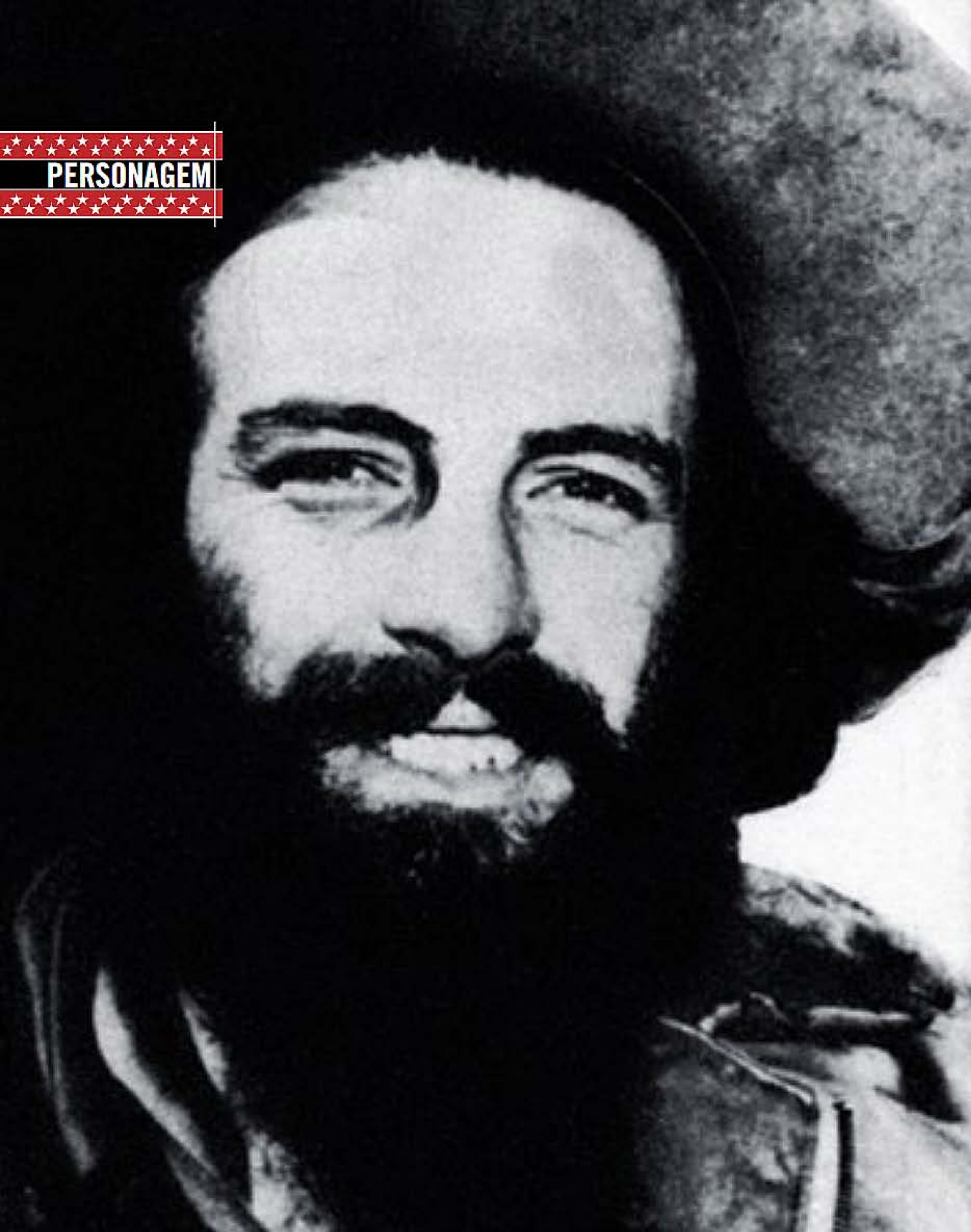
RÁDIO REBELDE

A arma “secreta” dos guerrilheiros nas montanhas

Se Fulgêncio Batista tinha aviões, tanques e 10 mil soldados, os homens de Fidel tinham uma arma secreta: a Rádio Rebelde. Fundada em fevereiro de 1958 por Ernesto Che Guevara (*foto*), a emissora clandestina funcionava no meio da mata,

em Sierra Maestra, e mobilizava a população contra o regime de Batista. “Transmitíamos partes dos combates, denunciávamos crimes da ditadura, difundíamos discursos de nossos líderes e orientávamos o povo”, lembra Ricardo Martínez, co-fundador da rádio, numa entrevista concedida ao jornal cubano *Trabajadores*, em 1998.

Quando a guerra entre rebeldes e governo já estava prestes a acabar, no final de 1958, cada coluna da revolução já tinha suas próprias emissoras. No total, eram 32, funcionando em cadeia. “A Rádio Rebelde virou nosso veículo de comunicação em massa”, declarou Fidel Castro durante as comemorações pelo 15º aniversário da rádio.



Ele nunca perdia uma piada: até nos momentos mais críticos de uma batalha

O SORRISO DA REVOLUÇÃO

CAMILO CIENFUEGOS FOI O GUERRILHEIRO MAIS GENTE BOA E PIADISTA DA HISTÓRIA. ACABOU MORRENDO TRAGICAMENTE, NUM ACIDENTE ATÉ HOJE MAL-EXPLICADO

Por Lira Neto

Ele foi o guerrilheiro mais irreverente de que já se teve notícia. Camilo Cienfuegos Gorriarán, comandante de uma das principais colunas rebeldes – à qual coube, entre outras, a tarefa decisiva de tomar a cidade de Yaguajay –, ficou célebre não só pelo arrojo revolucionário, mas também por seu desconcertante senso de humor. Além de “senhor da vanguarda”, passou a ser conhecido em Cuba também pelo apelido de “sorriso da revolução”.

Cienfuegos jamais perdia a chance de fazer uma piada, até nos momentos mais críticos das batalhas. Os muitos episódios anedóticos envolvendo seu nome construíram um verdadeiro folclore da guerrilha. São as hilariantes *camiladas*, como dizem os cubanos.

Conta-se, por exemplo, que certa feita, ao aprisionar alguns camponeses suspeitos de colaborar com o inimigo, Cienfuegos arrancou-lhes a confissão graças a um método bem pitoresco: aplicou no braço dos prisioneiros um simples medidor de pressão arterial, afirmando que aquilo era um moderníssimo detector de mentiras. A cada resposta evasiva dos interrogados, ele balançava a cabeça e dizia que o movimento do ponteiro acusava não estarem falando a verdade. Admirados com a “eficácia” do dispositivo, os camponeses terminaram por confessar a colaboração com soldados de Fulgêncio Batista.

Logo após a vitória em Yaguajay, Cienfuegos não resistiu a mais uma *camilada* quando percebeu que a população do lugar formava grandes aglomerações apenas para ver de perto o companheiro Che Guevara. “Já sei do que viver quando a revolu-



©2 Cienfuegos (à frente do grupo), já como chefe do Estado-Maior, em 1959: carrasco de um companheiro de revolução

ção triunfar”, disse ao amigo. “Vou colocar você numa jaula e cobrar ingresso da multidão.” Para o principal biógrafo de Che, John Lee Anderson, a personalidade descontraída de um ajudava a neutralizar a severidade habitual do outro. Segundo Anderson, Guevara permitia ao colega uma intimidade que não concedia a mais ninguém. “Seus diálogos eram uma troca de gozações, entremeadas de ofensas e provocações amistosas.”

MISTÉRIO NO CARIBE

Nascido em Havana, no ano de 1932, Camilo Cienfuegos foi um esportista bem promissor na adolescência, com múltiplo talento para natação, vôlei e beisebol. Mas trocou piscinas e quadras pelo engajamento político após o golpe de Estado que levou Batista ao poder, em 1952. Participou ativamente do movimento estudantil e, no ano seguinte, embarcou para os Estados Unidos, onde trabalhou como operário e garçom. Sem visto de permanência no país, acabou preso e deportado para Cuba pelo departamento de imigração americano.

De volta à ilha, Cienfuegos passou a levar uma vida semiclandestina. Decidiu, então, ir para o México, onde se uniu aos irmãos Castro e Che Guevara nos preparativos para a revolução. Tripulante da histórica viagem do iate Granma, virou um dos principais líderes do movimento. E foi o primeiro chefe guerrilheiro a combater tropas oficiais a céu aberto, sem a proteção natural das florestas de Sierra Maestra – uma série de movimentos ousados que conduziram os rebeldes à vitória na planície.

A irreverência de Cienfuegos terminou tragicamente. Com o triunfo da revolução, o guerrilheiro tornou-se chefe do Estado-Maior do Exército Rebelde. Entre suas muitas tarefas, estava a de dar combate aos adversários do novo regime. Um belo dia, viu-se obrigado a prender um ex-companheiro de guerrilha: Huber Matos, chefe militar de Camagüey e dissidente, contrário à guinada da revolução em direção ao comunismo. Cienfuegos viajou à província para supervisionar o encarceramento do amigo. E não voltou dessa missão.

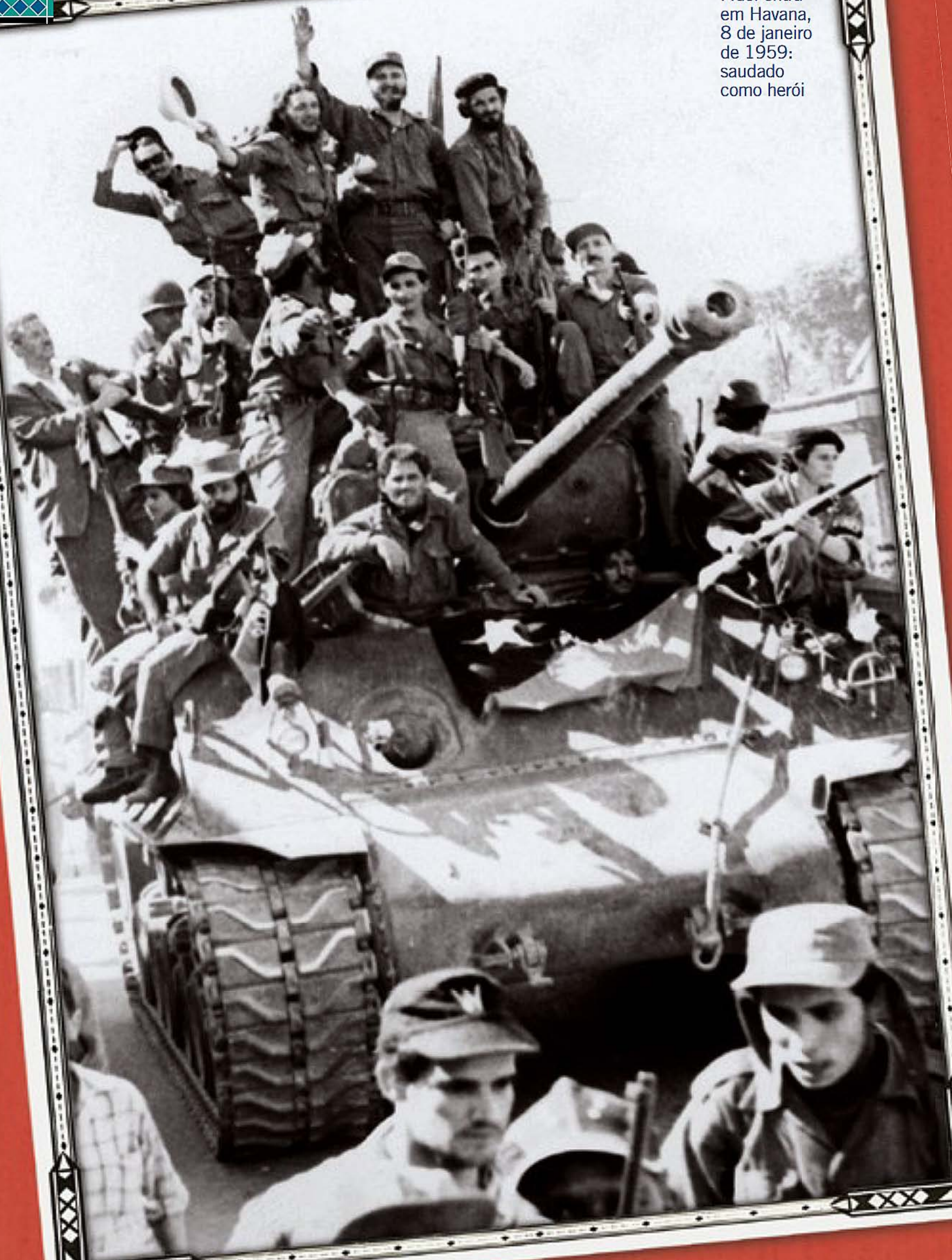
Na noite de 28 de outubro de 1959, o bimotor Cessna que levava Cienfuegos de volta a Havana desapareceu sobre o mar do Caribe. Os destroços do aparelho, que voara sob um céu pacífico e sem nuvens, jamais foram encontrados. Até hoje, sua morte permanece envolta em mistério. Há quem diga que o próprio Fidel orquestrou o sumiço, incomodado com a falta de convicção comunista demonstrada pelo companheiro. Outros acreditam que um avião de combate da Força Aérea cubana confundiu o Cessna com uma aeronave inimiga e abriu fogo. Na versão oficial, tudo não passou de um infeliz –, mas ainda inexplicável – acidente. Seja lá qual tenha sido o motivo de sua morte: ao desaparecer tão novo, com apenas 27 anos, Camilo Cienfuegos eternizou a face romântica e jovial de uma revolução que se tornaria cada vez mais pragmática e carrancuda. ★

Saiba mais

LIVRO
Camilo, Regine Deforges, Fayard, 1999 (em francês)
Uma biografia romancada que ressalta a aura mítica do guerrilheiro, construída a partir das histórias que lhe renderam o apelido de “sorriso da revolução”.

1958

Fidel entra
em Havana,
8 de janeiro
de 1959:
saudado
como herói



ANO NOVO, VIDA NOVA

QUANDO FIDEL CASTRO ENTROU EM HAVANA
SOBRE UM TANQUE DE GUERRA, HÁ 50 ANOS,
O PAÍS ACHOU QUE ESTAVA EMBARCANDO NUM
VÔO SEM ESCALAS PARA UM FUTURO MELHOR

Por Sérgio Tauhata



ue *réveillon* foi aquele em Havana! Na passagem de 1958 para 1959, uma festa sem precedentes tomou conta da cidade. Pedestres agitavam bandeiras e carros buzinavam, como se todos comemorassem a conquista de uma Copa do Mundo. A euforia era inversamente

proporcional à angústia dos dias anteriores. O ar da capital tinha cheiro de pólvora já fazia algum tempo. A população vivia encurralada pelos combates entre as forças do ditador Fulgêncio Batista e milícias pró-Castro. Os confrontos só não ganhavam dimensões de tragédia porque as forças leais ao ditador tinham desistido da luta e entregavam-se em massa.

Batista enfrentaria o paredão se caísse nas garras do Exército Rebelde. Como não cogitava morrer assim tão cedo, aos 53 anos, simplesmente fugiu. Na madrugada de 1º de janeiro, embarcou com a família – e 40 milhões de dólares – rumo à República Dominicana. Amigos, altos oficiais e empresários ligados ao governo também abandonaram a ilha e foram para Miami.

Uma multidão reuniu-se às portas da penitenciária de Príncipe, enquanto juízes da alta corte emitiam ordens para libertar centenas de presos políticos. Ao saber da fuga de Batista, o comandante da revolução, Fidel Castro, ordenou que as tropas lideradas por Ernesto Che Guevara e Camilo Cienfuegos seguissem para Havana. Mas o que seria a última ofensiva acabou se transformando num passeio. Àquela altura, o comando das Forças Armadas já tinha decidido pela rendição. E a capital foi invadida sem qualquer resistência.

Fidel estava do outro lado da ilha, assegurando o controle sobre uma cidade bem mais importante do ponto de vista estratégico: Santiago de Cuba. Assim que deu sua missão por cumprida, iniciou uma marcha triunfante em direção a Havana. Ora de jipe, ora sobre um tanque de guerra, o comandante percorreu 760 quilômetros e foi saudado por multidões pelo caminho. No dia 8 de janeiro, finalmente entrou na capital, conduzido por um tanque do regime que ele acabara de derrubar. A seu lado estavam Cienfuegos e outros heróis da revolução. Para a maioria do povo cubano, começava ali não apenas um novo ano, mas uma nova vida – plena de esperança num futuro melhor. ★

1959-1960

COM A FOICE E O MARTELO NA MÃO

NOS DOIS PRIMEIROS ANOS DA REVOLUÇÃO, CUBA FEZ REFORMA AGRÁRIA, NACIONALIZOU EMPRESAS AMERICANAS, MANDOU CENTENAS DE OPOSITORES PARA O PAREDÃO E JOGOU-SE NOS BRAÇOS DA EXTINTA UNIÃO SOVIÉTICA

Por Eduardo Szklarz



Cooperativa agrícola em Cuba, depois da reforma agrária: terra para 200 mil famílias de camponeses



Dezembro de 1959: a Revolução Cubana está prestes a festejar seu primeiro aniversário. Mas o governo americano não vê nenhum motivo para comemoração. Ao contrário, circulam pelos corredores da Casa Branca fuxicos que preocupam o presidente Eisenhower. No dia 11, o coronel J. C. King, chefe da Divisão Ocidental da CIA, enviou um memorando para Allen Dulles, seu superior em Washington, informando que Fidel Castro já tinha estabelecido em Cuba uma ditadura de extrema esquerda. Agentes da central de inteligência previam que o novo regime reforçaria seu apoio a movimentos revolucionários em outros países da América Latina. E mais: uma “rápida nacionalização de bancos, indústrias e comércio” estava por vir.

“Nos dias seguintes, Allen Dulles apresentou o documento ao Conselho de Segurança. E o órgão aprovou a sugestão de criar uma equipe de trabalho na agência que, em pouco tempo, encontrasse soluções para o problema cubano”, relata Fabián Escalante Font, ex-chefe dos serviços de contra-informação de Fidel Castro, no livro *Cuba: La Guerra Secreta de la CIA* (“Cuba: a guerra secreta da CIA”, inédito em português). “A equipe foi composta por Tracy Barnes, o chefe, e pelos oficiais Howard Hunt, Frank Bender, Jack Engler e David Attle Phillips, entre outros. E tinha uma particularidade: todos participaram da derrubada do governo de Jacobo Arbenz na Guatemala, em 1954.”

A preocupação de Eisenhower era justa. Afinal, os Estados Unidos tinham muitos interesses econômicos em jogo. Os maiores bancos americanos e grandes companhias – entre



Recepção a Fidel em Nova York, 1959: viagem para tranquilizar os americanos

elas, a gigante das frutas tropicais United Fruit e as petrolíferas Texaco e Exxon – estavam instalados em território cubano. Tudo isso, e muito mais, agora corria o risco de ser perdido. E o pior: para um regime aparentemente comunista, nascido logo ali, no quintal caribenho de tio Sam. Fidel Castro parecia ter coragem de enfrentar a potência. Assim que foi empossado, em fevereiro de 1959, o primeiro governo revolucionário – com o moderado Manuel Urrutia Lleó na presidência e Fidel no cargo de primeiro-ministro – deu início a reformas ousadas e extremamente populares. Logo de cara, baixou por decreto o valor dos aluguéis (50%), a taxa de luz (30%) e o preço dos livros escolares (25%).

Uma lei de confisco tomou para o Estado os bens do ditador Fulgêncio Batista e seus associados: 14 fábricas de açúcar, a Companhia Cubana de Aviação, a Interamericana de Transportes, quase toda a indústria têxtil da ilha e um hotel. Empresas suspeitas de favorecimento ilícito sofreram

intervenção. Imóveis supostamente comprados com dinheiro proveniente de corrupção foram expropriados. E a indústria do jogo simplesmente desapareceu. Praias controladas por clubes requintados à beira-mar, muitas vezes proibidas aos negros, foram abertas para toda a população.

A transformação mais radical do primeiro ano de revolução, contudo, veio com a reforma agrária, em maio de 1959. “As terras de norte-americanos, quase 75% de toda a área cultivável, e também as da família Castro, estavam entre as primeiras nacionalizadas”, escreve a pesquisadora carioca Claudia Furiati em *Fidel Castro: Uma Biografia Consentida* (Revan, 2001). Todas as propriedades com mais de 420 hectares foram repartidas entre 200 mil famílias camponesas. Criaram-se cooperativas agrícolas, uma versão caribenha da agricultura coletiva que vinha sustentando a União Soviética desde a Revolução Russa de 1917. E estrangeiros ficaram proibidos de comprar terras em Cuba.

O apoio popular à revolução era total. E vivia-se um clima de euforia e esperança jamais visto, nos quatro cantos da ilha. Só mesmo as elites estavam descontentes. Na verdade, mais do que isso: elas estavam apavoradas. Entre os anos de 1959 e 1961, cerca de 256 mil cubanos deixaram o país e migraram principalmente para os Estados Unidos – a maioria integrantes das classes média e alta.

Quem ficou e era contrário ao novo regime passou a ser visto como inimigo, uma ameaça à revolução. Integrantes do antigo governo de Batista foram acusados de assassinato e tortura, julgados em tribunais abertos e condenados à morte por fuzilamento. Estima-se que, apenas nos dois primeiros meses de 1959, pelo menos 400 foram levados ao *paredón*. “No começo, a prioridade era garantir a segurança interna”, diz o americano Larry Birns, diretor do Council on Hemispheric Affairs (um centro de estudos sobre questões políticas, econômicas e diplomáticas do Ocidente, com sede em Washington). “Havia um sentimento de vingança e a população tinha sede de justiça. Alguns julgamentos duravam poucos minutos. E a repercussão disso



Famílias cubanas que fugiram de Havana desembarcam no aeroporto de Miami...

tudo assustou o mundo”. Na imprensa internacional, as execuções viravam notícias com “atos de barbárie” e “banho de sangue” invariavelmente estampados nas manchetes.

ENTRE DUAS POTÊNCIAS

A presença de moderados no primeiro governo revolucionário de Cuba, de início, acalmou os americanos. Mas perseguição política e fuzilamentos em série acabaram produzindo as primeiras faíscas entre os dois países. Em abril de 1959, Fidel Castro até embarcou numa viagem oficial aos Estados Unidos, com passagens por

Washington e Nova York, na esperança de tranquilizar Eisenhower. Todo o seu esforço, porém, foi por água abaixo logo em seguida, com o anúncio da reforma agrária cubana. Com uma pulga do tamanho da ilha atrás da orelha, o presidente americano deu carta branca para o serviço de inteligência planejar a deposição de Fidel. “Em Miami, a CIA fundava uma grande estação para organizar a massa do exílio”, escreve Claudia Furiati. “Em favor da ‘volta da democracia’, ela ajudou a criar várias organizações de exilados, favorecendo-lhes armamentos e recursos financeiros.”

BILHETE SÓ DE IDA As diferenças entre Estados Unidos e Cuba que terminaram com a invasão da ilha

1959

JANEIRO

Julgados como criminosos, pelo menos 400 ex-oficiais de Fulgêncio Batista são executados. Uma nova palavra entra na moda em Cuba: *paredón*.

16 DE FEVEREIRO

O comandante do Exército Rebelde, Fidel Castro, assume o cargo de primeiro-ministro de Cuba e anuncia profundas transformações sociais.



15 DE ABRIL

Fidel faz uma visita oficial aos Estados Unidos. Os americanos suspeitam de que ele seja comunista, mas o primeiro-ministro cubano nega.

17 DE ABRIL

Sai a reforma agrária. O governo desapropria todas as fazendas com mais de 420 hectares – muitas delas pertencentes a empresas americanas.

1960



...enquanto opositores em Cuba são fuzilados: 400 em apenas dois meses

No início de 1960, Cuba começou a surfar na Guerra Fria e aproximou-se da União Soviética (*leia mais no quadro abaixo*). Num acordo econômico extremamente camarada, Moscou comprometeu-se a comprar 5 milhões de toneladas de açúcar cubano nos cinco anos seguintes. E mais: forneceria petróleo, alimentos e crédito ilimitado. A generosidade do dirigente soviético Nikita Krushchev garantia a Fidel Castro recursos suficientes para que ele sustentasse sua revolução. E foi a gota d'água que faltava para fazer transbordar a ira dos Estados Unidos. Em março,

Eisenhower ordenou um boicote econômico à ilha. A resposta cubana não demorou. Bancos e grandes companhias americanas passaram a ser estatizados um atrás do outro. Até que, em janeiro de 1961, a tensão entre os dois países atingiu o ápice. Washington rompeu relações diplomáticas com Havana. Para a União Soviética, não poderia haver notícia melhor. Agora, nada a impediria de contar com um aliado a apenas 170 quilômetros de distância de seu maior inimigo.

Quando o jovem e carismático John F. Kennedy assumiu a Casa Branca, em janeiro de 1961, a crise entre Estados

Unidos e Cuba já parecia não ter mais volta. No cenário internacional, a Guerra Fria continuava esquentando sem parar. Desde seu início, em meados da década de 1940, a temperatura entre americanos e soviéticos nunca estivera tão alta. E foi nesse ambiente desolador que o recém-empossado presidente tomou uma decisão da qual se arrependeria profundamente. No dia 15 de abril, Kennedy autorizou uma invasão à baía dos Porcos, primeiro passo do plano para tirar Fidel Castro do poder. Dois dias mais tarde, uma brigada composta por cerca de 1,4 mil exilados cubanos – com apoio da CIA e das Forças Armadas americanas – desembarcaria na ilha e seria contra-atacada pelo Exército Revolucionário. O resultado dessa batalha determinaria o futuro de Cuba. ★

Saiba mais

LIVRO

The Secret War: CIA Covert Operations against Cuba, Fabián Font, Ocean Press, 1995 (em inglês)

Edição australiana do livro *Cuba: La Guerra Secreta de la CIA*, esta obra revela a movimentação do serviço de inteligência dos Estados Unidos na tentativa de sufocar a revolução liderada por Fidel Castro ainda em seus primeiros anos de vida, entre 1959 e 1962.

DVD

Soy Cuba – O Mamute Siberiano, Três Mundos Produções, Imovision, 2004

Dirigido pelo brasileiro Vicente Ferraz, este documentário sobre o filme *Soy Cuba* (primeira co-produção cubano-soviética, de 1964) recupera imagens preciosas do clima de euforia vivido na ilha durante os primeiros anos da revolução.

17 DE MARÇO

O presidente Eisenhower aprova um plano anti-Castro. Entra em vigor um boicote aos produtos importados e exportados por Cuba.



17 DE SETEMBRO

Cuba nacionaliza bancos, entre eles o City Bank e o Chase Manhattan. Três meses antes, as petrolíferas Texaco, Exxon e Shell já tinham sido estatizadas.

1961

3 DE JANEIRO

Washington rompe relações com Havana. A fuga de profissionais liberais e empresários cubanos é enorme.

15 DE ABRIL

O recém-eleito presidente Kennedy autoriza uma invasão. Dois dias depois, uma brigada de exilados cubanos desembarca na baía dos Porcos.

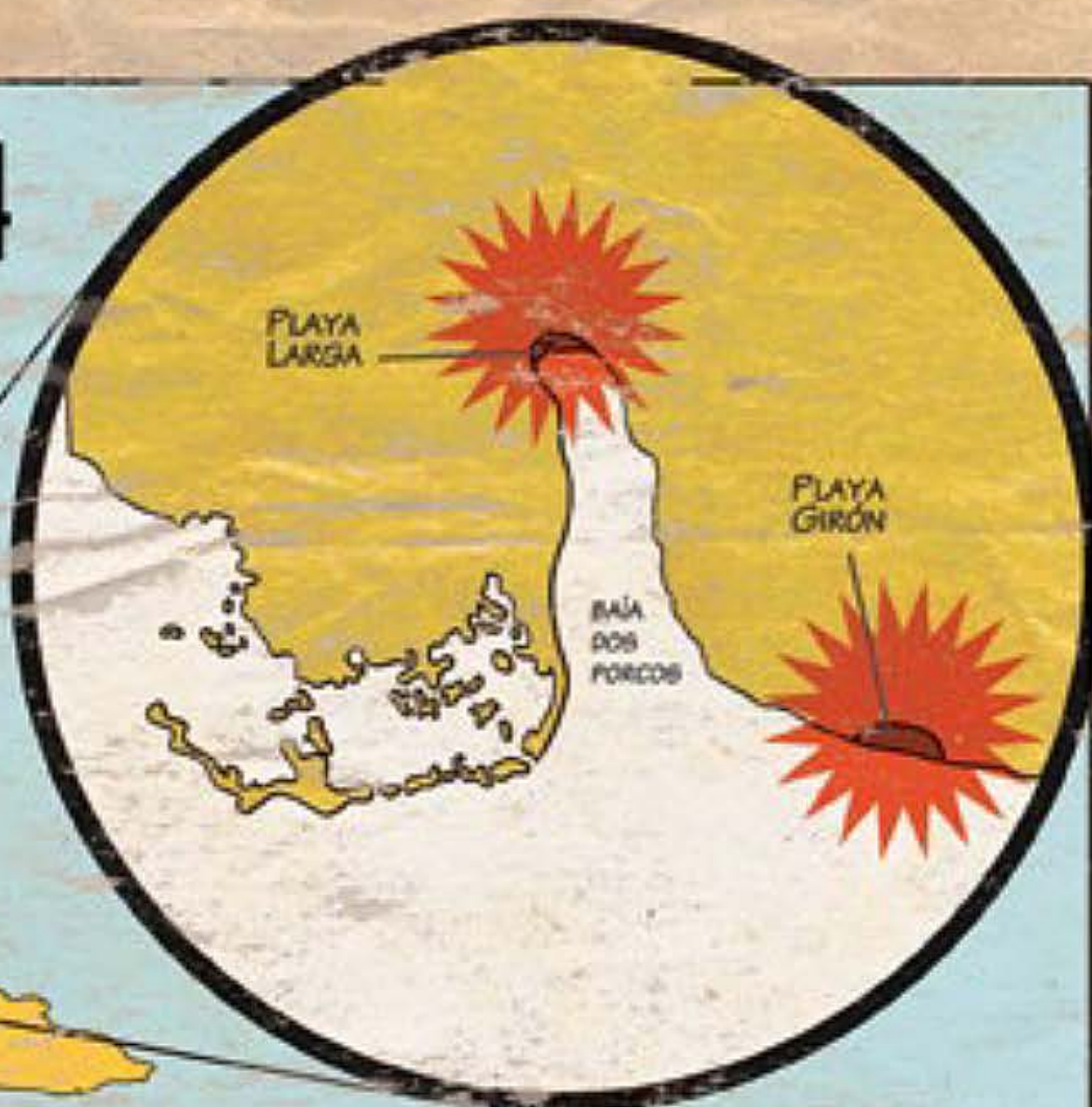


1959-1960

INVASÃO DA BAÍA DOS PORCOS

Como uma das maiores burradas já cometidas pelos americanos entregou Cuba de bandeja para a União Soviética

Por Mauricio Manuel
e Felipe Van Deursen
Ilustração Gil Tokio/Pingado



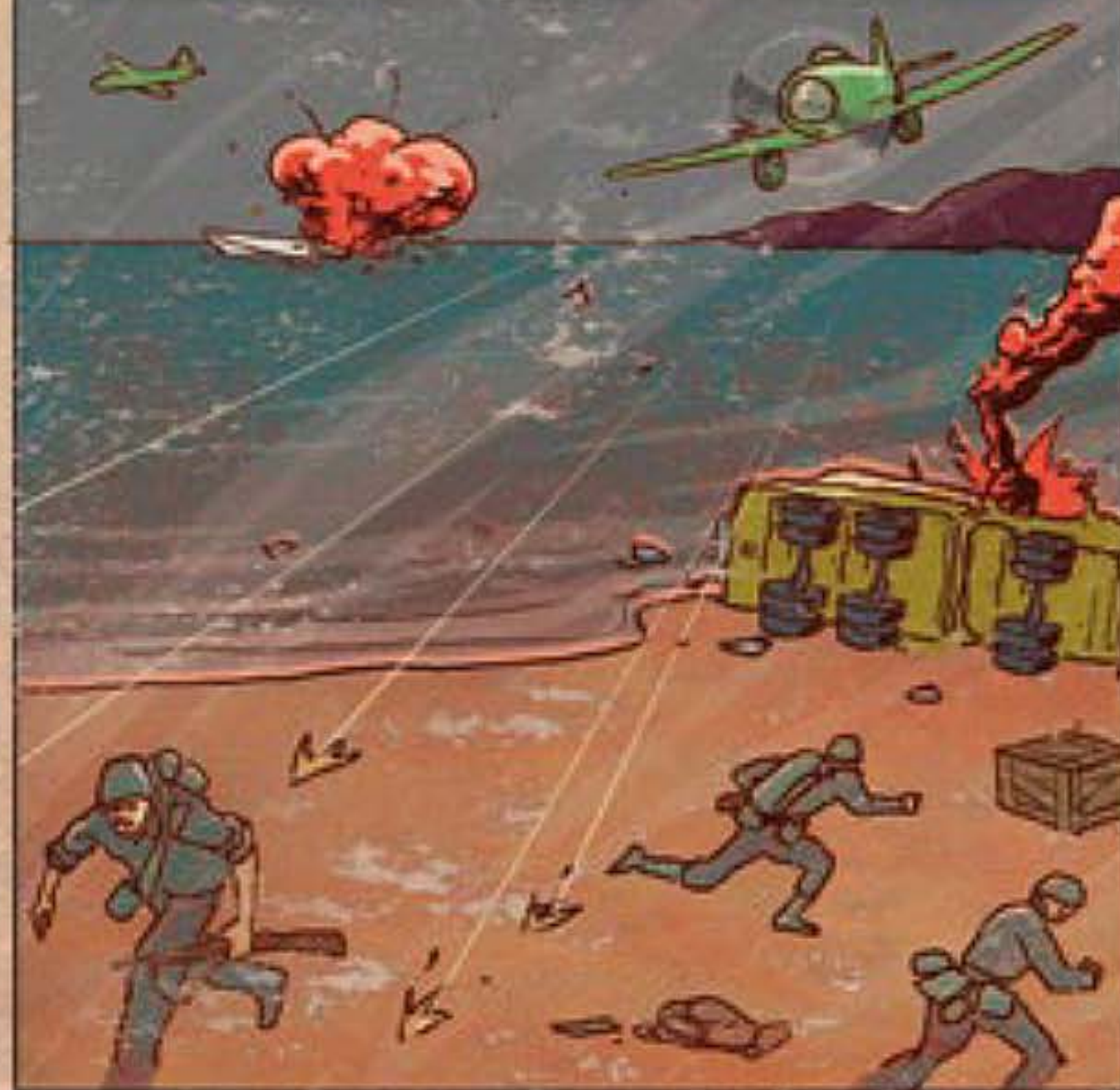
17 DE ABRIL - 01H00

A BRIGADA 2506 - CERCA DE 1,4 MIL EXILADOS CUBANOS TREINADOS E ARMADOS PELA CIA - COMEÇA A DESEMBARCAR EM PLAYA GIRÓN, NA BAÍA DOS PORCOS. O PLANO É GANHAR O APOIO DA POPULAÇÃO, RECRUTAR DESERTORES DO EXÉRCITO DE CUBA E ATRAVESSAR A ILHA RUMO A HAVANA, PARA DERRUBAR O REGIME DE FIDEL CASTRO.



17 DE ABRIL - 06H30

CAÇAS SEA FURY E BOMBARDEIROS B-26 DA FORÇA AÉREA CUBANA ENTRAM EM AÇÃO. O NAVIO HOUSTON É AFUNDADO POUCO DEPOIS DE DESEMBARCAR TROPAS EM PLAYA LARGA. TRÊS HORAS MAIS TARDE, O RÍO ESCONDIDO SERIA ATINGIDO POR UM FOGUETE E IRÁ A PIQUE COM SUPRIMENTOS QUE ABASTECERIAM A BRIGADA POR DEZ DIAS.



17 DE ABRIL - 18 HORAS

TANQUES E ARTILHARIA PESADA DE FABRICAÇÃO SOVIÉTICA, QUE ÀQUELA ALTURA JÁ EQUIPavam O EXÉRCITO CUBANO, DETÊM O AVANÇO DAS TROPAS INVASORAS E EMPURRAM-NAS DE VOLTA À PRAIA, NOS DOIS PONTOS DE DESEMBARQUE. COM POUCA COBERTURA AÉREA E NENHUM APOIO NAVAL, ELAS NÃO TÊM QUALQUER CHANCE DE VITÓRIA.



18 E 19 DE ABRIL

A INVASÃO TERMINA COM 1.204 SOLDADOS CAPTURADOS PELAS TROPAS DO GOVERNO. OFICIALMENTE, 87 HOMENS DE FIDEL MORRERAM EM COMBATE - MAS O NÚMERO REAL É ESTIMADO EM PELA MENOS 2,2 MIL. MAIS DE 100 INTEGRANTES DA BRIGADA 2506 ACABARAM MORTOS E OUTROS 100 FORAM CONSIDERADOS DESAPARECIDOS.



SE O SR. KENNEDY NÃO GOSTA DO SOCIALISMO,
NÓS NÃO GOSTAMOS DO IMPERIALISMO!
NÃO GOSTAMOS DO CAPITALISMO!

1º DE MAIO

MENOS DE DUAS SEMANAS DEPOIS, DURANTE AS COMEMORAÇÕES DO DIA DO TRABALHO, EM HAVANA, FIDEL DECLARA, PELA PRIMEIRA VEZ, QUE CUBA É UM PAÍS SOCIALISTA. ANUNCIA O FIM DE ELEIÇÕES DIRETAS E INSTITUI UM REGIME DE PARTIDO ÚNICO, O COMUNISTA. DALI EM DIANTE, ATÉ 1991, A ILHA SERIA UM SATÉLITE CARBENHO DA UNIÃO SOVIÉTICA.







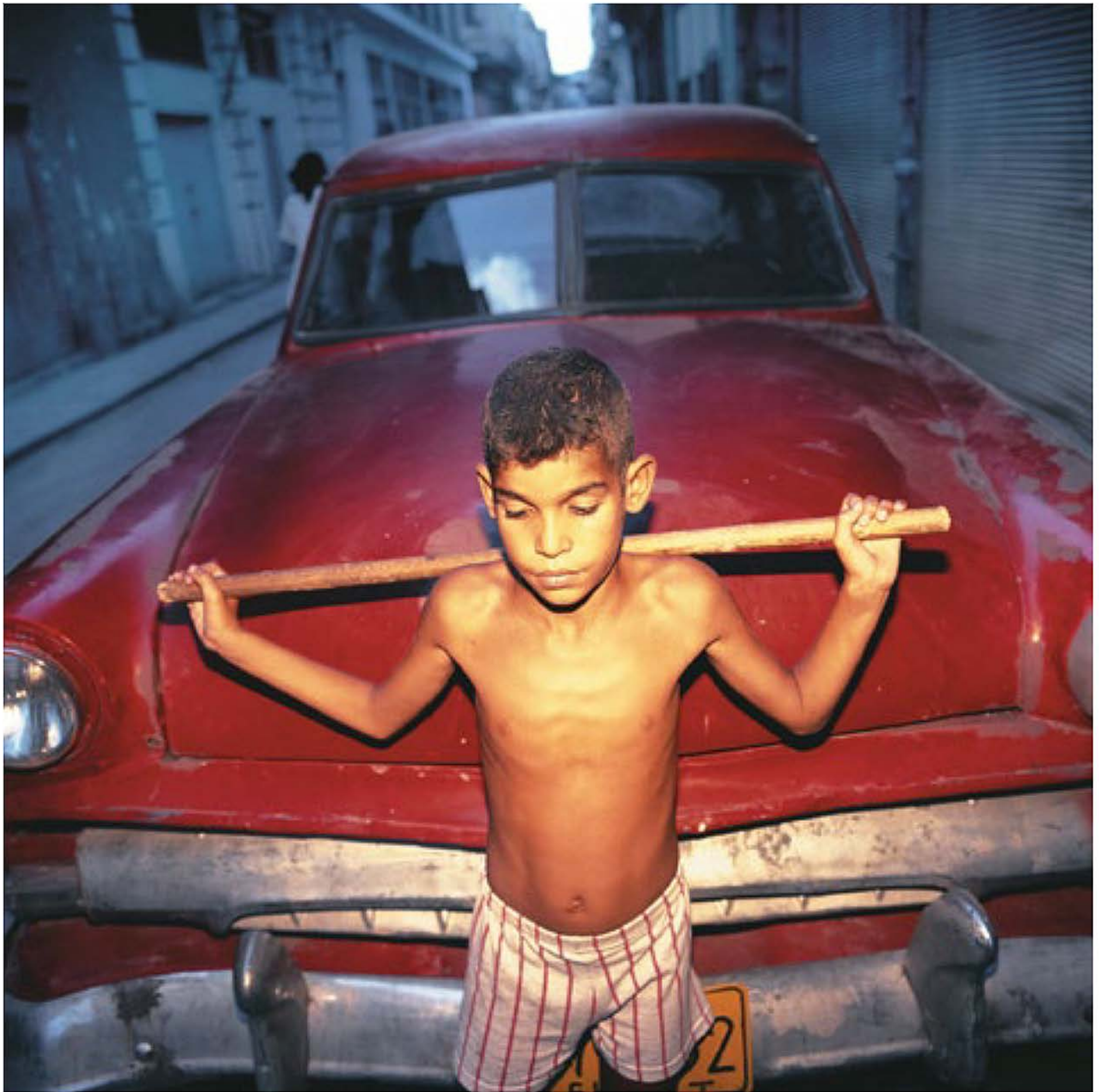
VIVER EM CUBA NÃO É FÁCIL!

SEM GASOLINA E SEM AUTOMÓVEL,
SEM GÁS E SEM FÓSFOROS, SEM
RUM E SEM CHARUTO, SEM LUZ, SEM
SABONETE. FALTA TUDO PARA O POVO.
TUDO, MENOS CRIATIVIDADE.

Fotos Claudio Edinger



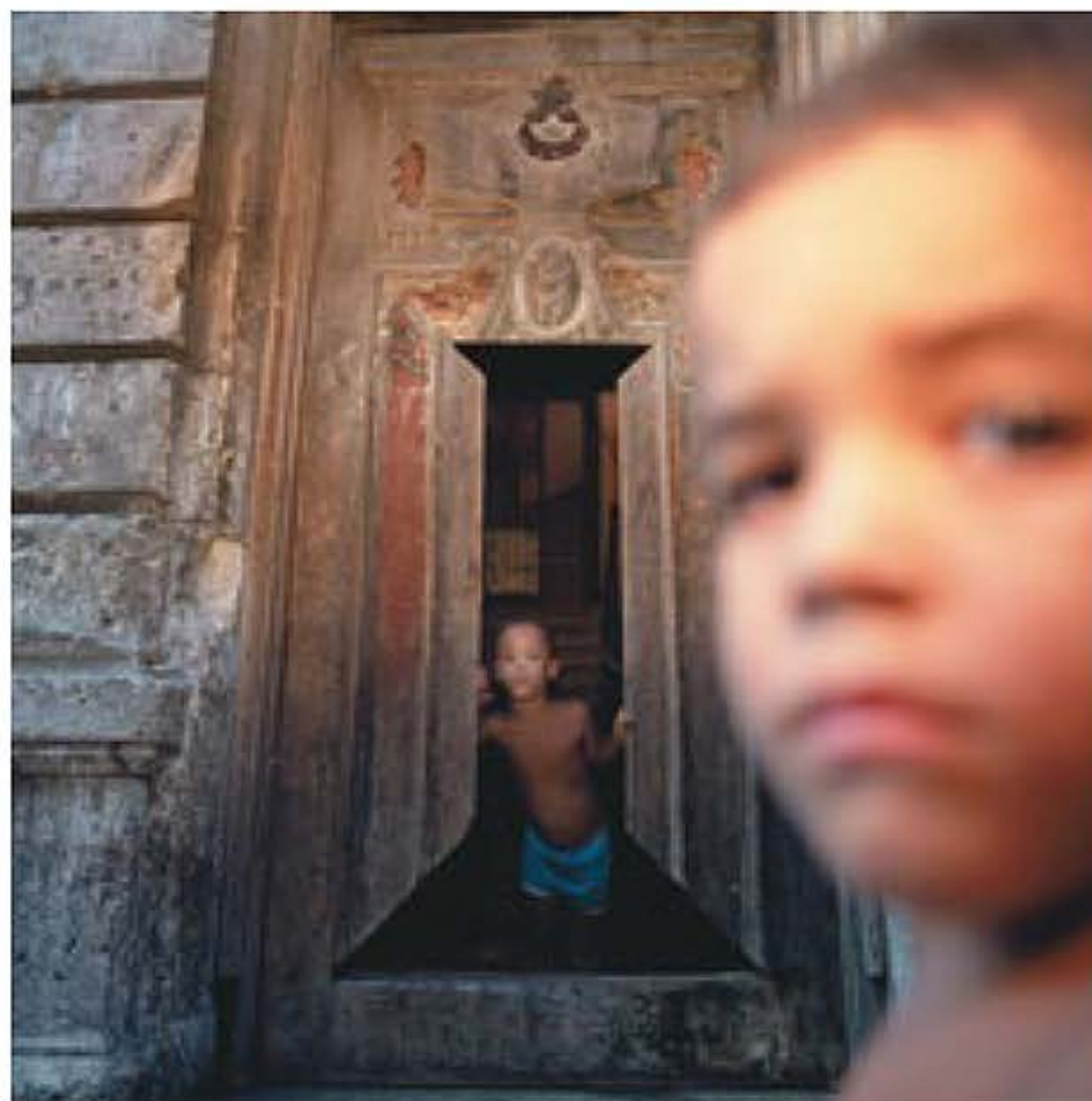
Ana Maria Sapeña no
Palácio dos Matrimônios, 1994



Ramon Espinoza, 10 anos, 1995



Estudante do quinto ano primário, 1996



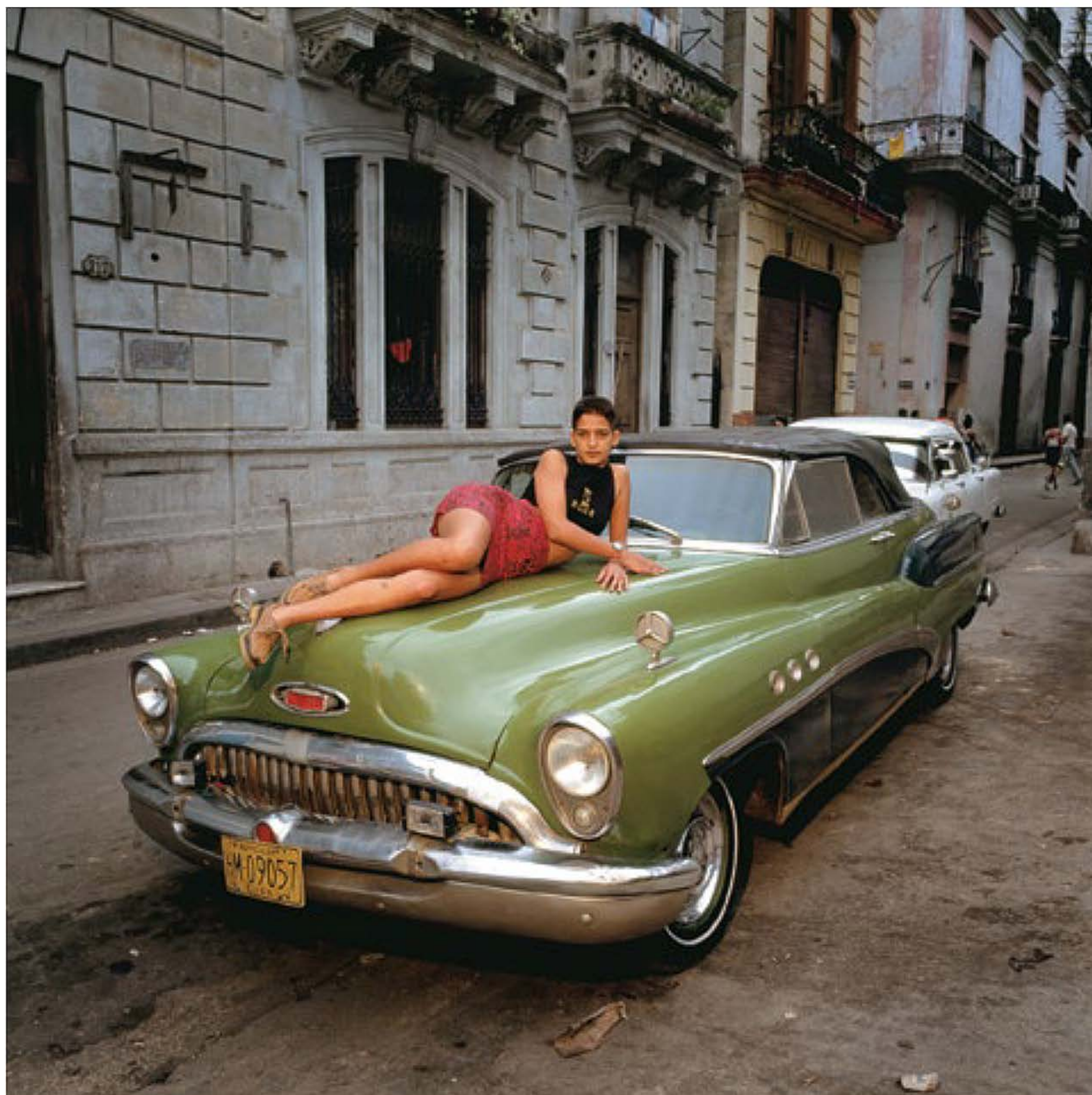
Joel Muir, 6 anos, 1996



Luis Henrique Carrion, 28 anos, 1995



Maria Ester Gomes, 14 anos, 1995



Dayne Ribas, 19 anos, 1994



Rosa Borges, 6 anos, 1995





“Quando, no início dos anos 90,
a União Soviética se desmilingüiu,
Cuba ficou sem os dólares em que sua
economia se escorava (85% de seu comércio
dependiam da Europa Oriental) – e atolou
num pântano pomposamente batizado
“Período Especial em Tempo de Paz”.
A extrema penúria que isso significa
levou os cubanos a desenvolver uma delirante
criatividade, a improvisar como nunca
– tem gente criando porco no banheiro
e galinha na varanda do apartamento –,
a pôr na mesa pratos inimagináveis como
carne de gato ou bife de casca de banana e,
em muitos casos, a lançar mão do furto puro
e simples como forma de sobreviver.” ★

(de um texto de Humberto Werneck)

Pedro Quintana,
68 anos, 1994



HABANA VIEJA,
CLAUDIO EDINGER, DBA, 1998

638 MANEIRAS DE MATAR FIDEL

CHARUTO EXPLOSIVO, CÁPSULAS
DE VENENO, SAPATOS RADIOATIVOS,
FUNGOS LETAIS, SPRAY ALUCINÓGENO...
A CIA INVENTOU DE TUDO PARA
ELIMINAR SEU INIMIGO CUBANO

Por **Maurício Manuel** Reportagem **Felipe Van Deursen**

Em visita aos Estados Unidos, 1959, Fidel acha graça da manchete de um jornal: "Toda a polícia em alerta: plano para matar Castro"

Parece brincadeira, mas Fidel Castro passou absolutamente incólume por mais de 600 planos de assassinato nos últimos 50 anos. Quem faz essa conta é Fabián Escalante, o "anjo da guarda" de Fidel, responsável pelo serviço de contra-informação cubano e pela segurança pessoal do comandante. Foram tantas as investidas patrocinadas pela CIA nesse período que Escalante decidiu reuni-las num livro: *638 Ways to Kill Castro* ("638 maneiras de matar Castro", inédito em português). E a obra acabou virando documentário de TV, exibido na Inglaterra pelo Channel 4. Tanto na telinha quanto nas páginas do livro, descobre-se que os americanos tiveram idéias incrivelmente mirabolantes para eliminar o líder cubano. Algumas jamais foram colocadas em prática. Outras só não mataram Fidel por sorte.



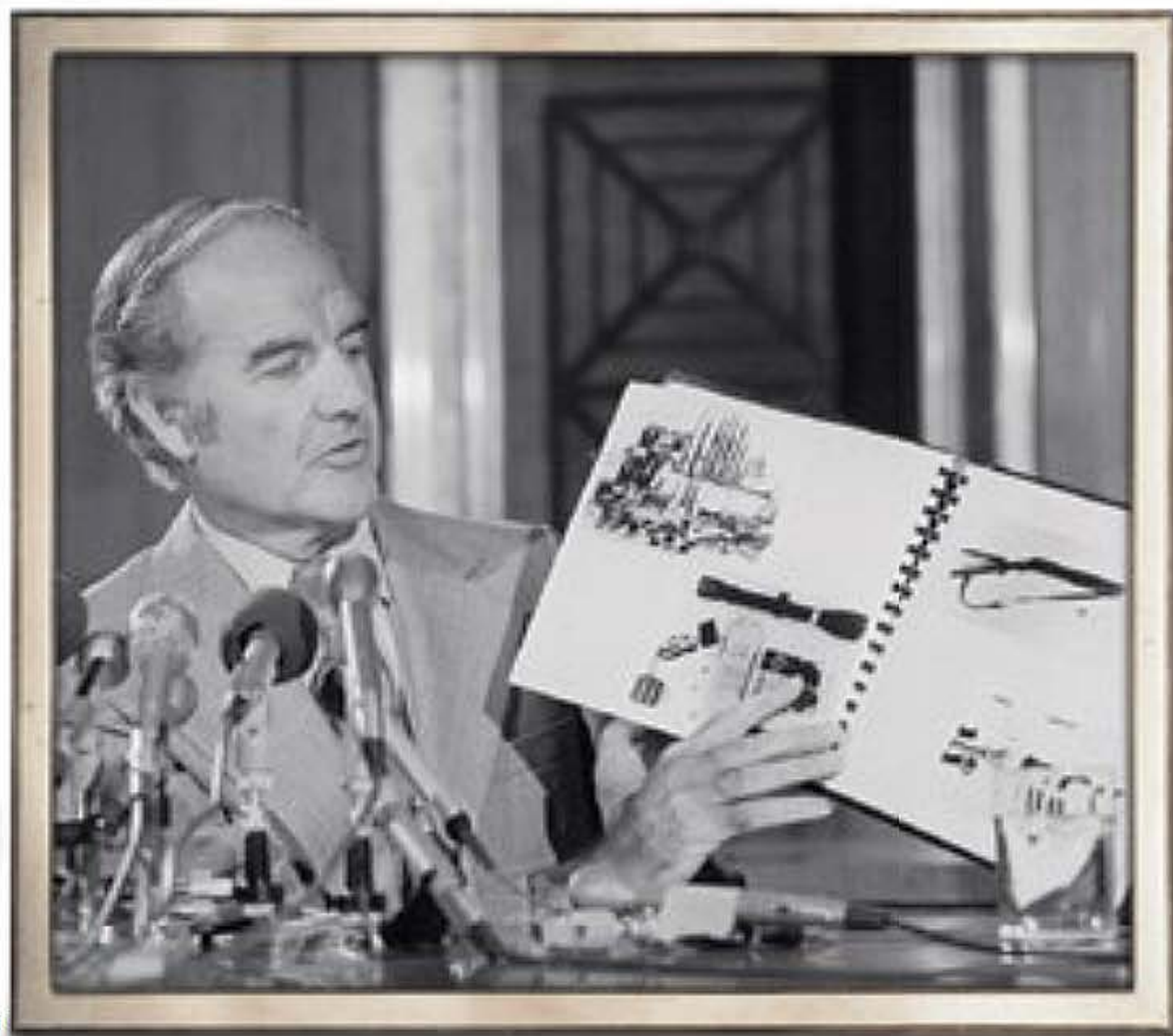


“A CIA precisava eliminá-lo sem correr o risco de ser incriminada”, explica o diretor do filme, Dollan Cannell, numa entrevista ao jornal britânico *Guardian*. “Portanto, era melhor que ele não fosse assassinado de uma forma convencional, com arma de fogo”. Já que era preciso literalmente inventar um instrumento que pudesse matá-lo, os agentes deram asas à imaginação. Um dos planos previa o envio de um charuto-bomba para Fidel, que explodiria em sua cara. O artefato até foi fabricado, mas nunca chegou perto do comandante.

Além de fumar charutos, Fidel Castro gostava de mergulhar e praticar caça submarina. E a CIA viu aí, segundo Escalante, mais uma chance de emboscar o inimigo. Dois planos “subaquáticos” teriam sido elaborados pelos agentes. Um deles era simples: contaminar uma roupa de mergulhador com um fungo letal. O outro, bem mais complicado: criar um molusco falso, enchê-lo de explosivos e colocá-lo à vista num recife de coral. Durante o mergulho, o comandante seria atraído por aquela criatura tão exótica. E viraria picadinho quando chegasse a certa distância. Documentos secretos liberados na administração Clinton provaram que os dois planos realmente foram traçados pela CIA – mas que, como tantos outros, não saíram do papel.

LOUCO NA TV

Até atentados de efeito moral passaram pela cabeça dos agentes americanos. Uma das idéias era contaminar os sapatos de Fidel Castro com tálcio, um elemento químico altamente radioativo. O efeito da radiação faria cair os pêlos da barba, minando a autoconfiança do líder cubano e tornando-o mais vulnerável a outros ataques. A CIA cogitou também espalhar um *spray* alucinógeno no estúdio de TV onde Fidel faria um pronunciamento à nação. Muito “louco” com as propriedades da substância, o comandante pagaria um mico histórico diante de toda a população, e ficaria desmoralizado demais para seguir governando. De novo, nada disso foi levado adiante.



Evidências de atentados planejados pela CIA, apresentadas pelo senador McGovern em 1975; acima, Fidel mergulhador

Entre as tentativas de assassinato que ocorreram de fato, um dos casos mais famosos é o de uma antiga amante de Fidel contratada pela CIA. Num encontro íntimo, ela deveria dar um jeito de fazê-lo engolir uma cápsula de veneno. Mas as pílulas que a mulher levava na bolsa derreteram, escondidas num pote de creme para o rosto. Passar o cosmético na barba de Fidel, enquanto ele estivesse dormindo, não parecia ser boa idéia. E o plano, que tinha tudo para dar certo, acabou indo por água abaixo.

A última tentativa de matar Fidel Castro de que se tem notícia ocorreu em 2000, durante uma visita do comandante ao Panamá. Cerca de 90 quilos de explosivos, prontinhos para explodir, foram encontrados pelos seguranças de Fidel sob o palanque onde ele faria um discurso. Quatro homens, entre eles o exilado cubano e colaborador da CIA Luis Posada, foram presos naquela ocasião.

Uma das explicações para tantos planos de atentado é a longa permanência de Fidel Castro no poder: 49 anos, de 1959 a 2007. As conspirações começaram logo depois da revolução. Em março de 1960, o presidente americano, Dwight Eisenhower, já tinha aprovado um plano para derrubá-lo, que atingiria seu objetivo sem que os Estados Unidos precisassem invadir a ilha. A estratégia seria financiar a oposição a Fidel em território cubano e treinar 60 exilados, que se infiltrariam em Cuba com armas fornecidas pela agência. Se tudo desse certo, o comandante cairia em seis meses. Mas o plano não funcionou.

Assim que tomou posse na Casa Branca, em 1961, o jovem presidente John Kennedy demonstrou especial interesse pelos planos da CIA para eliminar Fidel Castro. Foi em março daquele ano que Richard Bissell, diretor de Operações Encobertas da agência, apresentou-lhe a idéia de invadir

Cuba por três praias localizadas na baía dos Porcos. No mês seguinte, em abril, uma brigada composta por cerca de 1,4 mil exilados cubanos desembarcou na ilha (*leia mais nas págs. 60 e 61*). Novo fiasco, e dessa vez dos grandes, com as tropas de Fidel esmagando as forças invasoras e fazendo mais de mil prisioneiros. Cada vez que se esquivava de uma armação, o comandante aproximava-se mais e mais da União Soviética. Em plena Guerra Fria, os Estados Unidos assistiam à construção de um regime comunista logo ali, no quintal da casa deles.

Em novembro de 1961, Kennedy criou um comitê denominado Grupo Especial Ampliado e entregou a chefia ao irmão, Robert. Na prática, sua missão era uma só: eliminar Fidel. “A CIA estava tão ocupada conduzindo aquelas ações que errou, ao ver em Cuba uma ameaça crescente à segurança dos Estados Unidos”, escreve o jornalista americano Tim Weiner

em *Legado das Cinzas: Uma História da CIA* (Record, 2008). O novo diretor da agência, John McCone, tinha assumido o cargo naquele mês e não sabia dos planos arquitetados pelo antecessor, Allen Dulles, e seu subordinado Richard Bissell. Disse ao presidente que apenas uma guerra – “secreta ou não” – derrubaria Fidel. E que a CIA não estava pronta para essa guerra. Kennedy ignorou o alerta e permitiu que os planos para assassinar o líder cubano seguissem em frente.

MÁFIA NA JOGADA

Determinada a eliminar Fidel Castro, a central de inteligência acabaria se associando até à máfia. Em abril de 1962, o gângster John Rosselli recebeu em Miami algumas cápsulas contendo uma bactéria assassina. Elas deveriam ser dissolvidas no café ou no lenço do comandante. Só que o plano, para variar, não deu certo. No ano seguinte, a agência decidiu recrutar um ex-revolucionário para dar cabo do líder cubano. Rolando Cubela havia lutado ao lado de Fidel em Sierra Maestra e, àquela altura, ocupava um cargo no governo. Os agentes prometeram-lhe a arma que ele quisesse. Cubela escolheu um rifle com mira telescópica. Contudo, ele jamais receberia a encomenda.

No dia 22 novembro de 1963, antes de o atentado ser consumado, o presidente Kennedy foi assassinado enquanto desfilava em carro aberto pelas ruas de Dallas, no Texas. Quem assumiu seu lugar na Casa Branca foi o vice, Lyndon Johnson, que nada sabia sobre os planos da CIA para eliminar Fidel. “Poucas pessoas sabiam”, escreve Tim Weiner. Quase quatro anos mais tarde, em 1967, o FBI – polícia federal americana –

ELE NÃO CRÊ EM BRUXAS, MAS...

Em Cuba, acredita-se que Fidel tem o corpo “fechado” pela *santería*

Será que Fidel escapou de tantos planos para matá-lo apenas por sorte ou mera incompetência da CIA? Há quem acredite em outra explicação. O comandante, que se autodenomina ateu, seria um adepto da *santería* – fusão de crenças católicas com rituais africanos, num sincretismo bem parecido com o candomblé no Brasil. E sua proximidade com essa religião iria lhe garantir o que se chama de “corpo fechado” contra as forças do mal.

Para a brasileira Claudia Furiati, biógrafa de Fidel Castro, a ligação do líder cubano com a *santería* pode não ser tão absurda quanto parece. “Ele conviveu com o sincretismo religioso desde pequeno, na região da fazenda de seu pai [a província de Holguín]”, diz Claudia. Em Cuba, dizem que foi Celia Sánchez – guerrilheira e amante por mais de 20 anos – quem apresentou Fidel às práticas da *santería* (leia mais na reportagem da pág. 42).



***Santería* em Havana: sincretismo parecido com nosso candomblé**

entregou a Johnson um relatório que confirmava: a CIA tinha planejado várias vezes a morte de Fidel Castro e chegou a contratar os serviços da máfia para alcançar seu objetivo. O presidente teria comentado: “John Kennedy queria pegar Castro, mas Castro pegou Kennedy primeiro”. ★

Saiba mais

LIVRO

638 Ways to Kill Castro, Fabian Escalante, Ocean Press, 2006 (em inglês)

Os planos mais inusitados da CIA para matar o líder cubano, reunidos em livro pelo homem que chefiou a segurança pessoal de Fidel.

DVD

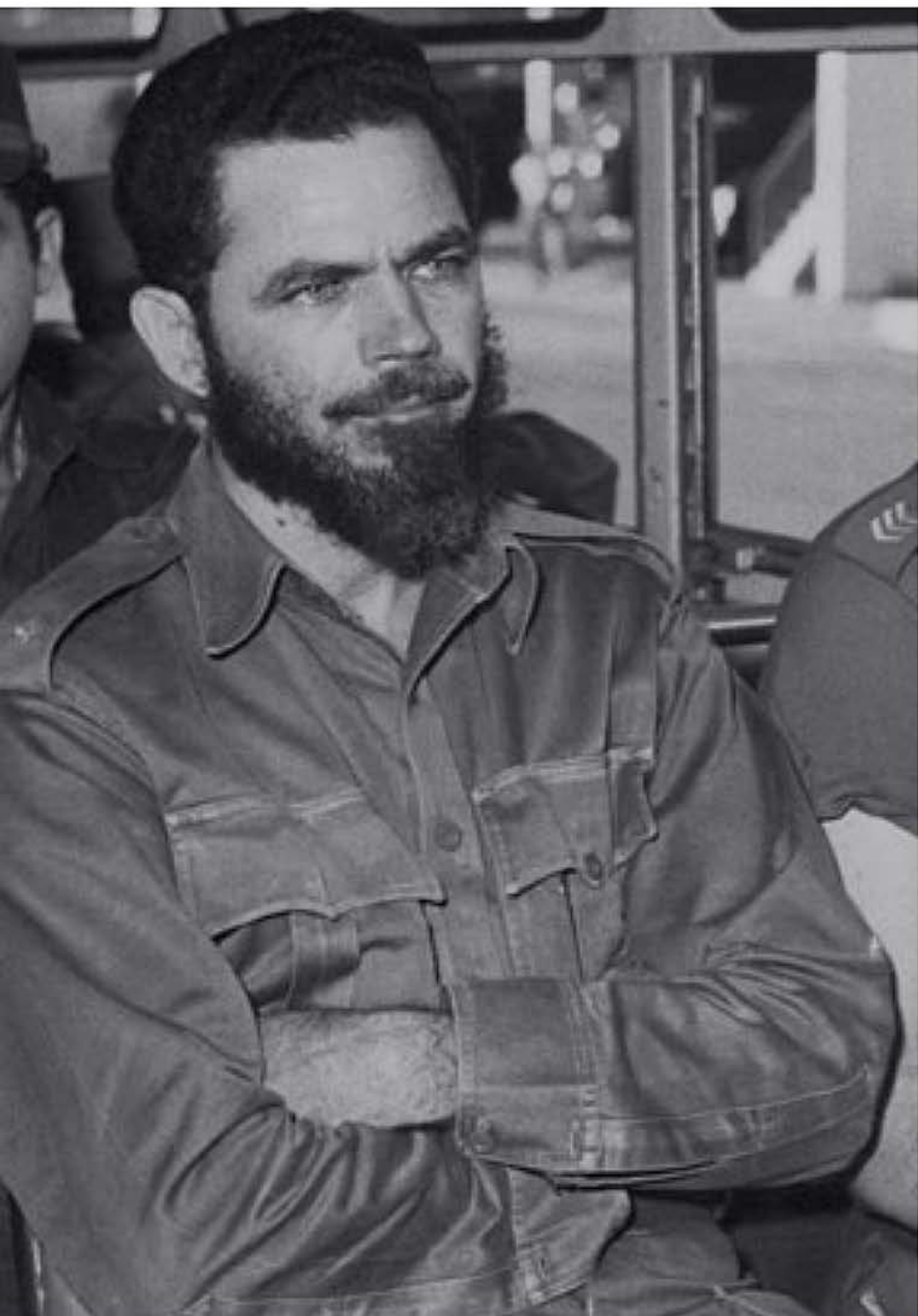
638 Ways to Kill Castro, Dollan Cannel, BCI/Eclipse, 2006 (em inglês)

É a versão para a TV do livro de Fabian Escalante, incluindo entrevistas com Orlando Bosch e Luis Posada, acusados de planejar atentados contra Fidel Castro.

QUANDO CHEGA A NOITE

HERÓI DA REVOLUÇÃO, HUBER MATOS OUSOU DISCORDAR DA TRILHA COMUNISTA QUE O NOVO REGIME ESTAVA SEGUINDO. ACABOU PRESO E CONDENADO A 20 ANOS DE CADEIA

Por Lira Neto



Matos nos tempos de herói da revolução, em 1959...

Diante de um grupo que tinha acabado de chegar a Cuba, Fidel Castro perguntou: “Qual de vocês é Huber Matos?”. Era 30 de março de 1958, e aqueles homens vinham de Costa Rica num avião de carga prateado, trazendo armamento pesado para a guerrilha. A aeronave havia descido no meio da mata e, durante o pouso, uma das hélices chocara-se contra o solo, danificando seriamente a fuselagem. Mas todos os tripulantes estavam bem. No interior do avião, caixas de madeira acomodavam 100 mil projéteis, 10 metralhadoras, 46 obuses e 50 fuzis Mauser, todos intactos.

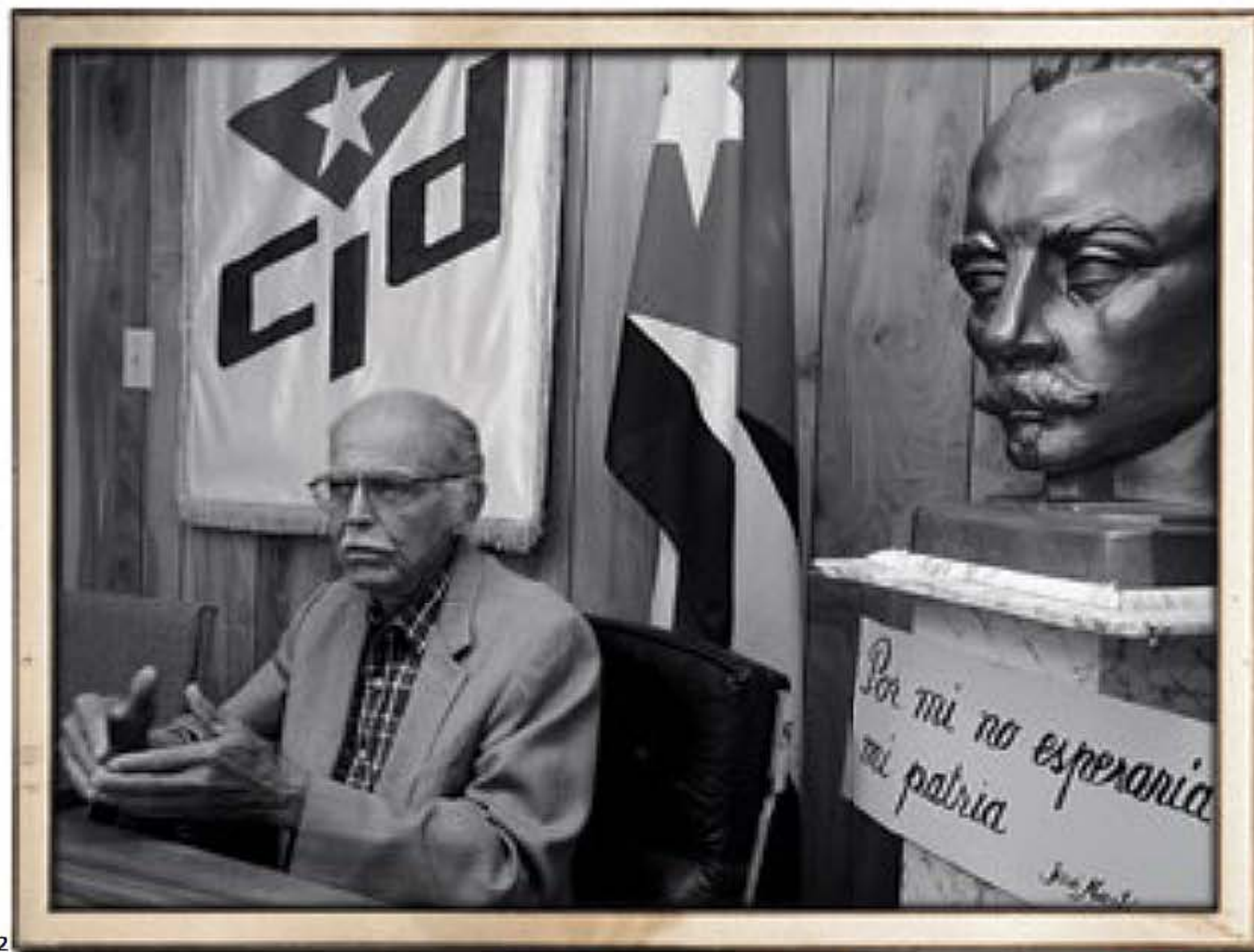
Diante da indagação de Fidel, um sujeito de olhos claros e penetrantes, que pouco tempo antes era um pacato professor e proprietário de uma pequena fazenda de arroz, levantou o braço e deu um passo à frente: “Eu sou Huber”. O comandante aproximou-se e deu-lhe um abraço. “Agora sim. Com estas armas, ganharemos a guerra”. Era a primeira vez que Huber Matos se via frente a frente com o líder do movimento para o qual vinha trabalhando havia meses, nos bastidores. Com a ajuda de Celia Sánchez, seu elo com a guerrilha, Matos participara de todo o planejamento daquela audaciosa missão, que abasteceu de armas a ofensiva final da guerrilha contra as tropas do Exército.

Para surpresa de Fidel, o professor declarou que seu desejo era engajar-se na frente de batalha. “Quero ficar aqui”, teria dito. “Creio que tenho o direito de dispor de minha vida em nome da causa”. O destemor e o nível cultural valeram-lhe um cargo de comando: Matos passou a liderar uma das frentes da guerrilha, coordenando o cerco a Santiago de Cuba, cidade que passaria às mãos dos rebeldes na véspera do Natal de 1958.

Quando o país enfim comemorou a derrubada do ditador Fulgêncio Batista, Huber Matos foi nomeado comandante militar da província de Camagüey. Seu maior desejo era retomar a profissão que um dia abandonara para servir à guerrilha. Mas ele jamais voltaria a pisar numa sala de aula como professor. Tão logo assumiu o posto em Camagüey, mostrou-se incomodado com a evidência de que os comunistas estavam ocupando postos de destaque no governo revolucionário. Em outubro de 1959, cerca de dez meses após a vitória, Matos enviou sua carta de renúncia a Fidel. “Não quero ser um obstáculo para a revolução”, justificou, assumindo uma postura abertamente anticomunista.

Fidel Castro soube que outros 20 oficiais em Camagüey estavam prontos para seguir o exemplo de Matos, o que provocaria a pior crise política desde a tomada do poder. Àquela altura, em que a revolução ainda precisava se afirmar perante a população e os quartéis, o gesto do dissidente foi entendido como traição. Acusado de conspirar contra a nova ordem revolucionária, foi preso por um companheiro de guerrilha, Camilo Cienfuegos (*leia mais na reportagem da pág. 52*). “Sinto-me envergonhado por este momento, mas tenho de cumprir ordens”, disse Cienfuegos ao dar-lhe voz de prisão.

O próprio Fidel tratou de ir a Camagüey, para liderar uma marcha popular até o quartel-general da província e sufocar quaisquer outras tentativas de sublevação. “*¡Paredón! Paredón!*”, gritava a multidão em coro, bradando contra os “traidores da revolução”. Huber Matos foi julgado num tribunal militar, em



...e no escritório do movimento anti-Castro que ele lidera em Miami, 2006

dezembro de 1959. Raúl Castro, que atuou como advogado de acusação, pediu pena máxima, a morte por fuzilamento. Os juízes decidiram, porém, pela condenação a 20 anos de cadeia – temia-se criar um mártir da contra-revolução. Matos cumpriu cada um dos 7,3 mil longos dias de sua pena. Só foi libertado em 1979. E saiu da prisão afirmando ter sido vítima de tortura, tanto física quanto psicológica.

Fidel, que sempre repudiou tais acusações, refere-se ao ex-colega de guerrilha como alguém desprezível e traiçoeiro. “Percebemos sua veia pró-capitalista, sua vaidade tremenda”, disse o líder revolucionário na famosa entrevista concedida ao jornalista e sociólogo espanhol Ignacio Ramonet, que daria origem ao livro *Fidel Castro: Biografía a Duas Vozes* (Boi Tempo, 2006). “Já se via que era um arrogante, um ambicioso. Foi mais por necessidade e menos por merecimento que lhe demos uma pequena coluna, na última etapa da guerra”.

Huber Matos está vivo até hoje. Acaba de completar 90 anos e mora nos Estados Unidos, onde lidera o movimento Cuba Independente e Democrática, sediado em Miami. O governo de Havana acusa a organização de ser um braço terrorista financiado pela CIA – responsável pelo planejamento de atentados contra dirigentes da revolução e sabotagens a instalações econômicas, militares e políticas em território cubano. Matos nega e diz que apenas trabalha para que os cubanos recuperem o direito de viver num regime livre e democrático. “Só a verdade nos faz livres. E a liberdade nos dá força para defender a verdade”, escreveu, nas últimas linhas de suas memórias, aquele que foi o primeiro filho da Revolução Cubana a ser engolido por ela. ★

Saiba mais

LIVRO
Como Llegó La Noche, Huber Matos, Tusquets Editores, 2002 (em espanhol)
As memórias de Matos, que narram, sob seu ponto de vista, todos os acontecimentos da guerrilha e os seus 20 anos passados na prisão.

FECHADA PARA BALANÇO

PARA SOBREVIVER AO COLAPSO SOVIÉTICO, CUBA FEZ CONCESSÕES AO CAPITALISMO. MAS CONTINUA SENDO UM PAÍS ISOLADO E ASFIXIADO PELO EMBARGO AMERICANO

Por Bianca Nunes



Quem vai a Cuba a passeio sempre volta com a sensação de que a ilha ficou parada no tempo. Meio século depois da revolução, o cubano parece estar amarrado a um modo de vida, no mínimo, envelhecido. O trabalho, a oferta de bens de consumo e até o lazer das pessoas comuns aparentemente são os mesmos dos anos 60. Mas essa é uma visão parcial da história toda. Cuba mudou, e muito, desde que Fidel Castro e seus rebeldes tomaram o poder, em 1959. Os sinais mais evidentes dessa transformação – e justo motivo de orgulho para o comandante – são revelados pelos índices sociais. As taxas de analfabetismo e mortalidade infantil, por exemplo, foram reduzidas a níveis invejáveis nestes últimos 50 anos.

“Cuba é um país de terceiro mundo com perfil de primeiro”, resume John M. Kirk, especialista em estudos latino-americanos e professor da Universidade Dalhousie, no Canadá. Para ele, a ilha virou exemplo daquilo que se pode chamar de “modelo alternativo de desenvolvimento”. “É uma nação que tem fortes sentimentos de independência e dignidade. A revolução diminuiu as diferenças entre ricos e pobres, brancos e negros.”

De fato, muita coisa foi feita nas áreas de saúde (gratuita e acessível) e educação (alfabetização quase 100%). Mas a população teve de pagar um preço elevadíssimo por isso. Se as conquistas sociais fizeram de Cuba um país de primeiro mundo em vários aspectos, até hoje os cubanos não têm imprensa livre, as liberdades individuais são limitadas e o regime é de partido único – o Comunista, claro (leia mais no infográfico das págs. 78 e 79). “Nas primeiras décadas da revolução, Fidel Castro conseguiu cumprir metas sociais, mas não sem sacrificar a democracia”, diz o William LeoGrande, cientista político e professor da American University, em Washington, nos Estados Unidos.

O colapso da antiga aliada União Soviética, em 1991, deixou Cuba numa situação difícil, sem os investimentos e os subsídios que a mantinham de pé. A crise econômica só foi superada com medidas estruturais de inspiração capitalista: abertura ao capital privado na área de serviços, incentivo ao turismo e criação de zonas francas e parques industriais. “Cuba foi forçada a aceitar algumas reformas econômicas orientadas pelo mercado, o que acabou reintroduzindo algum nível de desigualdade social”, afirma Leo Grande.



Balseros preparam-se
Abaixo, manifestação





para uma tentativa de fuga da ilha bem em frente ao Malecón, em Havana, 1994; popular contra o embargo americano, também na capital cubana, em 1992



Durante os anos de Guerra Fria, Cuba fazia negócios basicamente com os países do bloco socialista. Mas veio a queda do muro de Berlim, em 1989. Em seguida, o desmoronamento da “grande mãe” soviética. A partir daí, o embargo econômico determinado pelos Estados Unidos em 1962, finalmente, começou a ameaçar a revolução. O boicote restringe trocas comerciais com a ilha. Empresas de capital americano que violem as sanções pagam multa de 1 milhão de dólares. Para pessoas físicas que negociem com Cuba (ou visitem o país), o valor é menor: 250 mil. Mas tanto os empresários quanto os cidadãos ficam sujeitos a até dez anos de cadeia.

El bloqueo, como dizem os cubanos, já é um dos mais duradouros embargos na história moderna e, segundo o chanceler de Cuba, Felipe Pérez Roque, causou prejuízos de 93 bilhões de dólares até aqui. “Se não houvesse o bloqueio, esse dinheiro seria investido no país, a economia seria mais próspera, mais aberta”, diz Luis Fernando Ayerbe, professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e autor do livro *A Revolução Cubana*.

O embargo é criticado por vários países. Na Assembleia Geral da ONU de 2007, apenas 4 dos 188 membros não votaram contra as sanções. “A maioria dos países concorda com as acusações de que faltam liberdade e democracia na ilha”, afirma John McAuliff, diretor do Fundo para Reconciliação e Desenvolvimento – uma ONG que trabalha pela reaproximação da Casa Branca com várias nações que hoje não mantêm relações comerciais ou diplomáticas com os Estados Unidos. “Mas ninguém

apóia um embargo unilateral”. ★

SUCESSOS E FRACASSOS

Os primeiros 50 anos da revolução deixaram um legado e tanto: saúde de primeiro mundo e educação modelo. Mas os cubanos pagaram um preço elevado por isso

SAÚDE

O sistema cubano é totalmente público e gratuito. As faculdades de Medicina são reconhecidas internacionalmente pela qualidade. Cuba tem hoje 256 hospitais, 13 centros de pesquisa médica, 445 clínicas 24 horas e quase 14 mil médicos de família.



©1

Melhor que nos Estados Unidos

	CUBA	EUA
Mortalidade infantil	6,22 para cada 1.000 nascimentos	6,43 para cada 1.000 nascimentos
Médicos	5,9 para cada 1.000 pessoas	2,56 para cada 1.000 pessoas
Leitos de hospital	5,9 para cada 1.000 pessoas	2,56 para cada 1.000 pessoas

Fonte: Revista da Semana

EDUCAÇÃO

O sistema educacional também é 100% público. Cinquenta anos depois da revolução, hoje Cuba é o nono país que mais gasta com educação no mundo, à frente dos Estados Unidos, da Inglaterra e de Israel. A taxa de alfabetização da população é de 99,8%.



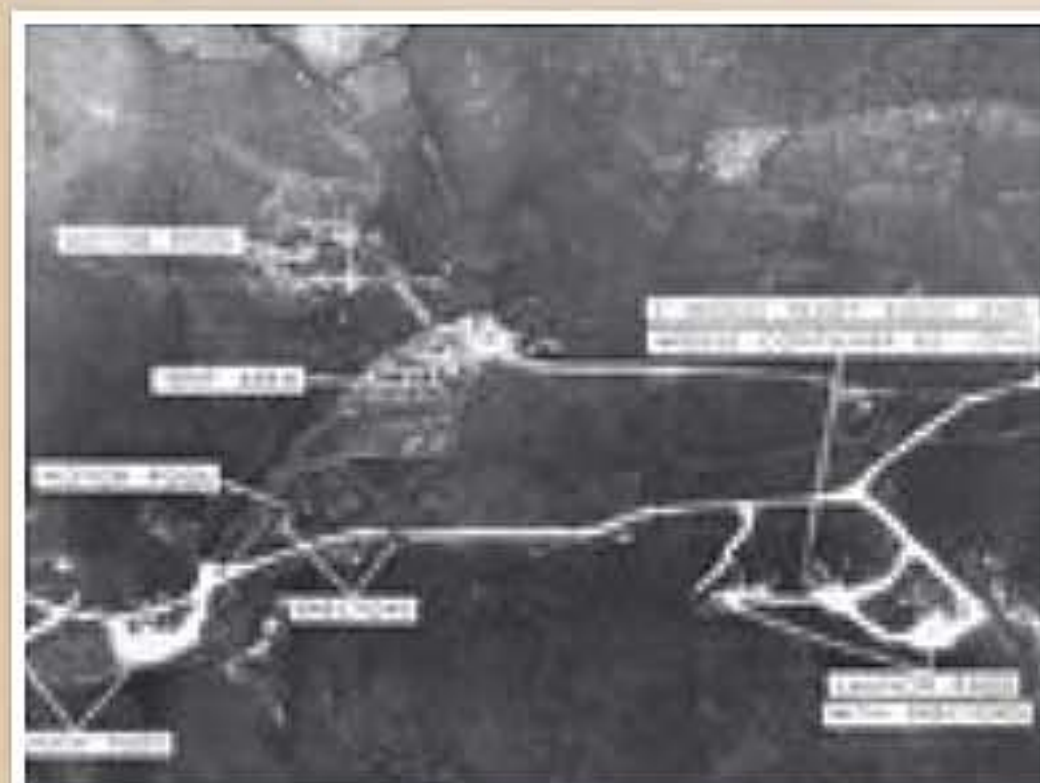
©1

Nem se compara ao Brasil

	CUBA	BRASIL
Desenvolvimento humano (posição no ranking mundial)	50º	69º
Analfabetismo (% da população)	0,2	11,4
Internet (milhões de usuários)	26	39

Fonte: Revista da Semana

50 ANOS EM 5 CENAS Guerra Fria e fim da União Soviética deixaram marcas profundas na recente história cubana



©1

CRISE DOS MÍSSEIS

Em 1962, Cuba foi o pivô de uma crise que quase acabou em guerra nuclear. Os soviéticos estavam construindo mísseis na ilha e foram descobertos pelos Estados Unidos. A tensão movimentou exércitos, até que a União Soviética retirou as armas com o compromisso de que os americanos não atacariam Fidel.



©1

ESCOLA DE GUERRILHA

Entre as décadas de 1960 e 1990, Cuba apostou na internacionalização da revolução. Financiou guerrilhas mundo afora, com Che Guevara (foto) liderando pessoalmente movimentos revolucionários na Bolívia e no Congo. A ilha virou campo de treinamento para guerrilheiros – entre eles o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu.



©2

A “MÃE” SOVIÉTICA

Desde a aliança com o dirigente Nikita Krushev (foto), em 1961, até 1991, Cuba recebeu uma bela “mesada” da União Soviética: cerca de 6 bilhões de dólares anuais em investimentos e subsídios. Foi assim que os cubanos enfrentaram o embargo imposto pelos Estados Unidos – em vigor desde 1962.

POLÍTICA

A revolução substituiu uma ditadura (a de Batista) por outra (a de Fidel). O regime é de partido único desde 1961 e só há eleições diretas para deputados (614 no total). São eles que escolhem o Conselho de Estado e seu presidente, que lidera o governo.

Nos 49 anos em que Fidel não desgrudou do poder, o Brasil teve 13 presidentes:



Fonte: Presidência da República

ECONOMIA

Cuba vive uma estagnação econômica desde o início dos anos 90 (*leia mais no quadro abaixo*). A ilha ainda resiste ao embargo dos Estados Unidos – em vigor desde 1962 – graças aos dólares do turismo e à exportação de açúcar e tabaco. De 2000 para cá, a Venezuela de Hugo Chávez fornece cerca de 100 mil barris de petróleo por dia em troca de serviços sociais.

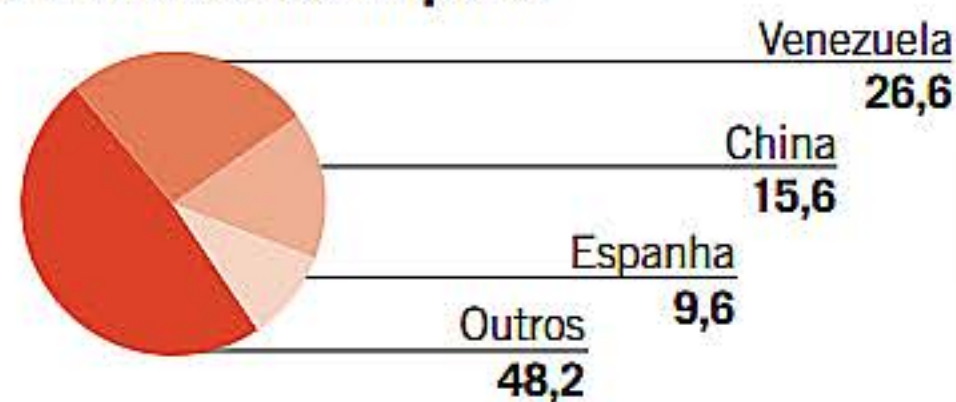
O PIB brasileiro é mais de 25 vezes maior que o cubano

Produto interno bruto (PIB)

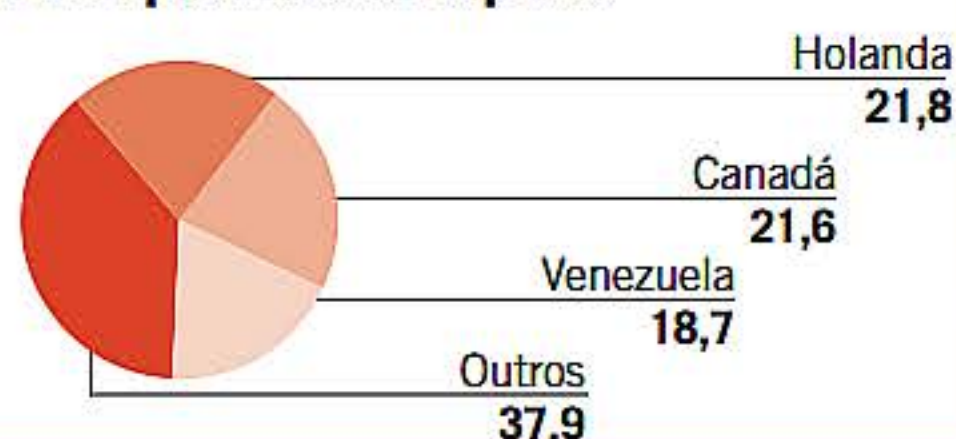
(em US\$)



De onde Cuba importa



Para quem Cuba exporta



Fonte: Revista da Semana

DIREITOS HUMANOS

A restrição aos direitos civis é severa na ilha. Um cubano flagrado escrevendo críticas ao governo pode pegar até 20 anos de prisão. Estima-se que existam mais de 200 presos políticos em Cuba – sujeitos, inclusive, à pena de morte. Segundo a ONG Human Rights Watch, os réus não têm direito a defesa. As últimas execuções teriam ocorrido em 2003.

Cuba aparece entre os últimos colocados no ranking da liberdade de imprensa entre 169 países:

- 1º lugar Islândia
- 10º lugar Portugal
- 20º lugar Alemanha
- 48º lugar Estados Unidos
- 84º lugar Brasil
- 165º lugar Cuba
- 166º lugar Irã
- 167º lugar Turcomenistão
- 168º lugar Coreia do Norte
- 169º lugar Eritreia

Fonte: Repórteres sem Fronteiras



BAQUE ECONÔMICO

O colapso da União Soviética, no início dos anos 90, fez os subsídios secarem e condenou a ilha a uma longa estagnação. Surgiram os *balseros*, cubanos que tentam fugir para os Estados Unidos em balsas precárias. A crise obrigou Fidel a abrir o país ao turismo e permitir que exilados enviassem dinheiro aos parentes.



APOSENTADORIA

Depois de dirigir o país por quase meio século, Fidel Castro afastou-se em 2006, por motivo de saúde. Seu irmão, Raúl, assumiu o posto interinamente, até ser eleito presidente no começo de 2008. Fidel pendurou o uniforme de comandante. Agora, só é fotografado de pijama ou usando agasalho esportivo.

NA CONTA DE FIDEL

Segundo a Fundação para os Direitos Humanos em Cuba, o comandante é responsável pelos seguintes crimes:

- ★ Manter um regime político que limita liberdades individuais e viola direitos humanos.
- ★ Perseguir e manter na prisão oponentes políticos, privá-los de defesa e submetê-los a tortura.
- ★ Transportar 149 prisioneiros numa *van* hermeticamente fechada, em 20 de abril de 1961, provocando a morte de nove ocupantes ao longo de uma viagem de quase 11 horas.
- ★ Afundar um barco lotado de refugiados em 13 de julho de 1994, matando 42 pessoas.
- ★ Condenar à pena de morte aproximadamente 15 mil pessoas desde que tomou o poder, em janeiro de 1959.



Raúl ainda como ministro da Defesa: subestimado pelos historiadores

Foi manchete de jornal no mundo inteiro, em julho de 2006: “Fidel se afasta da presidência em Cuba”. Depois de quase 50 anos, o líder cubano estava deixando o comando, por problemas de saúde. Seu lugar foi ocupado interinamente pelo irmão, Raúl, que ali ficaria até a volta do titular. O problema é que o titular não voltou. Em janeiro de 2008, lá estava Fidel novamente nas primeiras páginas, dessa vez renunciando em definitivo à condição de homem forte. No mês seguinte, a Assembléia Nacional declarou Raúl o novo presidente. E foi assim que esse comunista baixinho e de bigode, herói da revolução, virou a cara oficial do poder em Cuba.

Raúl Castro, hoje com 77 anos, sempre foi o braço direito de Fidel, desde antes da revolução. Em Sierra Maestra, comandou tropas e foi tão importante para a vitória quanto todos os outros líderes, entre eles Ernesto Che Guevara e Camilo Cienfuegos. Com a deposição do ditador Fulgêncio Batista, tornou-se ministro da Defesa. E só abandonou o cargo quando teve de assumir a presidência. Para os cubanos, Raúl é uma figura tão familiar quanto o irmão. Mas, para o resto do mundo, representa uma incógnita. Afinal, quem é ele? O que pensa? E qual será o futuro da ilha com o poder integralmente em suas mãos?

A NOVA VELHA CARA DO PODER

QUEM É RAÚL CASTRO? QUAL SERÁ O DESTINO DE CUBA SOB SEU COMANDO? ELE QUER RESOLVER OS PROBLEMAS DA ILHA, MAS NADA INDICA QUE VÁ RESTAURAR A DEMOCRACIA

Por Bianca Nunes e Mauricio Manuel

Nem parecem irmãos

A revista americana *Time* destacou algumas divergências entre Raúl e Fidel



	RAÚL	FIDEL
Habitação	Finalmente, deu aos cubanos o direito à casa própria. Até hoje, todas as moradias eram concessão exclusiva do Estado.	Crítica a imprensa mundial – que, ao tratar Havana como uma cidade em ruínas, “fala de nosso país como de indigentes”.
Consumo	Liberou telefones celulares. Há seis modelos de aparelho à venda na ilha, com preços entre US\$ 64 a US\$ 288.	Reprova o uso dos celulares e diz que, com essa tecnologia, “já não se pode garantir segredo sobre o que um casal conversa”.
Diplomacia	Defende abrir conversações com os Estados Unidos para encontrar uma forma de acabar com o bloqueio econômico.	Afirma que se os americanos assumissem o controle da ilha, “fechariam escolas e mandariam todos os jovens cortar cana”.

Fonte: *Time*

“Não surpreende que Raúl hoje esteja no poder”, afirma Brian Latell, ex-agente da CIA para a América Latina e autor do livro *Cuba sem Fidel*. “Esse homem dominou durante décadas as três instituições cubanas mais poderosas: o Partido Comunista, as Forças Armadas e o serviço de inteligência.” Numa palestra promovida pela Heritage Foundation, nos Estados Unidos, pouco depois da renúncia de Fidel, Latell declarou estar convencido de que historiadores e analistas políticos subestimaram o novo presidente ao longo desses 50 anos de revolução. “Se a história recente da ilha fosse um filme, Fidel teria sido o diretor. Mas Raúl Castro foi o diretor, o homem por trás das câmeras, aquele que organiza. Foi ele quem estruturou as instituições que sustentaram o regime até hoje.”

De acordo com o ex-agente da CIA, os irmãos Castro são muito diferentes um do outro. Raúl é pragmático, avesso a aparições públicas e discursos longos. Sua liderança é menos centra-

lizadora. “Ele ouve, consulta pessoas, tem uma personalidade absolutamente distinta da de Fidel.” Mas as principais diferenças, na opinião de Latell, estão nas prioridades. “Raúl quer salvar a economia, que está quebrada, melhorar o sistema de transporte, que não funciona, e modernizar o setor agrícola, que não produz alimentos. Além disso, há 2 milhões de jovens em Cuba ou mais que estão profundamente insatisfeitos com a herança que Fidel deixou. Eles querem mudanças, oportunidades. Querem navegar na internet, viajar para fora do país. É com essa geração que Raúl está especialmente preocupado.”

O cientista político William Leo-Grande, professor da American University, em Washington, acha difícil que a aposentaria de Fidel leve a mudanças profundas no regime cubano. “Não há dúvidas de que Raúl Castro tem em vista transformações econômicas significativas, mas o novo dirigente não demonstra a mesma postura em relação ao sistema político.

Cuba certamente continuará sendo um regime de partido único.”

Ao que tudo indica, a análise está correta. Raúl não esboçou qualquer reforma política até aqui. Mas tomou algumas decisões surpreendentemente liberais desde que assumiu o poder (leia mais no quadro acima). Permitiu o uso irrestrito de telefones celulares a todos os habitantes da ilha, por exemplo (o país tem a menor taxa de uso de celulares da América Latina). Também autorizou a venda de computadores, entre outros produtos eletrônicos. São avanços, embora cosméticos e num ritmo de conta-gotas – nada parecido com o furacão que varreu a União Soviética e o Leste Europeu no fim dos anos 80, começo dos 90, derrubando regimes e abrindo mercados. A democracia, vista de Cuba, ainda parece bem distante. ★

Saiba mais

LIVRO
Cuba sem Fidel, Brian Latell, Novo Conceito, 2008
O autor, um ex-agente da CIA, analisa as trajetórias de Fidel e Raúl Castro enquanto projeta o futuro da revolução cubana – agora, sob nova direção.